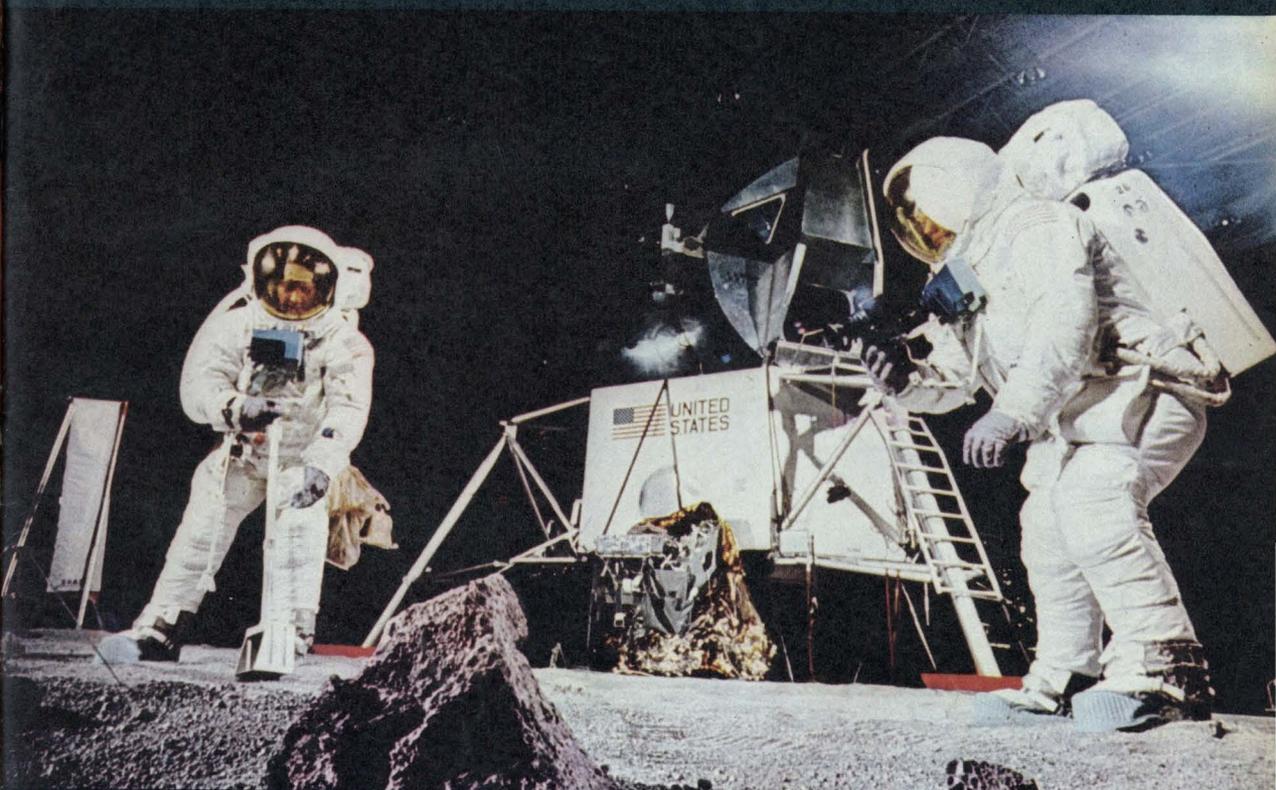


FLAMMA

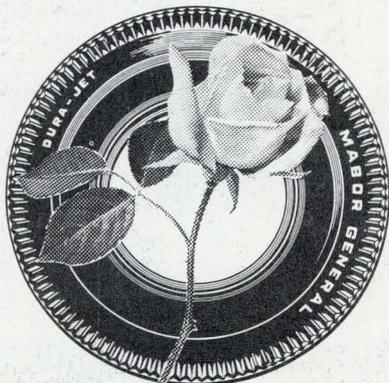
N.º 1117/ANO XXVI/1 DE AGOSTO DE 1969/7.50

JUAN CARLOS: A ESPANHA REGRESSA À MONARQUIA

LUA: OS PASSOS NO DESERTO



ARMSTRONG: ENTRADA COM O PÉ ESQUERDO



A segurança também é feminina...



Sim, é verdade, eu preocupo-me com a segurança. O meu bom senso diz-me que ela depende, também, dos pneus (pensarão assim todos os homens...)

Por isso escolhi DURA-JET, um pneu que me oferece a garantia de milhões de quilómetros rodados em estradas portuguesas. Com um piso que se "agarra" ao solo e "segura" o carro nas travagens e curvas. E me dá a vantagem da assistência técnica da MABOR, que resolve todos os meus problemas. Sem perdas de tempo.

Costumo dizer às minhas amigas que as mulheres que sabem o que querem escolhem DURA-JET. Porque não faz como eu?

DURA-JET SEGURANÇA COMPROVADA
MABOR
GENERAL

SUMÁRIO

COR

Mia Farrow 28-30

NACIONAL

Alexandre O'Neill 14-15

Teatro de Algés 16-19

Praia: os perigos da beira-mar 22-25

A indústria do tomate 46-53

O despertar da cidade 54-57

INTERNACIONAL

Os primeiros homens na Lua 31-45

Tom Jones 60-65

A visita de Nixon à Roménia 66

D. Juan Carlos, futuro rei de Espanha 70-74

CRÓNICA

Toiros 58

RUBRICAS

Em foco 4-10

Cartas ao Director 12

Crocodilo 67

Palavras cruzadas 68

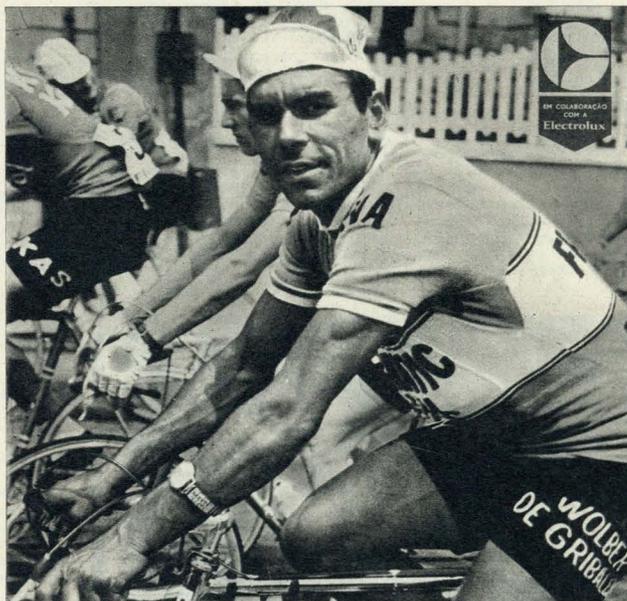
CAPA: Os primeiros homens na Lua

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHEFES DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS e J. SILVA PINTO / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA, S.A.R.L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-46174/5. Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L., Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada.

A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção

DIÁLOGO COM O LEITOR



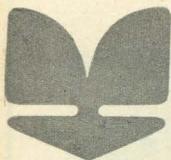
NOS BASTIDORES DA REPORTAGEM

Fazer mais de 2000 quilómetros de avião, pagar um táxi a 6\$00 ao quilómetro e a 120\$00 por cada hora de espera, percorrer 150 quilómetros, encharcados em suor, andar a pé cerca de três quilómetros à torreira do sol, entrar num ginásio onde centenas de jornalistas, distilando suor dos troncos nus, matraqueavam reportagens nas respectivas máquinas, esperar cerca de uma hora, de pé, ante um senhor grave e ouvir da sua boca ser impossível obter *passes* para assistir à chegada de Agostinho a Vincennes («ninguém os mandou vir de Lisboa para cá»), eis o que aconteceu aos nossos repórteres Simeão Ramires e Joaquim Lobo, na sua deslocação a França, para acompanhar o ciclista português nas últimas tiradas do «Tour».

Os anglo-saxónicos têm uma máxima que em geral respeitam: «newsmen no news» (que é como quem diz — «Os jornalistas não são notícia»). Também não é menos verdade que, quando as circunstâncias o justificam, eles quebram essa regra. Eis o que fazemos agora, até porque este diálogo consigo, leitor, tem uma moral, como se de fábula, se tratara. Essa moral é a reportagem que fizemos a semana passada e que, com outras das nossas iniciativas, fez esgotar rapidamente esta vossa revista, nas bancas de venda.

ZÂMBIA-PORTUGAL: DO MATO PARA A ONU

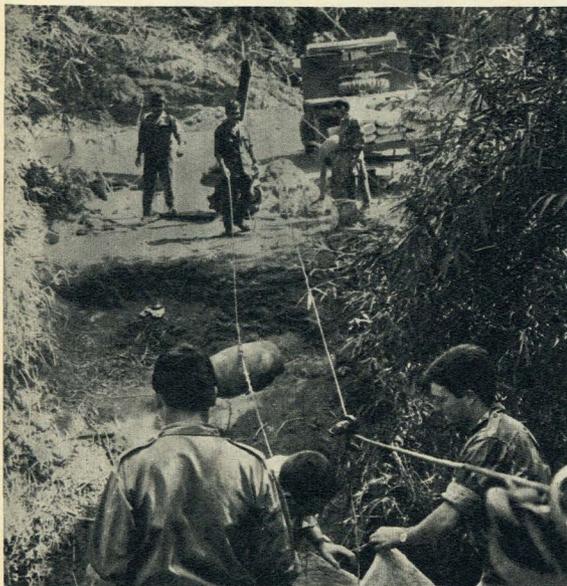
SERVIÇO ESPECIAL



Foi discutida no Conselho de Segurança das Nações Unidas a acusação da Zâmbia relativa a bombardeamentos da aldeia zambiana de Lote, perto da fronteira de Moçambique, os quais teriam sido realizados no dia 30 de Junho e 2 e 4 de Julho. Quando foi anunciada a apresentação

ga, acusou as Forças Armadas Portuguesas estacionadas em Angola e Moçambique de trinta e cinco violações das fronteiras e de vinte e cinco do espaço aéreo, nos últimos tempos. Na resposta, o delegado português, dr. Bonifácio de Miranda, repetiu os ataques referentes ao estabelecimento de bases de guerrilheiros na Zâmbia. Referiu, também, uma proposta feita ao governo de Lusaka no sentido da criação de uma comissão mista luso-zambiana para demarcação da fronteira, à qual a Zâmbia não respondeu.

Antes do início da segunda sessão dos debates, foi distribuída uma carta, assinada por 32 países africanos, apoiando a queixa da Zâmbia, ao mesmo tempo que se solidarizavam com a ocupação da República Democrática



A guerra em África, motivo de confrontos com países africanos.

da queixa da Zâmbia, imediatamente o Ministério dos Negócios Estrangeiros português atacou a Zâmbia por permitir a permanência no seu território de movimentos antiportugueses, nomeadamente o M.P.L.A.. Recorda-se que, tempos antes dos ataques mencionados na acusação, as tropas zambianas tinham prendido dois militares portugueses em território daquele país. Comunicou, então, o Governo de Lisboa que os referidos militares tinham atravessado a fronteira de boa-fé. O poder judicial zambiano veio absolvê-los, mas o presidente Kenneth Kaunda, pressionado por grandes manifestações, sobretudo de jovens, anulou a decisão do tribunal.

O embaixador da Zâmbia nas Nações Unidas, Vernon Johnson Mwaan-

do Congo (Kinshasa), da República Popular do Congo (Brazzaville), do Senegal, da República da Guiné e da Tanzânia. Foram oradores os embaixadores da Hungria e da Tanzânia, que acusaram os países da N.A.T.O. de apoiarem Portugal na luta que trava em África. O embaixador da Tanzânia queixou-se também de possíveis acções de tropas portuguesas contra o seu país. O dr. Bonifácio de Miranda, ao rejeitar as acusações, criticou o comportamento de todos os países africanos que têm prestado auxílio aos grupos que actuam em Angola, Moçambique e na Guiné. Na reunião do Conselho de Ministros do dia 22, o dr. Franco Nogueira apresentou os principais aspectos deste grave problema.

NÃO CORTEM AS PERNAS DE JOAQUIM AGOSTINHO

SIMEÃO RAMIRES

Com o seu espírito de sacrifício, a sua coragem, o esforço dos seus músculos e o seu sangue, o corredor Joaquim Agostinho escreveu, a pedalar por 4100 quilómetros das estradas de França, a mais bela história do ciclismo nacional. Interessará agora não alienar (ainda que de um modo simpático e sentimental tão do nosso pendor) a carreira do maior ciclista português de todos os tempos. É que poderá estar actualmente em curso um subtil processo de condicionamento do atleta e impõe-se a todos nós o dever de raciocinar com clareza, para além do sentimento. A nossa emotividade de à flor da pele, fácil, espontânea, gerou um movimento de solidariedade que deverá terminar pela entrega a Agostinho de várias prendas. É simpático, todos estamos de acordo, mas poderá revestir-se de inconvenientes graves, se os ofertantes não tiverem a contenção indispensável e não souberem resistir às tentações de limitar a esfera de acção de Agostinho, ainda que seja por mera e pura amizade.

Façamos um termo de comparação, para que certas pessoas (sempre farejadoras de más intenções) não possam desvirtuar os nossos verdadeiros propósitos: não se pode pôr em dúvida a autenticidade do amor de certas mães pelos respectivos rebentos, mesmo quando elas, em consequência da obsessão desse mesmo afecto, asfixiam a verdadeira personalidade (a vida até) dos próprios filhos. Também a amizade excessiva e a alienação sentimental do nosso meio, podem limitar a carreira de um ciclista como Agostinho e impedir que ele venha a alcançar aquilo que lhe é possível, se continuar com o mesmo espírito de luta, a mesma dureza granítica, a mesma persistência com que outrora empunhava o cinzel e desbastava a pedra bruta.

Acentue-se desde já que o atleta nunca ficará a dever nada aos seus ofertantes de agora e de mais tarde. Quem dá deve dar com isenção e porque esse acto representa o júbilo e a compensação por quanto Agostinho fez no passado. A ninguém será legi-



Joaquim Agostinho: opção entre duas estradas.

timo dar como quem faz uma hipoteca do futuro de Agostinho, no sentido de que, mais tarde, quando ele tiver de optar entre uma fácil carreira nacional, ou uma verdadeira e difícil subida da escada da fama e da conquista do dinheiro, lá fora, se venha a fazer pesar na balança a *vida de gratidão* que ele terá contraído agora. Dêem a Agostinho, sim, mas não esperem cobrar o juro de uma gratidão mal entendida que prejudique o seu dever de ciclista. Ele é muito capaz, como já demonstrou, de



A apoteose e o triunfo talvez dêem lugar à pacatez do ciclismo doméstico.



O FILME DE TURISMO: PARA O ANO SERÁ MELHOR

ALEXANDRE MANUEL



Turistas: objecto de uma indústria que aproxima os homens

conquistar a golpes de um gigantesco trabalho o seu lugar de evidência nesta nossa ocidental sociedade capitalista. Não precisará de caridade, nem de esmolas. É um lutador. É, repetimo-lo, um pedreiro que não quis esperar o trem e está a amearhar a compra do seu próprio trem.

Observe-se também, quanto a certas dádivas, o pouco disfarçado propósito publicitário de, a respeito de um homem que está a atrair as atenções gerais, fazer mencionar os nomes das casas tais e tais como ofertantes destes e daqueles artigos. Isso não é uma oferta, é um negócio publicitário, legítimo como é óbvio, mas cuja compensação monetária é largamente excedida pela propaganda feita (de modo automático) ao produto ofertado. Ninguém oferece sapatos, botas ou até alpargatas ao Zé-Povinho, a quem a são para os vencedores. Haja portanto a clarividência de reconhecer que eles nada ficarão a dever a quem oferece, até porque ou não precisam da oferta ou esta apenas representa a compensação de um débito.

Como toda a gente sabe, Agostinho teve contratos muito remuneradores em perspectiva e virá a ter muitos outros, no futuro, se cuidar da sua carreira de ciclista. Não o deixar competir no estrangeiro com a frequência desejada virá a ter duas consequências graves: (1) privar o corredor de auferir largos proveitos capazes de assegurar o seu futuro económico de forma definitiva; (2) impedir que ele porrida no contacto com os grandes corredores do ciclismo actual.

Todos os estradistas em evidência na Volta a França só depois dela auferem os proveitos do seu esforço extra. Durante o «Tour», todas as equipas (incluindo os respectivos chefes) trabalham para o «bolo». Assim foi com Agostinho, como ele no-lo referiu. A diferença de ganhos vem depois, nos contratos preferenciais bem pagos que as veleitas logo a seguir arthanjam. Ora, Agostinho o tem um contrato com o seu clube e, por motivos de interesse deste e até do interesse nacional (a projecção da próxima volta ciclista ao nosso País) considerou-se não ser oportuno que ele aceitasse as propostas feitas em França. Se, por um lado, se lhe tirou a possibilidade de ganhar muito bom dinheiro, justo é reconhecer, pelo outro, que se lhe dará certo descanso, depois do violento esforço da sua brilhante estreia no «Tour». As ofertas em perspectiva vem de certo modo compensar as perdas monetárias de Agostinho. Até por isso, elas não poderão vir a constituir uma hipoteca da futura carreira do ciclista. Espartilhá-lo dentro das nossas fronteiras seria, de resto o pior; e não só para ele mas também para o clube e para o ciclismo nacional. Agostinho é hoje uma figura do mundo do ciclismo. Mas neste mundo de competição tremenda, não se vive da fama do passado. É preciso competir, competir sempre.

Estamos, portanto, certos de que ninguém querará (ele, o clube e todos nós) que Agostinho venha a ser um ciclista de pernas cortadas por mesquinhos interesses de sentimentalismo, amizade e carinho mal entendidos.

O cinema do antigo Casino Estoril (futuro Palácio dos Congressos) foi, durante cinco dias, cenário do I Festival Internacional do Filme Turístico. Iniciativa de «Publicituris» (jornal para profissionais de Turismo), com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol e da Direcção-Geral de Turismo. O Festival — «experiência tímida» como o classificou o seu director — teve a participação de 35 películas de 15 países: (Irlanda, Holanda, Inglaterra, Canadá, Itália, Estados Unidos, Espanha, Bélgica, Áustria, Japão, Brasil, México, Suécia, Suíça e Portugal).

A ideia mereceu ser acarinhada para se poder transformar «num acontecimento de grande relevo que, ao mesmo tempo, prestígio e cinema, como arte, e o turismo, como indústria que também aproxima os homens e promove o entendimento e a Paz».

Realidade firmada há muito tempo em todos os países com pretensões turísticas, Portugal apenas agora o tentou, não tendo tido — segundo Nuno Rocha — a esperada correspondência não só do grande público, mas principalmente do público turístico.

Este foi sem dúvida um dos males de que enfermou o Festival, compreensível aliás pela época e pelo local: à sala do velho Casino faltam-lhe algumas das condições estritamente necessárias para realizações deste género (ausência de ar condicionado, má projecção, som bastante fraco, etc).

Outra deficiência residia na enorme quantidade de filmes projectados, a muitos dos quais faltou mesmo um mínimo de qualidade. «Mas no próximo ano — disse-nos ainda o jornalista Nuno Rocha — isso não acontecerá». A partir de Outubro uma comissão começará já a preparar o II Festival. As sessões decorrerão, então, das 20 às 22 horas seguindo-se recepções e bailes nos hotéis da zona.

oferecidos pelas embaixadas e companhias de aviação dos países con-correntes.

Terá sido medíocre este I Festival? Quanto a nós o seu pior defeito residiu no predomínio da quantidade em detrimento da qualidade. Foi, em suma, um festival com defeitos (corrigíveis) mas com a grande virtude duma iniciativa.

Há apenas que dar-lhe — na expressão de Baptista Rosa — «retumbância, divulgação e rodeá-lo de uma organização à altura dos grandes cer-

tames do género. E os organizadores deste poderão fazê-lo!»

A presença portuguesa foi assinada por nomes sobejamente conhecidos do meio cinematográfico nacional (Fonseca e Costa, Alfredo Tropa e António Macedo).

«Nós só podemos trabalhar em cinema de encomenda — disse-nos Alfredo Tropa. Em Portugal não há propriamente falta de realizadores, há, isso sim, ausência de meios para que eles consigam realizar algo de válido».

Conseguirá este Festival, com a continuidade que esperamos e desejamos ver, um incentivo para o filme turístico e consequentemente para o Turismo nacional? Aguarde-se.

OS PRÉMIOS

Em sessão que precedeu o jantar de encerramento deste certame foram entregues os prémios que o Júri (constituído por Baptista Rosa, Lauro António, Manuel Neves, Augusto Cabrita, Nuno Rocha, Luis Ros e Albino André) decidiu atribuir:

«Sol de Oiro — ao filme «Amsterdam de Herman van Der Horst (Holanda); «Sol de Prata ao filme «Instantâneos 68 de Rafael Corkidi (México); «Sol de Bronze ao filme «Évora de Fonseca e Costa com a colaboração de Elso Roque e Carlos Paredes.

O Júri atribuiu ainda um prémio especial «ex-aequo» aos filmes «Atlantic Paks» de Bill Young (Canadá) e «La Flandre Orientale de Jean Brismé (Bélgica) pelo aproveitamento de um formulário turístico tradicional que os autores reinventam por meio de ironia e imaginação plástica».

Foi ainda atribuído um prémio de fotografia ao filme suíço «A Fleur de l'eau».

A todos os países participantes foi entregue uma placa comemorativa, fama não atira para baixo da luz crua dos projectores. Não se dá; (ou dá-se pouquíssimo) ao desconhecido, humilde e apagado semelhante. As ofertas



O MENINO NA CIDADE DOS HOMENS — O menino veio de longe, numa camioneta garrida e a cidade. Quando a noite chegou a mãe improvisou-lhe a cama ao ar livre, em cima de ervas, porque estava calor. O dia raiou e os homens vieram dizer que a criança estava a «estragar» a cidade. Ainda ensonado, sem perceber, foi obrigado a levantar-se e foi brincar. Com muito juízo — porque os homens espreatam tudo o que o menino faz.

FÉRIAS: O BÍPEDE CITADINO À PROCURA DOS ESPAÇOS LIVRES

SIMEÃO RAMIRES



E ainda dos centros urbanos com maior número de infra-estruturas ditas civilizadas que sai a esmagadora maioria daqueles que gozam férias. A aglomeração de seres humanos em localidades com esgotos, água encanada, electricidade, ruas (mais ou menos) pavimentadas, transportes públicos, farmácias e mercearias e oficinas e tantas outras lojas de ao virar da esquina torna o bípede humano demasiado confiante e imprevidente quanto às condições que vai experimentar no seu mês de descanso. Claro que quanto aos (raros) que saltarão de um ambiente climatizado urbano para os hotéis de luxo ou de primeira, (também climatizados), erguidos do Minho ao Algarve, não serão de prever muitas surpresas. Ar condicionado é ar condicionado e entre uma alcatifa de mão travessa e outra de 10 cm de alto, não se prevê que sejam de notar diferenças sensíveis, só pelo facto de uma revestir um sobrado na Lapa ou no Restelo e outra forrar o pavimento de um hotel de Ofir ou de Albufeira.

As surpresas, as diferenças que podem vir a trazer inconvenientes mais ou menos graves, apresentam-se para quantos mudem radicalmente de meio. Isto é, passem de uma vida sedentária, longe do sol e do ar livre, para as improvisadas casas de verão, em localidades batidas pelo sol e pelos ventos, nas proximidades de rios, mar ou lagos, ou na segura das planícies, sem águas canalizadas, sem electricidade, sem esgotos. A esses, e também a todos quantos praticam campismo ou qualquer outra actividade de ar livre, importa tomar precauções, aviar-se em terra citadina antes de se lançar no oceano do veraneio mal equipado e deficientemente abastecido ante as eventualidades que vão deparar-se-lhes.

OS INSECTOS PICAM...

Focaremos, hoje, mais alguns aspectos destes problemas que temos vindo a tratar, nesta altura de férias. Não se deverá esquecer que a epiderme do *homo urbanus* é muito sensível, por desabituada, às picadas dos insectos. Ora, no campo ou na praia, os insectos proliferam com uma vitalidade notável. Formigas, moscas, pulgas, mosquitos, percevejos, pulgas do mar e tantos outros bichinhos no género podem tornar insuportável uma estada, que se deseja reparadora de energias gastas durante um ano de trabalho intenso. Será conveniente munir-se de insecticidas poderosos. Existem no mercado das mais diversas marcas, perfumes e efeitos. Aplique-os com as cautelas desejadas e, no caso de ter crianças de tenra idade, escolha alguns (poucos) que não são tóxicos para o homem.

A despeito de ir prevenido com os insecticidas necessários, convém prever as consequências de eventuais mordeduras daqueles insectos. Há pessoas que têm reacções secundárias muito desagradáveis que levam tempo a passar e podem causar noites de insónia. Estes desagradáveis efeitos fazem-se sentir com maior intensidade nos bebés. Importa pois ir prevenido com produtos que façam desaparecer pruridos e inflamações cutâneas ou as atenuem grandemente. Há líquidos, pomadas, unguentos e sprays que se revelam de muita utilidade. Consultem os vossos médicos, muito especialmente se forem atreitos a reacções alérgicas a mínima picada. Casos há em que só na realidade um dermatologista se pode pronunciar com eficiência.

DESINFECTANTES INTESTINAIS

Há um outro aspecto que requer muito cuidado, quanto às deslocações para férias. A mudança de águas, de hábitos alimentares e de alimentos pode ser a causa de perturbações de estômago, fígado e intestinos. Essas perturbações poderão ser de natureza fisiológica ou psicológica. Convirá, portanto, e sempre a conselho médico, levar os produtos indispensáveis para se impedirem ou curarem infeções intestinais e outros males resultantes de uma mudança radical de hábitos de viver. Geralmente, esses casos ocorrem longe de lugares onde haja médicos, farmácias e possibilidades de se dispor dos necessários meios de cura. É preciso, por isso, e além de todas as naturais cautelas (ferver a água de poços e fontes antes de bebê-la; lavar bem todos os alimentos antes de consumi-los; não tomar banho em poços ou lagunas de águas estagnadas, nem se banhar em locais para onde se sabe que vão dar esgotos, etc.) ir prevenido com desinfectantes intestinais.

A farmácia do veraneante deverá ainda conter pensos rápidos, algodão, ligaduras, mercurocromo, álcool e tintura de iodo. Em caso de acidentes ligeiros (tão frequentes, especialmente com as crianças) poderá desinfectar e curar uma ferida que, de outro modo, será origem de grave infecção. Tenha cuidado com os seus filhos e não se esqueça de os mandar vacinar contra o tétano. Vacine-se também, pois o tétano é ainda responsável por grande número de mortes, no nosso País. Deverá também ser inflexível quanto a uma regra de ouro — ande sempre calçado e faça com que os seus filhos também andem sempre calçados, salvo na areia, à beira-mar, quando o areal for limpo. O homem citadino não está habituado a evitar os naturais obstáculos que os campestres torneiam com uma espécie de segundo sentido, nem tem, como eles, solas de pés com uma consistência bem mais espessa. Todavia, até esse calo não evitaria pregos e espinhos de maior dureza que abundam por todos os lados, na província. Cautela, portanto.



HONDURAS-S. SALVADOR: DO CHUTO AO TIRO

«OBSERVER»

A despeito dos duros esforços diplomáticos, desencadeou-se entre as Repúblicas de El Salvador e das Honduras uma pequena e vergonhosa guerra — a chamada guerra do futebol.

Na semana passada, na capital da Guatemala, os ministros dos Negócios Estrangeiros de três países da América Central — Guatemala, Nicarágua e Costa Rica, puseram em cheque os seus colegas de El Salvador e das Honduras. Depois do encontro entre os ministros, tm sido trocados tiros junto à fronteira. Este estado de coisas parece tender a prolongar-se até que a situação regresso ao normal.

Os naturais de Salvador receiam que seja cometido o «genocídio» contra os seus concidadãos residentes nas Honduras, receio esse que parece querer apaziguar-se dado que ast ropas concentradas junto à fronteira estão agora mais seguras de si, e o desentendimento entre as cinco nações membros do Mercado Comum da América Central parece ter sido desviado.

Tudo começou no mês passado, durante os desafios da eliminatória da Taça Mundial. A 8 de Junho, as Honduras venceram El Salvador por 1-0 no campo desta última equipa, em Tegucigalpa, capital das Honduras. Uma semana mais tarde, El Salvador tinha a sua oportunidade de «vingança» no desafio efectuado em San Salvador, capital de El Salvador.

O resultado deste desafio produziu grande agitação nas principais cidades das Honduras que resultou num programa orientado contra os naturais de El Salvador que se encontram no país e, de acordo com os dados oficiais fornecidos por El Salvador, expulsão de 9,7% de cidadãos das Honduras.

As relações diplomáticas foram interrompidas, houve incursões militares e aéreas para além fronteiras, enquanto as mercadorias se amontoavam nos entrepostos, dado que cada um dos países impedia as liberdades regulamentares do comércio, estabelecidas pelo mercado comum.

O terceiro desafio decisivo teve que efectuar-se no México, e a vitória da equipa de El Salvador por 3-2 contribuiu para a exaltação dos sentimentos da população de El Salvador, que se consideram vítimas de uma agressão por parte dos naturais das Honduras.

Mas o que, à primeira vista, parece uma tragi-comédia provocada pelo quente sangue latino, tem as suas origens na pobreza, no analfabetismo e nos complexos de inferioridade nacionais.

El Salvador é um país situado na costa pacífica da América Central. Tem cerca de 3 500 000 habitantes, o que constitui uma densidade populacional extremamente baixa para a América.

Os naturais de El Salvador cultivam, metro por metro, o solo vulcânico do seu país, produzindo café e algodão de óptima qualidade. Foi desenvolvido um modesto sector industrial, modesto em comparação com a indústria internacional, mas bastante avançado em comparação com a reduzida e imperfeita indústria dos países vizinhos. El Salvador superou já o título de «Ruhr da América Central».

Mas, embora a população tenda a aumentar, o povo de El Salvador continua a ser um povo pobre, com um rendimento médio anual inferior a 5750 escudos, sendo analfabetos metade dos adultos. Havendo falta de empregos, os naturais de El Salvador procuram trabalho nos países vizinhos, particularmente nas Honduras.

Honduras é um país várias vezes maior que El Salvador, mas tem uma população relativamente baixa. Praticamente não há indústria. O país esteve completamente dependente de companhias americanas que controlavam, na sua quase totalidade, todo o negócio respeitante à sua principal exportação: bananas.

Não existem estradas nem mesmo para algumas cidades, e Tegucigalpa é a única cidade em toda a América que não é servida pelo caminho de ferro. Os naturais das Honduras são pessoas simpáticas, mas não podemos dizer que sejam muito dinâmicas.

Conquanto exibam grandes problemas de desemprego, os hondurenses são incapazes de ocuparem lugares de operários especializados ou de técnicos nas poucas novas indústrias que começam a desenvolver-se. Estes lugares são normalmente ocupados pelos salvadurenses. Daqui o azedume dos hondurenses. A guerra do futebol pode, e deve, antes ser chamada a guerra dos complexos de inferioridade nacionais.

NUNO FILIPE: O CANTOR DA MANHÃ

DANIEL RICARDO

Os poemas de Maria Teresa Horta são, para mim também, um veículo de comunicação com os outros. Cantando-os, falo acerca das pessoas, dos sítios onde vivem, da forma como vivem, dos seus pequenos e grandes problemas», disse-nos Nuno Filipe, o jovem que se propõe «lavar a cara à música ligeira portuguesa e reagir contra o bafio e o ruralismo que marcam as nossas canções populares».

Nuno Filipe não canta por cantar, nem canta, apenas, para ganhar dinheiro ou fixar atenções. Situa-se, justamente, na recusa de qualquer tipo de concessão (e de adaptação) a mecanismos sociais que considera estiolados e degradantes a razão fundamental do êxito que obtve.

«Pesa sobre quem canta uma grave responsabilidade. Há um grande silêncio que tem de ser quebrado», afirma. A sua voz é forte e nítida. As mãos compridas e ossudas desenhavam gestos breves, incisivos como bofetadas.

CARREIRA IRREVERSÍVEL

Nuno Filipe fez 22 anos em Janeiro. Não concluiu o sétimo ano do curso liceal porque lhe faltou o tempo: empregou-se nos serviços administrativos da R. T. P. («Se não fosse aquele emprego para onde a necessidade me arrastou...») e ocupava as horas livres a dedilhar a viola, a escrever («fiz umas prosas para o «Diário de Lisboa Juvenil») e a participar nas actividades da Pró-Associação dos Liceus. Em 1967, gravou o seu primeiro disco — «Os Gatos». Seguiu-se «A Feira» e, mais recentemente, «Nossas Canções». Acolhido pelos programas de vanguarda da Rádio, presente no «Zip-Zip», o jo-



Nuno Filipe canta poesia, mas poesia mesmo.



Nuno Filipe — êxito para o último álbum.

vem iniciou uma carreira irreversível, na senda da obra de Maria Teresa Horta, base da música que compõe.

«Há muitos anos que, para mim, Poesia e Maria Teresa Horta são duas realidades tão ligadas que não posso abstrair de «Candelabro» e de «Cronista não é Pecado» quando procuro definir o fenómeno poético. Maria Teresa Horta entrou no meu mundo no momento mesmo em que eu começava a construí-lo. Se os parâmetros que, actualmente, condicionam a minha maneira de pensar e agir se mantiverem, os temas de Maria Teresa Horta continuarão a ser os meus temas».

CUNHADO DA POESIA

Nuno Filipe é cunhado de Maria Teresa Horta. Costuma dizer que é cunhado da própria Poesia. «O meu amor / pela manhã / lavando os olhos / com a sua lá».

Que significa lavar os olhos com a sua lá. A lá de quê ou de quem? O jovem tem um olhar sério, quase triste. Anima-se, de súbito:

«Por que não lhe perguntas? Por que não perguntas a Maria Teresa Horta?»

(Marcamos o número do telefone. Responde a voz impessoal da telefonista: «sim...» Pedimos ligação com a poetisa, «Maria Teresa Horta? Aquela senhora do «Zip-Zip»? Um momento...»

Do outro lado do fio vem a surpresa:

«Confunde-me a necessidade que as pessoas hoje têm de obter, para suas interrogações, respostas imediatas, objectivas, precisas. Quando compuz os versos da canção não procurei razões», explica a autora de «Jardim de Inverno», «Agora, posta perante a questão, que hei-de dizer? Há ternura, nas palavras do poema. Um despertar. A manhã tem nuvens. As nuvens são como a lá, uma lá que lava o olhar...»)

PROXIMO DA «POP MUSIC»

As composições de Nuno Filipe não se integram em qualquer corrente definida. Formalmente estarão próximas da «Pop Music» inglesa. De resto, parece constituir uma situação generalizada, no mundo ocidental, o divórcio entre aquilo que a música

ligeira teima em transmitir e os interesses que as forças ocultas que dominam o mercado do disco gostariam de ver defendidos: «Para além disso, os autores distinguem-se claramente uns dos outros e não se agrupam em correntes ou movimentos nacionais salvo quanto a um aspecto, em Portugal: os jovens intérpretes desencadearam, juntos, uma acção renovadora».

Nuno Filipe pensa que essa acção resultou de uma multiplicidade de factores, desde a tradicional inclinação dos portugueses para copiar o que se faz lá fora, até às exigências do inconformismo.

NÃO BASTA CONTESTAR

«O inconformismo é exigente. Não basta contestar. Se não aceitamos o panorama passadista da nossa música ligeira, devemos procurar transformá-lo. Em Inglaterra e nos Estados Unidos nunca deixou de existir, pelo menos, subterraneamente, uma tradição de música digna e honesta, mesmo em tempo de mediocridade. Entre nós a mediocridade abafou todos os sectores, e as pessoas andam muito afli-

tas sem saberem se a música dos novos possui características verdadeiramente portuguesas, se tem raízes folclóricas... Trata-se de uma preocupação inútil. Se existe uma linha de continuidade, está de tal forma escondida que só os eruditos poderão dar com ela. Para os novos, tudo se passa como se tivessem de criar a partir do nada».

A «Filarmonia Fraude» (e em particular a «Filarmonia Fraude» de «Flor de Laranjeira»), Fernando Tordo e Rita Oliveira, bem como Adriano Correia de Oliveira ocupa um lugar importante entre os cantores e compositores que Nuno Filipe considera válidos. «Mas não me ponho a investigar a música deles para saber se tem ou não características genuinamente nacionais...»

Nuno Filipe retira um dos seus discos da capa de cartolina. O prato do «pick-up» gira. No ar, fica a pairar a simplicidade de «Canção da Manhã», o terna «Canção da Saudade». Depois, os acordes de «Barcas» soltam-se vibrantes. Raiva? Angústia? Onde estão o Elvis Presley e o Bob Dylan que, um dia, Nuno Filipe idolatrou? Ele próprio se interroga: «Onde estão os ídolos da minha adolescência?»



EDITH EVANS TOUREIA POR VOCAÇÃO

Chama-se Edith Evans, tem 25 anos e toureia. Estão recordados, já falámos dela. Fez duas corridas em Lourenço Marques e agora uma em Setúbal. Uma carreira que vai de capa em popa.

Edith Evans, filha de um rancheiro mexicano, numa actuação recente em Lourenço Marques.



ABERNATHY: O SUCESSOR DE LUTHER KING

FRANCE PRESSE

O falecido reverendo dr. Martin Luther King, Jr. chocou os seus mais directos colaboradores, em 1965, numa reunião em Baltimore (Maryland) ao aconselhá-los solenemente que escolhessem alguém para o substituir «em caso de tragédia».

Sem surpreender ninguém, o detentor do Prémio Nobel da Paz continuou: «Creio que ninguém está mais próximo de mim, nem ninguém estará mais indicado para continuar o que já se fez, do que o meu velho amigo e colaborador, Ralph Abernathy».

Os auxiliares do dr. King concordaram com o seu desejo e nomearam o rev. dr. Ralph David Abernathy para primeiro vice-presidente da Southern Christian Leadership Conference (SCLC), título que o presumível sucessor assumiu em acumulação com o seu cargo regular de secretário-tesoureiro da SCLC.

Menos de três anos depois, a 4 de Abril de 1968, a tragédia profetizada pelo dr. King tornou-se realidade quando um assassino disparou e matou o grande filantropo, em Memphis, Tennessee. O cargo da chefia da SCLC passava, cinco dias mais tarde, para as mãos dum Ralph Abernathy, desgostoso e relutante.

«Nenhum homem pode preencher o lugar do dr. King — afirmou. — É uma tarefa terrível. Mas, por muito difícil que a tarefa seja, devemos ir por diante.»

Calmo, de falar lento, o dr. Abernathy, embora seja um orador dotado,

não é um «leader» como o dr. King. Nos onze anos que trabalhou na SCLC, participou em marchas ao lado do dr. King, substituiu-o e falava na sua ausência, quando «a folha de serviços» do dr. King o obrigava a cancelar um discurso. Mas o seu estilo mantinha-o em plano subalterno.

«Nunca desejei chefiar o movimento» confessava, em 1965. «Sempre desejei estar ao lado do dr. King, não à frente dele».

Contudo, o dr. Abernathy era considerado indispensável. Inteligente, trabalhador e corajoso, é muito respeitado pelos directores administrativos da SCLC. Segundo o rev. Andrew J. Young, membro da SCLC, o dr. Abernathy «foi o primeiro responsável pela constituição da SCLC e pela eleição de Martin Luther King como seu chefe».

A amizade do dr. Abernathy pelo dr. King nasceu em Montgomery, Alabama, em 1956. Ambos eram pastores de igrejas baptistas protestantes naquela cidade, ambos se lançaram na cruzada contra a segregação. Negros e brancos simpatizantes boicotaram os autocarros durante 381 dias, até que o Supremo Tribunal dos Estados Unidos aplicou, finalmente, a legislação que bania a segregação nos autocarros.

Depois da boicotagem, o dr. King constituiu a «Southern Christian Leadership Conference», para promover uma campanha a favor da igualdade racial nos estados sulistas.



Luther King e sua mulher



Abernathy: trabalhar para os pobres

O dr. King persuadiu o dirigente que viria a suceder-lhe a deslocar-se a Atlanta, Geórgia, para dirigir a nova organização. Depois disso, os dois homens tornaram-se quase inseparáveis.

No fim da década de 50 e princípio da de 60, a Conferência começou a desafiar a segregação e discriminação legais no Sul, salientando e exigindo o direito dos negros ao voto e a todos os serviços públicos. Esta fase do movimento dos direitos civis foi longa e árdua, mas teve um êxito notável. O dr. King e o dr. Abernathy foram presos 17 vezes por organizarem marchas de protesto e boicotagem, embora não fossem violentos.

Em 1965, Luther King deslocou o objectivo da Conferência para o Norte, e iniciou uma fase mais recente e mais difícil da campanha dos direitos civis. A SCLC exigiu alojamentos decentes, mais empregos e melhor educação para as pessoas pobres, negros ou brancos.

Abernathy, depois de ter sido unanimemente eleito presidente da SCLC, a 9 de Abril, prometeu retomar o trabalho da «campanha dos pobres», com esperança que o Congresso dos

Estados Unidos legisle reformas económicas para pôr fim à pobreza.

«Decidimos, disse o dr. Abernathy, que, como Martin Luther King morreu pelos pobres, temos de trabalhar para os pobres.» Mas salientou: a SCLC permanecerá estritamente não-violenta. Estamos todos dispostos a morrer por aquilo que acreditamos. Luther King conhecia o poder das almas humanas activamente organizadas. Não devemos perder de vista esse poder, no meio do nosso desgosto e desespero. A violência desonraria o dr. King, porque procurou a redenção do homem, não a sua vingança.»

Ralph Abernathy nasceu há 42 anos na cidade sulista de Linden, Alabama. Licenciou-se no Alabama State College, em Montgomery, em 1950, depois de ter combatido na Segunda Guerra Mundial. Depois de ter estado na Universidade de Atlanta, foi pastor da Primeira Igreja Baptista, em Montgomery.

O dr. Abernathy tem mulher e três filhos. Além de ser presidente da SCLC, é pastor numa igreja baptista de Atlanta, onde está instalada a SCLC.



CAMPISTAS PORTUGUESES NOS CUMES DA EUROPA

MANUELA ALVES

O grupo de Montanha do Clube de Campismo de Lisboa encontra-se desde o dia 4 deste mês no norte de Espanha, em amigável convívio com a natureza, simultaneamente escalavrada e suave, dos Picos da Europa, maciço montanhoso situado na confluência das províncias de Santander, Astúrias e Leão. Trata-se do II Encontro de Alta Montanha que o C. C. L. organizou, não só para os componentes do seu Grupo de Montanha mas para todos os seus associados e campistas ou montanhistas de qualquer agremiação ou colectividade, na sequência do I Encontro, efectuado em Junho do ano passado, nos Pirinéus Aragoneses.

No encontro (internacionalmente conhecido por «Rallye») procura fazer-se a reunião, neste caso, de montanhistas e campistas, provenientes de vários pontos e utilizando transportes dos mais diversos, em determinado local, cumprindo depois, em conjunto, um programa. Desta vez, o ponto de reunião foi Posada de Valdéon e «a comunhão do homem com a Natureza, e a amizade e camaradagem do ho-

mem com o homem» desenrola-se dez dias no conjunto grandioso dos Picos da Europa, num programa que inclui 39 horas de pedestrianismo e escalada, intervaladas com pernitoamentos à beira-mar e junto aos lagos, excursões em automóvel e visitas a monumentos, terminando no dia 13, com subida no Teleférico de Fuente Dé, e visita ao Miradouro de el Cable.

Não descurando a parte cultural da excursão, o C. C. L. promoveu, de 7 a 14 de Maio último, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de fotografias, armas antigas, aparelhagem de lavoura e utensílios caseiros, troféus de caça, objectos de arte religiosa da região, 20 quadros dos «Comentários ao Apocalipse de São João e ao livro de Daniel», composto pelo monge S. Beato de Liébana no ano de 766. A exposição foi levada a efeito com a indispensável colaboração da Delegação Geral de Turismo Espanhol em Lisboa e das Delegações Gerais de Informação e Turismo de Santander, Oviedo e León, e da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo.

COIMBRA: TRANSPLANTAÇÃO EM ESTREIA PORTUGUESA

Ouscada pela viagem dos americanos à Lua, efectuou-se em Coimbra a primeira transplantação de um rim em Portugal. A intervenção estava programada desde há muito e pensava-se que pudesse ter sido levada a cabo em 22 de Junho, rodeada de grande aparato publicitário. Mas só em 20 de Julho foi possível concretizá-la, discretamente, mas com êxito.

Manuel Soares de Oliveira, de 44 anos, residente em Talhadas, recebeu o rim de uma sua irmã. Tinha os dois rins nefrectomizados e só uma intervenção cirúrgica do tipo daquela que foi efectuada nos Hospitais da Universidade o podia salvar. Até agora, em casos destes, ou do doente ia fazer a operação ao estrangeiro ou morria. Ora, evidentemente, Manuel Soares de Oliveira, resinheiro, não podia pagar uma operação além-fronteiras. A dadora, Isaura Soares de Oliveira, de 40 anos, só conseguiu transmitir o órgão ao irmão após grandes contratempos originados por complicações jurídicas. Para se realizar a intervenção foi necessário uma autorização especial dos Ministros da Saúde e da Justiça (no nosso sistema Legislativo só é permitida a transplantação de órgãos de cadáveres).

A equipa médica a quem coube a honra de ser pioneira era chefiada pelo dr. Linhares Furtado, urologista açoriano, que conta apenas 35 anos, e frequentou centros de especialização, em França e Inglaterra. O jovem médico declarou que as três semanas seguintes à operação são críticas e que mesmo depois desse prazo haverá perigo de rejeição.

A operação foi produto, além do labor do dr. Linhares Furtado, do esforço de quarenta médicos dos Serviços de Cirurgia e Urologia e de uma equipa de enfermagem, que trabalhou durante dez horas à temperatura de 35 graus, em virtude de não haver sistema de ar condicionado na sala de operações.

Pouco depois das sete horas da manhã do dia da intervenção, começaram a afluir aos Hospitais da Universidade os componentes das equipas. Os Serviços de Urgência estiveram de prevenção, quatro linhas telefónicas foram mantidas sempre vagas, bem como elevadores, viaturas e motoristas. Não se percebe, aliás, muito bem para quê... Certamente não seria para transportar os doentes ao Banco do Hospital de S. José onde muito teriam de sofrer, a avaliar pela sorte que coube ao dedo do pé do nosso camarada do «Diário de Lisboa», Sebastião Rego, cuja experiência foi relatada naquela vespertina, de forma tão sugestiva. Técnicos de electricidade e de canalizações estavam a postos, não se fossem repetir factos desagradáveis como alguns registados há pouco, dos quais resultaram a morte de doentes internados. Um circuito interno de televisão, que chegara a ser montado, com inúmeros científicos, não foi utilizado.

ÚLTIMA INVENÇÃO DOS INVENTORES PORTUGUESES: UMA ASSOCIAÇÃO

CÁCERES MONTEIRO

Uma garrafa com o copo incorporado, um gravímetro, um sistema de salvamento de submersíveis, uma porta de segurança para instalações bancárias e ourivesarias — são alguns dos mais valiosos inventos saídos da imaginação de portugueses. Mas quem são afinal os inventores portugueses e que representam na vida nacional?

É sempre com sorrisos mal disfarçados que o cidadão contempla as tabuletas que anunciam «Marcas e patentes». Imagina as inúmeras anedotas que versam o tema, inventores idiotas e admira-se como há gente que leve a sério um tal negócio. Que é, afinal, um assunto muito sério.

Há cerca de duas dúzias de agências de marcas e patentes, em Lisboa. Os principais clientes são firmas estrangeiras que registam marcas, máquinas e produtos químicos. Mas há também os «inventores», aqueles que elaboram «algo de concreto e novo» e têm necessidade de uma agência para esta fazer os estudos necessários ao registo, na Repartição da Propriedade Industrial.

O TEMPLO

É a Repartição da Propriedade Industrial que examina os trabalhos, verifica se neles reside sombra de originalidade e os aprova ou reprova. Funciona num edifício desajeitado e desconfortável, ali ao Campo das Ceboias. Uma seta indica o «serviço de inventos» e transporta o visitante a um átrio cavernoso, com chão de cimento, como convém a um sítio de longas esperas, a avaliar pela nossa parte.

Após a aprovação do registo pela Repartição da Propriedade Industrial verifica-se a sua publicação no Diário do Governo. Se três meses depois desta formalidade ninguém reivindicar a ideia, o inventor detém, por alguns anos, a exclusividade de exploração. Findo o prazo, a obra entra no domínio público, «fica para a Humanidade», como diz Maria Margarida, da agência Tencal.

Mas o registo efectuado em Portugal vale unicamente para o nosso País. Para garantir o exclusivo ao estrangeiro, é necessário fazer o registo, país por país, até que se regularize a internacionalização do registo de patentes de inventos, como já acontece com as marcas.

«As patentes de invenção têm um valor extraordinário: quanto mais evoluído é um país mais patentes tem, são os países da vanguarda que exportam mais massa cinzenta. Claro que o esforço económico requerido pela exploração, e mesmo pelo registo de patentes, só pode ser suportado por grandes firmas. Ora, no nosso País, os inventores encontram-se isolados. O inventor não tem possibilidades económicas para proteger as patentes no estrangeiro, fá-lo aqui apenas e fica só detentor do direito em Portugal. No estrangeiro qualquer pessoa o pode utilizar» — declarou-nos o sr. Luís Rodrigues, de uma agência de Lisboa.

Nourra agência, os inventores portugueses aparecem muito raramente e, em regra, «apresentam coisas sem interesse». Outros entram títu-beantes, com um ar quase clandestino, afirmando querer registar uma invenção, mas recendo fornecer quaisquer pormenores. O desconhecimento e a desconfiança são factores que contribuem para que muitos portugueses não registem os frutos da sua imaginação criadora.

UM INVENTOR

O sr. José Joaquim Prouença da Costa é um dos mais prestigiosos inventores nacionais. Ganhou, no último Salão Internacional dos Inventores, em Bruxelas, uma medalha de prata dourada, graças ao invento de uma garrafa com copo incorporado. Tem, até agora, cinco trabalhos registados. O primeiro,



Repartição da Propriedade Industrial: espécie de templo dos inventores

data de há três anos e foi um sistema de salvamento de submersíveis. Depois, uma porta de segurança, para instalações bancárias e ourivesarias e um interruptor disjuntor numa só peça, obedecendo a mais de 10 mil aplicações.

O último trabalho, a já referida garrafa com o copo incorporado, promete largos lucros. Já tem registo em 21 países e a Sociedade Central de Cervejas parece disposta a aproveitar ideia.

«A garrafa com o copo incorporado vai permitir a eliminação de muitas doenças que se transmitem através de copos mal lavados, simplificar o trabalho e permitir poupar mão-de-obra que agora é ocupada a lavar copos...»

Da Bélgica, Alemanha e Itália já chegaram propostas. Da Rússia, onde devido às características do sistema económico não há registo de patentes, comunicaram de uma fábrica que saberiam recompensar devidamente o inventor português.

Demorou um ano e oito meses a conseguir a patente nos Estados Unidos. Para se fazer um registo naquele país é necessário vencer os argumentos dos opositores e desta feita foram doze. Para vencer a discussão com cada um deles foi necessário elaborar desenhos, estudos, planos. Enfim, uma campanha que ficou por 96 contos («Claro que nem todos têm a possibilidade que eu tive»).

Apesar de todas as dificuldades, a posição dos portugueses no último Salão de Inventores, em Bruxelas, foi brilhante.

Num conjunto de mais de mil participantes, todos os 13 portugueses ficaram classificados. O eng.º Humberto da Fonseca, de Angola, teve uma medalha de ouro. («A medalha de ouro conferida a uma invenção significa que esta foi examinada e estudada por um júri internacional competente, que reconheceu as suas qualidades práticas, técnicas, de novidade e de comercialidades», afirma-se numa publicação oficial do certame). Foi conferida a um gravímetro, aparelho que serve para medir a gravidade em qualquer lugar, e é mesmo susceptível de ser utilizado nas primeiras explorações lunares.

O Salão Internacional dos Inventores põe um inventor em contacto com 152 mil compradores de 19 países, o que, por si só, atesta a importância do Salão. Dado que o Salão Internacional dos Inventores é organizado pela Câmara sindical belga para a protecção dos inventores, organismo sem fim lucrativo, a Imprensa, a Rádio e a Televisão e as actualidades cinematográficas publicam ou difundem, por ocasião de cada Salão, reportagens muito objectivas, que fa-

zem conhecer os inventos expostos alguns dias e sem despesa para os participantes, em mais de 20 países.

UMA ASSOCIAÇÃO

«A Associação dos Inventores quer transformar os inventos numa fonte de receita para o País. Pretende apoiar outros inventores que venham e aproveitar ideias desbaratadas — assim se refere o inventor Joaquim da Costa Prouença à Associação dos Inventores Portugueses, em constituição, e de que ele é um dos principais animadores. «A Associação pretende fomentar e estimular a riqueza desprezada até aqui, demonstrar que os inventores portugueses têm possibilidades. Poucos foram os países com tão poucos representantes que os classificaram todos, como este ano, em Bruxelas. Os representantes de muitos outros países apresentaram obras absolutamente vulgares que só não sei como foram patenteadas. E concluiu: «É necessário um espírito forte para levar o fogo sagrado. Mas nós queremos apañhar esses «malucos» que inventaram coisas, e tirar deles o melhor proveito para o País. É uma satisfação que damos aos nossos sentimentos».

É muito louvável a iniciativa destes inventores portugueses. Mas ela nunca poderá fazer esquecer que deve ser a acção oficial a cuidar de um aspecto tão importante da vida económica portuguesa. Por enquanto, entre nós, os inventores ainda são uns cocacichinhos cheios de manias, indignos de serem levados a sério. Até quando?

UM FALSO DILEMA: ALARGAR OU REFORÇAR O MERCADO COMUM

« LA CROIX »

Não está nos hábitos de Jean Monnet desencadear uma acção que resulte num impasse. Assim, se o «Comité» do executivo da Comissão Económica Europeia a que preside, examina, em Bruxelas, — na presença dos próprios ingleses e ao nível de entidades representativas — os problemas suscitados pela adesão britânica, podemos perguntar se não terá chegado o momento propício ao diálogo entre os governos do continente e a Inglaterra. A questão merece um exame atento porque toda a gente sabe que, uma vez começadas, as negociações têm de terminar e ninguém deseja correr o risco de um malogro.

Na sua última conferência de Imprensa, Pompidou não abriu os braços para acolher a Grã-Bretanha. Mas também não a ferroulhou a porta. De um modo geral, pode dizer-se que se manteve na linha traçada pelo general De Gaulle, reconhecendo, antes de mais a necessidade de analisar, no âmbito de uma reunião dos Seis, as consequências do alargamento. Limpar, porém, o debate de todo e qualquer resíduo de paixão, enquanto Chaban-Delmas destruiu «a priori» os argumentos possíveis dos comparsas da França, país que se encontra preparado para caminhar «tao depressa e até tao longe» como eles.

Entretanto, que pode fazer-se e quando?

Pertencente, justamente, ao «Comité» Monnet esclarecer as dúvidas decorrentes do debate, no duplo aspecto do método e do conteúdo.

A QUESTÃO DE FORMA

Do ponto de vista do método, a construção europeia foi gravemente prejudicada, a partir de 1963, pelo recurso, cada vez mais frequente, às condições prévias como instrumento de negociação. Este método, aliás, tomou corpo, sobretudo, depois do veto francês que bloqueou as conversações com os ingleses. Sem dúvida, resultaram daqui certos progressos para a «Europa verde». Mas surgiram dois importantes inconvenientes: por um lado, o equilíbrio das concessões concernentes aos objectivos a curto prazo fez perder de vista os interesses a longo prazo da comunidade; por outro, o método ficou à mercê da boicotagem, facto que ameaça, nos últimos tempos, a CEE já que o problema inglês é considerado uma condição prévia pelos cinco comparsas da França.

Recentemente a situação tornou-se, neste particular, mais flexível. A subida ao Poder, em França, de novos governantes, determinou, nos outros países da CEE, atitudes até então insuspeitadas e que abrem perspectivas aliciantes. A ideia lançada por Pompidou de uma conferência, dos Seis, sem ordem de trabalhos, mas onde a discussão do problema inglês fosse possível, criou uma expectativa e uma esperança.

Ou tratar-se-á de uma ilusão?

Parece, no entanto, que todos estão de acordo, no seio da equipa de Monnet, sobre a necessidade de desmistificar o problema. Na verdade, tem vindo a lume a afirmação segundo a qual a questão não deve ser examinada em termos de condição prévia ou segundo as exigências de uma agenda. Seria, pois, importante responder ao apelo britânico e deixar bem clara a ideia de que, mais tarde ou mais cedo, a Inglaterra e os Seis terão um destino comum. O processo é inevitável e satisfaz os interesses de todos — dos países membros, dos países-candidatos, dos países-observadores, e dos Estados Unidos.

A QUESTÃO DE FUNDO

Reforçar a comunidade, eis como se aborda, actualmente, a questão de fundo. Os relatórios apresentados ao «Comité» Monnet comportam, neste campo, duas indicações interessantes. A primeira refere-se à definição das prioridades: a mais urgente consistiria na regulamentação dos problemas monetários, em conjugação com uma maior coerência das políticas económicas gerais. Esta foi, de resto, a opinião expressa por Giscard d'Estaing numa entrevista que concedeu à revista «Comunidade Europeia». Giscard d'Estaing preconizou, com efeito, uma «acção rápida» e a reunião «imediata» de uma conferência monetária dos Seis.

A segunda indicação, não menos curiosa, liga-se aos instrumentos necessários para reforçar a acção da CEE no domínio monetário. Deve dizer-se, a propósito, que existe um parentesco estreito entre o sistema de «concurso mútuo» de Barre, que fun-



A actriz Sylvia Syms e o pequeno actor Mark Lester, protagonistas de «Oliver», fotografados no aeroporto de Heathrow em Londres, enquanto esperavam o avião que os levaria a Moscovo para assistirem ao Festival em que será exibido, como representante da Grã-Bretanha, o filme «Run Wild Run Free», do qual são os principais intérpretes.

cionaria em épocas de crise, e o do «fundo de reserva» do professor Triffin que actuaria permanentemente.

Reforçar a acção dos Seis facilitaria, pois, a solução dos problemas financeiros de ordem geral colocados no primeiro plano dos argumentos que têm sido opostos à entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Pisani pensa, até, que a Inglaterra poderia

levar a Europa a repensar, não os princípios mas os objectivos da sua política agrícola.

Abrirem-se-á o horizonte?

As dificuldades internas dos Seis são demasiado importantes para que se recuse um «gentleman agreement» na questão que, desde há longos meses, hipoteca a Comunidade Económica Europeia...

JEAN MONNET



Discreto, apagado, avaro de declarações, Jean Monnet prossegue, aos 81 anos, com a mesma juventude mental, a mesma eficácia, a mesa audácia tranquila, na realização do seu grande projecto: construir os Estados Unidos da Europa.

Monnet é um «self-made-man». Descendente de uma velha família de Charente, recebeu uma educação deficiente. Aos 18 anos, a sua audácia natural forçou-o a partir para correr o Mundo, vendendo conhaque.

Foi longe dos moldes da educação burguesa, sob o signo da aproximação pragmática anglo-saxónica e do mundo dos negócios que Monnet iniciou uma carreira política particularmente rica. Traço dominante: por várias vezes, foi encarregado pelos poderes publicos de confederar os esforços, os programas, as políticas, para além das regras

em vigor, várias vezes para além fronteiras, a fim de fazer face às necessidades de momento. A supranacionalidade é para ele uma experiência antes de ser uma ideologia.

Desté modo, durante a guerra de 1914-1918, distribuiu os recursos comuns entre os aliados; em 1938, instalou, nos Estados Unidos, os comandos aeronáuticos necessários à defesa da França; em 1940, apresentou um projecto de fusão dos impérios francês e britânico; ainda em 1940, trabalhou em Washington na organização da defesa comum.

Em 1946, lançou o primeiro plano francês de modernização. As suas concepções europeias afirmam-se com a efectivação da CECA, de que foi presidente entre 1952 e 1955. O mau êxito da CED não destruiu o seu optimismo.

chegou a altura de seres *enfermeira!*



Chegou a altura
de decidires
do teu futuro.
Porém,
deves escolher
uma profissão que
ao mesmo tempo
te realize
humana e socialmente.
Precisas
de viver plenamente:
no plano profissional
e no plano pessoal.
A enfermagem
pode ser o teu caminho.
Vem falar connosco.

Podes dispor de facilidades de alojamento
e bolsas de estudo;
terás a certeza de colocação após o curso;
tudo isto através de uma profissão
digna, simpática, compensadora.

Informações na Direcção-Geral dos Hospitais — Avenida da República, 34 — Lisboa



UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DA VIDA



«DENTISTAS PRECISAM-SE (Ver «Flama» de 6-12-68)

Já sete longos meses são passados sobre a publicação, nesta «Revista Semanal de Actualidades», de uma reportagem saída do Hospital Escolar do Porto, por intermédio dos Serviços de Estomatologia, sobre problemas «dentários», a modos de entrevista, com vistosas imagens fotográficas de modernos aparelhos e simpáticas personagens. Na suposição de que tão estranha atitude viesse dar início a um inédito programa daquele organismo de ensino médico, aguardámos até agora, na expectativa de que mais reportagens se fizessem sobre outros Serviços do mesmo Hospital. Porém, com espanto nosso, isso não aconteceu! Tal medida de excepção para a Estomatologia é, de facto, de estranhar... E os seus efeitos na opinião pública terão sido particularmente potencializados com a intencional referência à Ordem dos Médicos, acrescida à não menos influente menção ao Hospital Escolar de S. João e à acreditada Organização Mundial de Saúde. O título, à laia de vulgar anúncio, é que não diz bem com o nível que se pretendeu dar à reportagem... Mas, se a analisarmos em pormenor, fácil nos será aceitá-lo como um gracioso começo dum triste exposição, onde nem um semblante sorri... São, de facto, duas páginas da Revista tristemente assinaladas com uma doutrina viciada, carecendo de actualidade, de interesse sanitário ou valor real.

É de pasmar tudo que se afirma naquela entrevista, consentida e preparada no Hospital Escolar, e autorizada, ao que parece, pelo Conselho Regional do Porto da Ordem dos Médicos.

Em Portugal, *legalmente*, apenas existem, em tal matéria, duas categorias profissionais — ESTOMATOLOGISTAS, necessariamente médicos, e os PROTÉSICOS DENTÁRIOS (também denominados, vulgarmente, Mecânicos Dentários — mas nunca «dentistas!»), sendo estes últimos valiosos auxiliares dos primeiros, como fiéis executores de aparelhos de prótese dentária, mediante as indicações dos estomatologistas, absolutamente indispensáveis para uma prótese correcta e perfeita? Tudo o mais que existe é falso, à parte um reduzido número de «odontologistas», con-

siderados verdadeiros, à face da lei.

Novamente se afirma — agora por intermédio do Hospital Escolar — que «Portugal é o único país... que não tem uma Escola Dentária», pretendendo-se justificar, com esta «lacuna», a escassez de estomatologistas, em número de 450, superior, contudo, ao dos inscritos em cada uma das restantes especialidades. Será, também, por falta de *escola óssea*, que escasseiam os ortopedistas e abundam os «úteis *endireitas*», «como auxiliares»..., e por não haver *escolas de olho* que rareiam *oftalmologistas* — que, aliás, bem poderiam vir a ser substituídos por *oculistas* à semelhança da pretendida substituição do estomatologista pelo «odontologista»... —, ou por não existirem *escolas médicas* que faltam médicos e «trabalham» os *curandeiros* (também pagarão imposto?!...), tão «úteis como auxiliares»..., e pela inexistência de *escolas operatórias* que não há cirurgiões em tantos meios rurais e, até, em várias cidades, e que tanta falta fazem?!...

Porque discorda o Hospital Escolar do que está decretado, quanto à obrigação de a estomatologia ser exercida apenas por médicos, e não levanta similar discrepância em relação às restantes especialidades médicas?! Porque acha o curso demasiado longo para o estomatologista e não o julga igualmente demorado na preparação dos restantes especialistas, também em números restritos, e que a mesma «Sociedade» do mesmo modo espera, ansiosa?!... Porque não preconiza o mesmo sistema aligeirado de formar profissionais à pressa?!... Porque se preocupa, só agora, tanto com a falta de «assistência dentária» e do respectivo ensino — tão abandonado, aliás, por quem a seu cargo o tinha e tem —, e nunca tais problemas lhe interessaram antes, nem o afligem em relação a toda a medicina e cirurgia, em geral, e às outras especialidades, iniciando, repentinamente e com desusado afínco, uma vistosa, mas deturpada, campanha, com o propósito bem conhecido de aumentar, de qualquer modo, os consumidores de botiões?!... Porque se pede a formação de profissionais não médicos, em escolas autónomas?! É porque os há noutros países? Porque meia dúzia de profissionais assim o quer, por motivos bem alheios aos interesses da Classe e da Saúde? A falta de esto-

matologistas será, de facto, devida à extensão do curso ou a saírem das nossas Faculdades apenas «meia dúzia de médicos», que não chegam para as encomendas?... Parece que tal ideia está em desacordo com a afirmação autorizada do prof. Cid dos Santos, ao falar no «número de Medicina», que «levanta a questão da multiplicação das Faculdades», e que não podemos «ficar indiferentes perante o acréscimo regular de estudantes de Medicina». (Boletim da Ordem dos Médicos, Vol. XVIII, N.º 4, de 28/2/69, págs. 90 e 91). Terão os Hospitais Escolares e as Faculdades de Medicina contribuído para atrair às várias especialidades os médicos recém-formados, orientando-os, segundo as necessidades do País? Cremos que não. Não estará errada a afirmação de que o tal «grito de alarme vem dos próprios especialistas»? Fez-se algum inquérito junto deles? Não virá, antes, esse grito da «meia dúzia» que domina os ditames dos tais organismos que se dizem da classe, defendendo outros valores «mais altos», estranhos aos interesses desta? Na tal «reforma», de que tanto se fala e tão ansiosamente se espera, é necessário que, ao remodelarem o ensino médico, os Hospitais Escolares e as Faculdades de Medicina façam de todos os «SERVIÇOS» umas verdadeiras «ESCOLAS» e em todas as «Escolas» um ensino perfeito, completo, e moderno, pois que se lembrem que nem só de dentes padece o Homem... E, assim, veremos aumentar o número de candidatos às várias especialidades, do que constituiria prévio testemunho a elevada frequência do curso de estomatologia, recentemente criado no Hospital do Porto. Oxalá o exemplo se repita nos restantes Serviços, mas com mais prudência noticiária... A propósito, esclarecemos que não corresponde à realidade a afirmação de que «agora, pela primeira vez, a rotina foi quebrada», referindo-se ao «curso de actualização para médicos estomatologistas». Já em 1 de Março de 1965, foi iniciado «o Primeiro Curso de Preparação para Especialização Estomatológica — que pudesse ajudar e completar o esforço de aprendizagem dos médicos estagiários —», que, «pela primeira vez, entre nós, um grupo de profissionais, congregando os seus esforços em equipa», criou, «para realizar uma experiência, modesta e

despretensiosa, mas que todos desejam feita em bases sérias.» Tal «Curso» teve lugar, em Lisboa, no «Instituto de Estomatologia», «inaugurado» — este — em 6 de Janeiro de 1965, depois de muitas canseiras, arrelia, burocracias, etc., sem sessões pomposas (quase em segredo — foi apenas enviada uma circular aos estomatologistas! —), sem notícias ou anúncios nos jornais, TV, etc., enfim, sem qualquer «propaganda», e que se propunha ser um centro de cultura médico-estomatologista.» (Ver «Jornal de Estomatologia» — N.º 13). Vejamos, agora, o que afirmo o Presidente da Associação Estomatológica Internacional, prof. Andrea Benaglio, no VI Congresso Internacional (e IV Português) de Estomatologia, realizado, em Lisboa, nos dias 9 a 12 de Abril de 1969. Depois de recer elogios ao «elevado nível cultural e científico da estomatologia portuguesa» (ainda bem que tão ilustre cientista estrangeiro o reconhece...), disse que «a antiga concepção puramente odontológica, que pretendia, fora da Medicina, limitar aos dentes o objecto do estudo e da terapêutica, deve considerar-se hoje ultrapassada em toda a parte». «Da odontologia» — prossegue — «passou-se à estomatologia.» «Quantas infecções ou doenças gerais, quantas reacções alérgicas têm a sua porta de entrada ou sensibilização nas lesões das bocas e dos dentes!» «A profilaxia das doenças orais e sua terapêutica precoce constituem hoje uma verdadeira profilaxia de tantas enfermidades do organismo.»

«Poucos, mesmo no meio médico,» — afirma aquele professor — «podem dar-se conta da extensão da estomatologia moderna: doenças congénitas ou adquiridas dos dentes, dos maxilares, da mucosa bucal, das glândulas salivares, etc.»

Parece-nos ter ficado demonstrado que a ESTOMATOLOGIA é uma especialidade médica, à semelhança de todas as outras, e que, como tal, SÓ POR MÉDICOS PODE E DEVE SER EXERCIDA, como, aliás, sábiamente foi decretado, «nos alvares da República», numa altura em que, certamente, muito menos pesavam os interesses alheios à profissão médica e à Saúde Pública, os quais dominam, hoje, certas opiniões e impõem determinados deveres... — FERNANDO DA SILVA E COSTA — MÉDICO — CELORICO DE BASTO

® **Baygon**
*desbarata
mas
também desmosca*



Baygon deu novo significado à palavra desbaratar e criou uma nova palavra : o verbo desmoscar. Seja qual for a opinião dos gramáticos, para os insectos, "desbarata" significa que Baygon elimina totalmente qualquer espécie de barata e "desmosca" quer dizer que Baygon tem uma acção extraordinariamente eficaz no combate às moscas, assim como aos mosquitos, melgas e outros insectos voadores.

Baygon põe o combate aos insectos em novos termos porque Baygon é um insecticida totalmente novo.

Só Baygon apresenta:

Efeito expulsivo — Baygon expulsa as baratas dos seus esconderijos para exterminação total.

Efeito residual — Baygon pelo seu extraordinário efeito residual permanece activo durante meses.

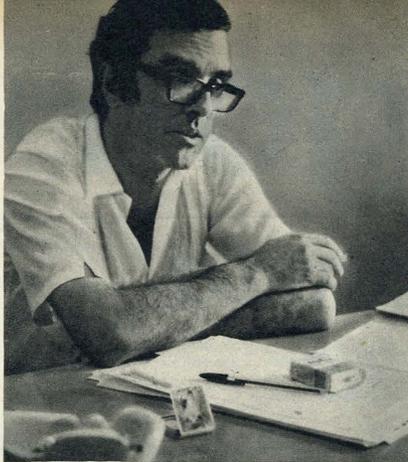
Polivalência — Baygon além de destruir as baratas, extermina também moscas, percevejos, pulgas, formigas e demais insectos caseiros.

Ação fulminante — Baygon é também ultra-rápido no derrube dos insectos.

Anti-resistência — Baygon elimina até os insectos que criaram resistência aos produtos vulgarmente utilizados.

Segurança — Baygon, bem aplicado, não representa perigo para pessoas e animais. O Baygon polvilhável pode mesmo ser usado directamente no corpo humano.

Garantia de qualidade — Baygon é um produto Bayer.



ALEXANDRE O'NEILL

RECUSA A SOLIDÃO

Alexandre O'Neil, por muitos considerado como um dos maiores poetas portugueses da actualidade, divide-se entre a actividade publicitária e uma atitude inteiramente nova que outros vates portugueses estão a adoptar na sociedade dos anos sessenta — uma recusa da solidão, um desejo de participar activamente na sociedade em movimento, uma tentativa para arrancar à mediocridade actividades que só têm a lucrar com esta comparticipação dos verdadeiros artistas



É considerado por alguns o maior poeta português contemporâneo e fez há pouco tempo a letra de um jado para Amália Rodrigues.

Ó meus senhores que nos resta / senão ir aos maus costumes / às redundâncias, às bem-pensâncias com alfinetes e lumes / fazer rebrantar a besta / pô-la de pernas pró ar?» Considerado pela crítica literária um dos maiores (e, por alguns, o maior) dos poetas portugueses contemporâneos, Alexandre O'Neill assumiu o compromisso de viver com outros. E não quebrou a sua decisão quando compôs versos para canções e, recentemente, integrou o júri do Festival de Música Ligeira da Costa do Sol.

PRETEXTOS PARA CANTAR

«Foi uma experiência divertida. O poeta deve conviver, comunicar. Há dois tipos de convívio: um deles reverte em sofrimento; o outro, em alegrias. Ambos têm a sua importância, juntos constituem o conteúdo de uma vida. Estive no júri do Festival para apreciar a qualidade das letras das canções. Eram de tão baixo nível, que, na minha opinião, deviam ter ficado todas eliminadas *ex-aequo*. Não ouvi poemas: tomei contacto com pretextos para cantar. Mas conheci um ambiente diferente,

de pessoas diferentes. Foi uma experiência valiosa».

Alexandre O'Neill não se sente desprestigiado por ter pertencido, naquela noite, ao grupo de gente nova que invadiu o Colégio dos Salesianos e mediou forças a interpretar canções. No ginásio, entre espaldares e pelintos, o poeta aderiu ao ritmo alucinante da bataria, ao deslizar febril de dedos pelas cordas da guitarra.

NÃO SE ISOLA

«Estamos todos bem servidos / de solidão / de manhã a recolhemos / do saco, em lugar do pão ...»

Alexandre O'Neill não se isola. Nem cultiva o seu nome. Quer ser um homem como os outros, um «homem de fato cinzento» que se perde, na multidão, aos fins de tarde, quando termina o trabalho no Centro Técnico de Cinema da «Média».

Mas já houve tempo em que os poetas se fechavam numa «torre de marfim». Nunca desciam a escada, não vinham à rua participar na vida, sofrer com os outros, rir com eles, comunicar. Que mais podiam cantar, pois, além da solidão? Palavras re-

buscadas, rimas estudadas, métrica marcada com rigor — desses castelos laboriosamente construídos ressaltava o isolamento dos arquitectos.

«As duas por três nascemos/às duas por três morremos / E a vida? / Não a vivemos.» Viver comporta exigências que ultrapassam a capacidade do comum dos homens. O poeta, todavia, não é um homem comum, por muito que lhe custe. Aos neo-clássicos quase bastava saber trabalhar a própria sensibilidade. Hoje, o Poesia veste as roupagens solenes de uma responsabilidade que se assume, e projecta a sociedade e o momento histórico. Durante a guerra civil, o povo espanhol cantava os versos dos seus poetas e, como quem renasce, podia gritar: «No passaram!» e conquistar a liberdade, apesar da derrota militar

Entre nós dir-se-ia que vigoram, ainda, as leis do Reino de Pacheco: «Vida Mental? Com certeza / vida por detrás da festa será tudo o que nos resta? / uma ideia é uma ideia — e até parece nossa! — mas quem viu uma andorinha / a puxar uma carroça?» Alexandre O'Neill procura remar contra a maré. Por isso, não se considera um mercenário da Poesia.

«Componho, por encomenda, letras para canções. Tento, porém, salvar a qualidade e a substância dos poemas. Não me orientam as exigências da comercialização.»

A facilidade pode transformar-se em armadilha. Sabendo isso, o poeta não faz concessões: «Se à ideia não se der / o braço que ela pedir / a ideia por melhor / que ela seja ou queira ser / não será mais que bolor / pão abstrato ou mulher / sem amor.»

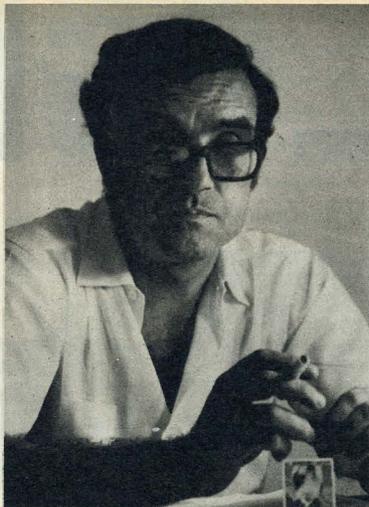
Dar o braço a uma ideia é esculpila em liberdade. E a essa liberdade barreira alguma deve opor-se.

«Normalmente, a letra precede a música. No meu caso, pelo menos, assim acontece quase sempre. Só uma vez tive de fazer um poema para um fado que já existia, um fado da Amália Rodrigues. Em todo o caso, quando nos pedem versos para uma canção, temos de lutar contra certos obstáculos. Um «tipo» nunca esquece que o poema se destina a ser cantado. Surgem, então, preocupações de ordem vocal, procuramos aumentar a sonoridade das palavras. Embora rica em fonemas, a nossa língua está cheia de sordicies...»

O autor de «Abandono Vigiado» tem trabalhado com Alain Oulman, para Amália Rodrigues.

AO FOLCLORE, POR INCAPACIDADE

Os fadistas são muito exigentes e, perante as composições que lhes propõem, reagem das formas mais inesperadas: «Isto não é fado!», resmungam, a cada passo. Mas entre Alexandre O'Neill e Alain Oulman, existe verdadeira comunhão de princípios. As suas composições possuem uma unidade que as torna irrecusáveis. O poeta gostaria de ilustrar outros géneros de melodia. Há, porém, o problema do encontro com o compositor.



Alexandre O'Neill não se sente desprestigiado por julgar as péssimas letras dos festivais.

«No Brasil, esse problema já foi resolvido. Em Portugal, uma grande distância separa, ainda, a música e a letra das canções. O ideal seria que o poeta soubesse compor ou que o compositor soubesse fazer versos. Neste momento, Ary dos Santos, Maria Teresa Horta, David Mourão-Ferreira e outros trabalham para a música ligeira. Mas os compositores, onde estão? Por incapacidade, recorre-se muitas vezes, ao folclore. Invade-se, assim, o campo de especialistas como Lopes Graça e Jacomeit, e estraga-se a música popular...»

Pelo que lhe diz respeito, Alexandre O'Neill coloca, antes das demais, a preocupação de comunicar. E o público adere. Não é necessário abandonar os temas sérios para conquistar êxitos comerciais. Cada um deve experimentar o caminho que quiser. No entanto, a ignorância do povo português, o seu baixo nível cultural não podem servir de desculpa a quem lhe fornece «o quotidiano não / por todos os meios, desde / a fingida distração / até ao entre-parêntesis / de qualquer reclusão.» No «Romanceiro Nacional», há muitas composições óptimas para serem cantadas...

«A questão situa-se no saber chegar aos outros. As baladas anglo-saxónicas contam histórias tradicionais e as interpretações dos jovens Duarte e Ciriaco incluem sempre os tópicos de um enredo. Se algumas vez me pedirem que componha versos para baladas, não perderia de vista essa orientação. As baladas devem conter pelo menos, no estado latente, uma pequena história com a qual os outros se identifiquem.»

POESIA E PUBLICIDADE

Alexandre O'Neill não se dedica, apenas, à produção poética. Isso não lhe permitiria viver. Recorda, de novo, o Brasil: «onde as autoridades adoptaram a solução ideal, pegando nos poetas e fazendo deles embaixadores, diplomatas em regime de «part-time». Considera que o seu emprego — uma agência de publicidade — não é incompatível com a Poesia: «São actividades com aspectos afins, que ambas entram no domínio da comunicação». Mas, debaixo do vidro espesso dos óculos de aros negros, o seu olhar carrega-se de tristeza: «Quantas vezes, porém, um emprego destrói, no poeta, a capacidade de compor...»

Uma casa de discos vai editar, brevemente, um «long-play» com interpretações de poemas de Alexandre O'Neill. Ao mesmo tempo, serão publicadas reedições dos livros: «De ombro na ombreira» e «Feira Cabisbaixa». E, no princípio do próximo ano, aparecerá uma colectânea de «versos diferentes de todos quantos fiz até hoje.»

O poeta é um inovador. «Por isso, aqui, acolá / tudo pode acontecer / que as ideias saem fora / da testa de cada qual / para que a vida não seja / só mentira, só mental...»

ALGÉS



CONSTRUIR TEATRO COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Na cave de um prédio residencial de Algés funciona um teatro de bolso onde o recém-formado *Primeiro Acto* — Clube de Teatro, tem apresentado com grande êxito «Antígona», de Jean Anouilh. Uma interessantíssima experiência desponta ali, acarinhada por um vasto grupo que pretende construir um teatro *virado ao Mundo, ligado ao Povo*.

As paredes estão ainda por rebocar, os assentos são por agora almofadas como as dos campos de futebol colocadas sobre as bancadas de cimento — mas é estranhamente agradável ver teatro em Algés. A sala enche quase completamente, sobretudo com gente nova. Vêm da vizinhança, vêm de Lisboa, ver a reinvenção de Antígona, 2500 anos depois de Sófocles a ter criado. A «Antígona» de Jean Anouilh. Há certas ideias incorrectas e retrógradas nesta peça que o *Primeiro Acto* apresentou, sobretudo no que diz respeito ao amor. Talvez o *Primeiro Acto* tivesse preferido interpretar «Antígona» de Bertol Brecht,

mas foi preocupação, compreensível num grupo que desponta, utilizar um espectáculo cuja representação já tivesse aprovada.

O *Pact* é uma associação com carácter exclusivamente cultural (...) composto de um número em princípio indeterminado de sócios. (...) O *Pact* tem por objectivo o desenvolvimento da cultura teatral entre os sócios, e procurará contribuir por todos os meios ao seu alcance para o progresso do teatro em Portugal — lê-se nos Estatutos, aprovados no começo deste ano.

Todo o trabalho tem sido feito integralmente por sócios, não somente no que diz respeito à estruturação do empreendimento, mas também nos aspectos puramente materiais. Foram os sócios arquitectos Nuno Teotónio Pereira, Gastão Cunha e Luís Moreira que planearam a sala de espectáculos. Foram os sócios que colocaram os fios condutores de electricidade; são eles que controlam as entra-

SEGUE



Num teatro de bolso, ainda inacabado, mas onde é estranhamente agradável ver teatro, o *Primeiro Acto*, de Algés tem representado «Antígona», na versão de Jean Anouilh, com gerais aplausos da crítica. Trata-se de algo mais do que um clube de teatro de amadores. Pelas características que apresenta, é uma iniciativa que, a generalizar-se, pode vir a ter óptimos resultados no panorama artístico nacional.

TEATRO EM A

O ditador Creonte, com o «Financial Times» nas mãos, dá ordens a um dos seus guardas. À DIREITA: O presidente do clube ajuda a controlar a entrada dos sócios. AO FUNDO: Por enquanto o bar só pode ser assim.



das, que vendem bebidas no bar e, evidentemente, representam. Seria de temer uma improvisação exagerada. Mas a improvisação, inevitável, não se transmite às coisas, nem ao ambiente, nem aos jogos cénicos. Houve, evidentemente que economizar na cenografia, guarda-roupa e apetrechos de cena, mas isso funciona em plano distinto.

A encenação é de Armando Caldas; são suas estas palavras: «Entendo que um espectáculo de Teatro, hoje, em 1969, em Portugal, não deve limitar-se a representar em locais tradicionais. Assim, a minha encenação tanto pode fazer-se aqui, como num pátio, numa escola, numa fábrica, enfim, em qualquer sítio onde houver pessoas. Quanto mais gente, melhor.» (...) «Quis tentar um espectáculo didáctico. É para um público diferente que temos de trabalhar. Um público que gosta de Teatro e talvez não saiba explicar porque gosta.»

As personagens vestem tal e qual como qualquer um de nós. O ditador Creonte (José Capela) passeia em cena de fato e gravata com o «Financial Times» debaixo do braço. A vibrante Antígona (Madalena Pestana) veste calças. Isménia (Alice Guimarães) é a mesma loura que concorreu há tempos ao Concurso

da Mulher Ideal Portuguesa. Maria Catalina, uma velha ama de chaille. Jorge Guimarães, filho de Creonte e namorado de Antígona, de «pull-over». Pena Viçoso, João Luís Gomes e António Figueireido Pombeiro — três guardas desfardados, verosímeis, como tantos que por aí há. Entre todos, não queremos fazer distinção, porque, evidentemente, não foi com olhos de crítico que vimos o espectáculo. «Antígona» abre com um prólogo na voz de Rogério Paulo e encerra com um poema especialmente escrito por Mário Castrim.

O PACT PRECISA DE APOIO

Por essas povoações suburbanas há vários grupos de teatro amador. O Teatro de Algés, chamemo-lo assim, é — para já — um caso singular, por toda uma série de factores, como sejam a maturidade, as possibilidades, o género de pessoas que corporizam a sua actividade. Algés é um *arredor* com uma vida muito especial, um meio onde cremos ser possível florir as boas sementes lançadas.

No desencadear de todo o processo, além dos sócios, além dos anónimos, também firmas, Bancos, empresas comerciais e industriais, tive-

ram papel preponderante. Mesmo agora, muitas firmas têm comprado entradas para que os seus empregados possam assistir aos espectáculos. Estas atitudes, a generalizarem-se, seriam da maior vantagem para todos. (Evidentemente que seria bastante melhor que as empresas pagassem aos seus empregados para que eles pudessem ir ao teatro à vontade...) No teatro de bolso de Algés não há própria-mente bilhetes. Pagam-se vinte escudos, o que traduz a inscrição como sócio, ou uma quota. Actualmente há 580 sócios.

As contas do clube de teatro *Primeiro Acto*, estão afixadas à entrada. Nomeadamente, o *Pact* paga seis mil escudos de *renda de casa* pela vasta cave que ocupa em Algés.

A actividade do Clube não se circunscreve exclusivamente ao sector teatral. Recentemente, como exemplo, efectuou-se uma tarde de cinema preenchida com produções de Alain Resnais.

O *Pact* precisa de mais colaboradores, para poder alargar a sua actividade. As secções de teatro e de poesia necessitam de actores, encenadores, cenógrafos, pintores, autores de textos, tradutores de textos, técnicos, organizadores de ficheiros, pontos e contra-regras. Do

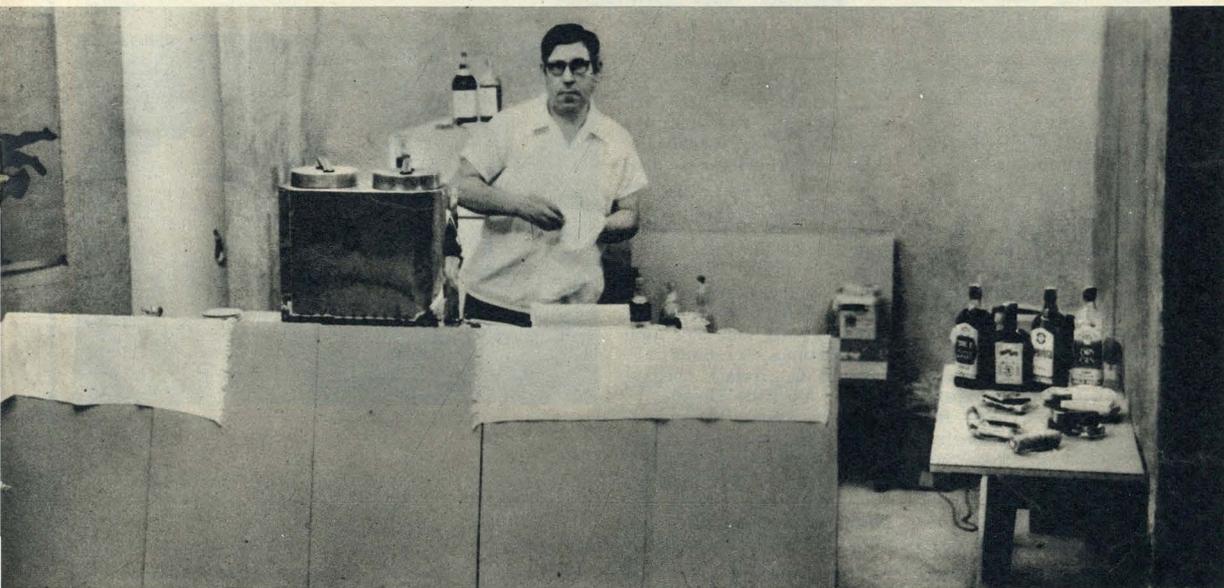
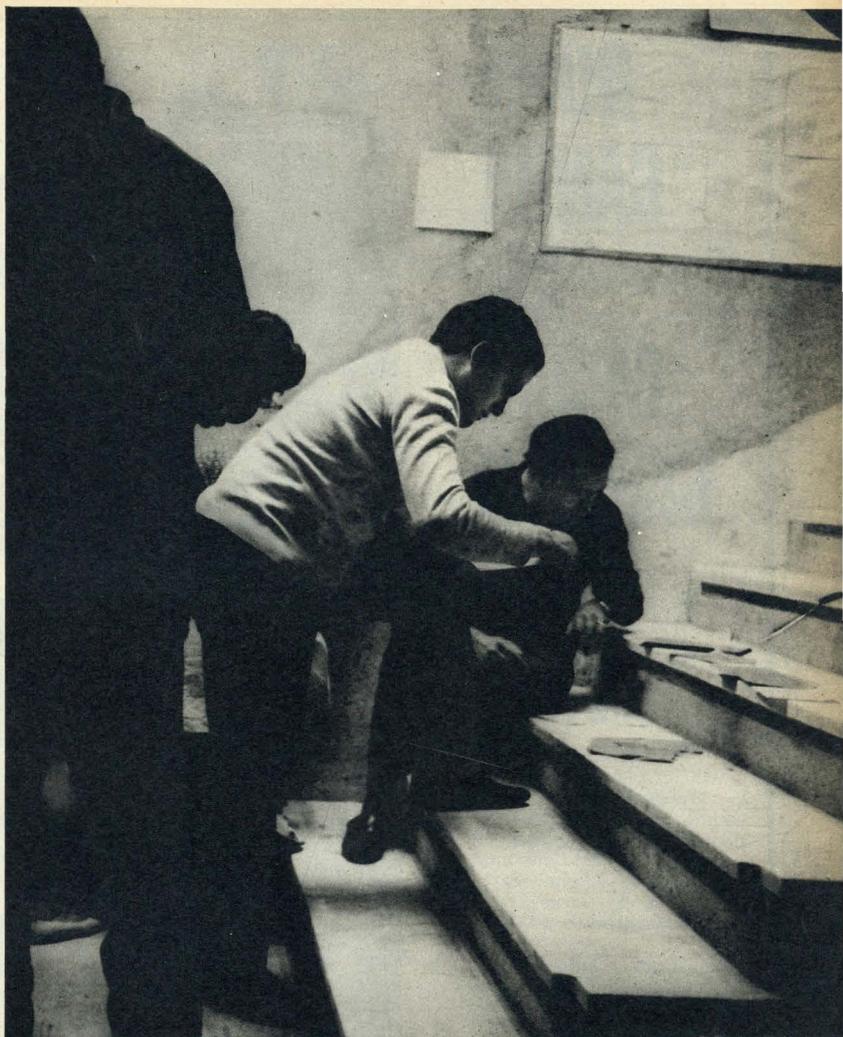
mesmo modo as secções de cinema e fotografia, de actividades infantis e de propaganda têm falta de gente para exercer as tarefas que lhes incumbem. Colaborar numa organização de tal género é, fora de dúvida, uma das melhores formas de ocupar os tempos livres.

«Todos sabem quanto as pessoas se transformam quando entregues a uma tarefa. O fenómeno de criar é um apelo a que instintivamente afluem todos, em que os desconhecidos aprendem a compreender-se melhor, em que dificuldades se tornam em raízes dum extenso pedaço de vida. Criar raciocinando, lutar com a emoção e com a lucidez é um meio que só coube ao ser humano. O Teatro possibilita que todas as coisas comuns se mudem nessa emoção, que tragam consigo um potencial de maravilhoso e comecem a viver.»

Para o mês de Agosto estão programados recitais de poesia.

O Teatro de Algés não teve até agora subsídios oficiais ou da Fundação Calouste Gulbenkian. Os dirigentes do *Pact* preferem trabalhar primeiro e pedir subsídios depois. Mas é necessário que quando pedirem subsídios eles lhes sejam concedidos, sem delongas excessivas e sem condições limitativas. Estes clubes de teatro, quando convenientemente orientados, são pedras fundamentais na tarefa de educação popular. Por isso o Teatro de Algés é como disse Rogério Paulo, «uma faísca de esperança». «Por carências próprias e também alheadas do teatro profissional, os grupos de teatro amador e universitário têm um papel decisivo a desempenhar na formação de um autêntico público de teatro» — as palavras são, desta vez, de Fernando Gusmão.

Volpone», pelo Grupo Cénico da Associação Académica de Direito e «Anfitrião», do Grupo de Teatro dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa foram, este ano, duas primeiras faíscas. O Teatro de Algés é outra. Esperemos que o ambiente aqueça, para as faíscas conseguirem pegar fogo à floresta. Porque isto de fogo no nosso teatro, até agora, só os incêndios que de vez em quando se registam nos edifícios.



QUEM GANHA UM ANDAR GANHA-O POR GOSTO

Alheia a situações e necessidades, a sorte frequentemente vai ao encontro daqueles que menos a procuram e, por isso mesmo, menos a esperam. Para esses, quando surge, traz algo de surpresa e de emoção.

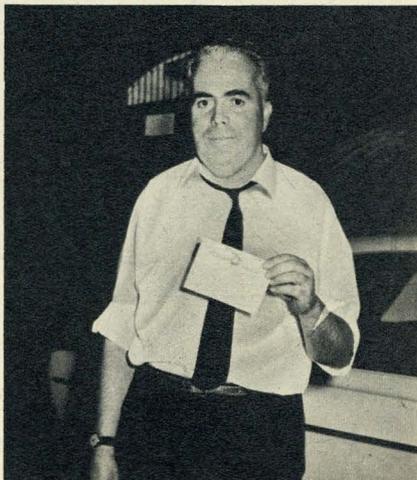
Foi o que aconteceu com um casal a quem a sorte, no seu rodopiar, encontrou «desprevenido». São ambos de meia idade. Vivem diariamente uma vida de rotina e à qual não está alheia um grande número de dificuldades. Para eles a luta do dia a dia apenas lhes proporciona um presente quase sem futuro.

Ele, Manuel Pedro Pereira, trabalhou durante trinta anos numa grande empresa que nada mais lhe dava do que a compensação duma vida modesta. Porém a ânsia duma melhoria de situação levou-o, 30 anos depois, a procurar emprego num armazém no Poço do Bispo. Deslocações diárias para o Seixal, já que o ordenado não lhe permite o aluguer duma casa em Lisboa, fazem com que algum dinheiro seja trocado a preço de tempo e de esforço. Mas não mais acontecerá...

A partir do dia 10 do corrente e mercê dum pos-



Emoção e alegria da D. Cândida quando lhe foi comunicado o resultado do sorteio.



Pedro Pereira e o postal que, mercê da sorte, lhe proporcionou um andar em Queluz.

tal, enviado por acaso para o Concurso das lâminas Personna, o Sr. Pedro Pereira é proprietário dum belo andar mobilado em Massamá - Queluz.

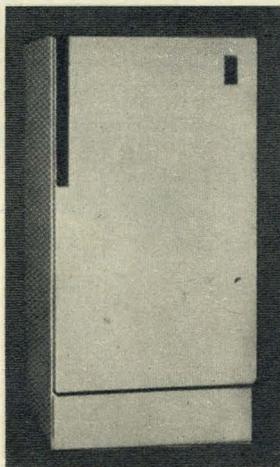
A notícia foi recebida com alegria por sua mulher que, só a muito custo, prometeu guardar segredo até que os delegados da firma representante em Portugal das lâminas Personna (F. Lima e C.ª, Lda.) chegassem ao Poço do Bispo.

Viram assim coroados, por mero acaso da sorte, tantos anos de sacrifício e de trabalhos. Satisfizeram finalmente uma velha aspiração que continua a ser a de tantos portugueses...



Surpresa perante o resultado

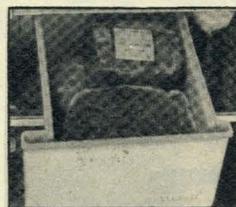
a técnica e experiência
da westinghouse
que colaboram na conquista
da lua ...



...estão na base
da construção
do seu futuro

FRIGORÍFICO DH 180 (180 LITROS)

Westinghouse



ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

Pode estar seguro se é Westinghouse

Distribuidores :



SEDE: Av. 5 de Outubro, 56 - Telef. 56 25 41 - PPC 5 Linhas - LISBOA 1

FILIAL: R. Miguel Bombarda, 221 - Telef. 2 80 08 - 2 05 53 - PORTO



TEXTO MANUELA ALVES / FOTOS NUNES CORREIA

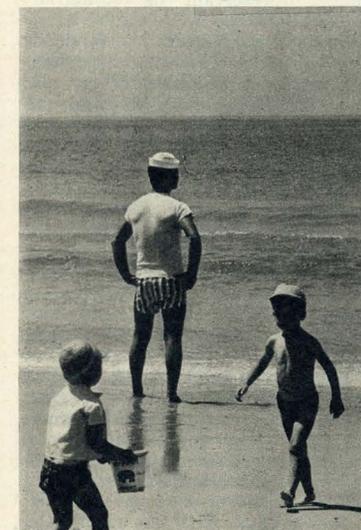
PRAIA: OS PERIGOS DA BEIRA-MAR

As praias enchem-se duma multidão estafada pelo quotidiano intenso, de meninos a quem o médico recomenda iodo, beldades que continuam um ano de lazer, "play-boys" em busca de aventura. Mas a beira-mar tem os seus riscos e, no plano psíquico como no fisiológico, convém levar para férias algumas noções de prudência

No domingo, dia 13 de Julho deste ano, em que a temperatura máxima em Lisboa foi de 36,7 graus, venderam-se na estação do Cais do Sodré 55 400 bilhetes. Se a esta cifra associarmos a imagem da quantidade incontrolável mas volumosa dos automóveis que pela Marginal abandonaram Lisboa, a caminho duma praia da «linha» (só no parque de estacionamento da praia de Santo Amaro de Oeiras comprimiam-se cerca de 500, isto é, cinco vezes mais que o número habitual dos dias de semana), podemos concluir, sem risco de errar, que cerca de um décimo da população de Lisboa quebra a rotina semanal nas praias da Costa do Sol.

No entanto, as imagens que ressaltam do domingo de Verão passado numa praia da foz do Tejo não são aliciantes. O quadro dessa babilónia regorgitante que é a estação do Cais do Sodré ao domingo chega a ser francamente desanimador. É preciso que o veraneante acrescente às tensões, à fadiga e ao esforço da semana de trabalho, antes que os liberte e recompense, o esforço de boa vontade para aguentar a «espera». Primeiro, espera nas bichas quase intermináveis da bilheteira. Adquirido o bilhete, passa

Há mar, e mar, há ir e voltar... Há divertir, há sonbar, há brincar e há por vezes morrer. Esperemos, no entanto, que a campanha iniciada este verão pelo Ministério da Marinha faça com que se deixe de dizer que há por vezes morrer.



à antecâmara, onde a espera continua. Aí, no meio da vozeria, do calor, e da impaciência, a tensão dá lugar ao conformismo, e ao veraneante apenas resta «deixar-se ir» na onda dos corpos suados, até chegar à grade «implantada» ao domingo para conter a multidão. A tensão volta, quando a «onda» está quase a chegar à entrada estreita da grade, que dá acesso aos comboios, e recua ou se desvia, sem conseguir entrar. É um pequeno cabo das tormentas dominical, muito difícil de passar mas que, uma vez vencido, oferece o primeiro gosto da manhã — a libertação da multidão e a corrida (finalmente!) para o comboio. No comboio, a enchente continua, embora não seja tão premente como na estação. Cada carruagem tem lotação legal para 190 pessoas, sentadas e em pé, e não convém exceder muito a lotação pela razão simples de que com grande excesso de passageiros o maquinista tem de seguir a 30 km à hora, provocando grande sarilho no horário. Por isso, assim que é dada ordem para os passageiros entrarem, o comboio enche, cancelam-se as entradas e as pessoas ficam à espera do cumprimento do horário (de 1 de Maio a 30 de Setembro, formam-se 99 comboios ascendentes aos domingos, contra 126 normais e mais quatro especiais nos dias úteis. A formação das composições de domingo é diferente, têm maior número de carruagens e há mais comboios directos, o que, apesar de tudo, não é suficiente para providenciar, de modo totalmente eficaz, ao transporte das pessoas que debandam ao domingo, situação que não é para já alterável por falta de material). Mas quando o comboio entra em marcha, há uma diferença entre os que ficam à espera do que há-de vir, e os que partem — do comboio em andamento, vê-se o mar, a areia, antegoza-se o objectivo para que se caminha. O objectivo situa-se, porém, numa praia apinhada de gente, numa água morna superlotada. Se as barracas e os toldos se esgotam, é um dia inteiro passado ao sol. Ao domingo, numa praia da linha do Estoril, o número de pessoas que fica ao Sol (umas vezes porque já não há barracas nem toldos, outras vezes porque fica mais económico — uma barraca custa, dominicalmente, cerca de 25 escudos) triplica geralmente o número de pessoas que se aloja nas ditas barracas ou toldos. Em consequência de todo este condicionalismo, pergunta-se: mas porque insistem as pessoas em ir passar o domingo na praia?

PORQUÊ A PRAIA?

Ainda no princípio deste século, o lisboeta passava o domingo nas quintas dos arredores. Comia à sombra do caramachão, bebia o vinho que geralmente o dono da quinta vendia, ali na quinta do Charquinho, em Benfica, ou na de São Vicente, no Lumiar. Alguns iam até mais longe, para os

PRAIA

lados de Loures. Hoje, porém, comem sardinhas assadas num restaurante de praia, ou comem um «combinado» no «snack-bar» do Estoril, ou fazem as suas belas patucadas à sombra dos toldos e das barracas. Porquê?

Há uma relação imediata entre o habitante dos climas quentes e a praia: a água refrescante. Mas, paralelamente à água refrescante, existe, na praia, o sol abrasador que pode desequilibrar o efeito da água. O sol é também, apesar dos prejuízos que pode causar, uma fonte de prazer. Segundo o sociólogo Alain Laurent, o homem, quando procura o sol no seu tempo de lazer, elimina sistematicamente os aspectos negativos ou simplesmente utilitários do sol «para gozar aquilo em que se frustrou: a luz e o calor, fontes de grande prazer».

Depois vem o prazer que se encontra na água. Além do prazer estético que a visão da massa líquida e colorida só por si proporciona, a sensação de imponderabilidade, o movimento dentro de água, quer se nade, ou se flutue, ou simplesmente se esbraceje e faça piruetas, constituem, quanto mais não seja, uma fuga ao quotidiano — é um escape pelo movimento físico e livre que só pode realizar-se no meio aquático, que se opõe ao movimento mais ou menos monótono que realizamos todos os dias no meio terrestre, durante a semana, de trabalho; além disto, a praia oferece um espectáculo variado: desde as «toilettes» sensacionais, passando pelos barcos que deslizam, pelos exibicionistas, pela música de fundo que emana dos restaurantes e dos «snacks», pela proximidade das pessoas — o que é muito importante, partindo do princípio que quem vai para a praia ao domingo não procura o isolamento, permitindo ao homem uma comunicação, mesmo silenciosa, com o seu semelhante; dá-lhe, ainda, dentro das limitações impostas pelas circunstâncias, a possibilidade de satisfazer, mesmo parcialmente, a sua ânsia de quebrar a rotina semanal — pode, pelo menos, deitar-se ao sol e tomar banho quando lhe apetece (pode, de facto, mesmo dentro do período digestivo conforme demonstramos mais adiante); proporciona-lhe finalmente, no convite, (e aqui recorreremos de novo a Alain Laurent) o fascínio dos corpos bronzeados, a beleza dos espectáculos coloridos e o esplendor do céu, a embriaguez do ar livre. Mas Laurent refere-se especialmente ao eliotropismo, o fenómeno que arrasta os habitantes dos países industrializados e cinzentos do Norte da Europa para os países soalheiros do Sul. E, conquanto a atracção da praia por ele apontada se aplique aos banhistas da praia do Estoril e até a grande percentagem de Santo Amaro de Oeiras, já não está certa em relação aos da praia da Cruz Quebrada, por exemplo. Ele não tirou

as suas conclusões de sociólogo baseando-se nos semideuses desnudados pelas combinações e as ceroulas encharcadas moldando-lhe os corpos, que respiram o ar poluído pelas fábricas erguendo-se mesmo ali junto à praia; que sentem no corpo a água suja onde desagua um cano de esgoto, e cujo horizonte termina abruptamente no morro e no forte da Trafaria. Mas esses também vão à praia muitos domingos de Verão.

MOTIVAÇÕES

E vão, porque tentam, como é legítimo ao ser humano, satisfazer as suas inclinações motivadas.

As praias existiram sempre com as suas belezas e os seus prazeres potenciais; se o homem as não gozava é porque não lhes tinha acesso ou os não descobrira ainda. Mas os benefícios da praia começaram a fazer-se sentir a partir do conselho médico — era «bom» ir-se a banhos, fazia bem à saúde; depois passou a ser «bem» ir a banhos, sem deixar de ser bom.

As praias eram apanágios dos ricos; só eles tinham possibilidades de satisfazer as luxuosas prescrições dos médicos e da moda. Com o desenvolvimento da técnica, a pequena e a média burguesia começaram a ter também acesso à praia — não só se criaram e desenvolveram os meios de transportes colectivos que, se não deixam as pessoas na praia, as deixam a escassas dezenas de metros, mas também a promoção económica, ainda que muito lenta entre nós, possibilitou a essas camadas maior facilidade de acesso aos benefícios da praia. Depois, descobrindo-se que as pessoas iam à praia porque lhes fazia bem e porque gostavam, explorou-se-lhes esse gosto — multiplicaram-se e aperfeiçoaram-se os estabelecimentos de banhos; floresceram os restaurantes, as «barracas» de gelados e refrigerantes; apareceram os vendedores de bolos, das louras batatas fritas, dos gelados e das bebidas frescas, que evitam a deslocação do banhista até às lojas da povoação. Criaram-se e propagandearam-se modelos de fatos de banho, desde os mais complicados ao muito simples e fugaz monokini; conceberam-se toucas de banho de todos os jeitos e cores; sacos, sandálias, sapatos, roupões, toalhas, marmitas e recipientes «tupperware», e a pele morena no Verão em contraste com os cabelos soltos e as cores alegres fizeram da praia um lugar-comum cada vez mais aliciante para as «massas». Das massas que se promovem, porém, há aquela que não ascendeu à burguesia, a que ficou sempre pobre e limitada, aquela com que os fabricantes da moda não podem contar e a quem os poderes públicos deixaram, como meio de transporte, o carro eléctrico. Não podem pagar 5\$50 por um bilhete



de 2.ª classe para Cascais, pagam 1\$50 por um bilhete de «eléctrico». A maior parte das pessoas que visitam a praia da Cruz Quebrada são mães de família modestas que querem proporcionar aos filhos umas horas de liberdade. As condições económicas não lhes permitem ir mais além, pagam quinze tostões pelo bilhete, comem o almoço que comeriam em casa, e que transportam em tachos numa alcofa, sentam-se à sombra de uma parede ou debaixo do pontão de madeira, tomam banho com uma bata velha, os filhos andam nus ou vestem cuecas e está tudo certo. Quando se lhes pergunta se não gostariam de ir até outra praia, respondem: «Para quê? Gastava-se mais e as praias afinal são todas iguais, todas têm areia e água». Se pelo contrário perguntamos ao frequentador do Estoril se gostava de ir até à praia de Caxias, das duas, três: Ou desata a rir, ou torce o nariz ou pergunta preguiçosamente: «Mas isso é praia que se veja?» Também se frequenta a praia da Cruz Quebrada por provincianismo ou tradição. Ali ninguém se sente incomodado com a presença de tacho ou do garrafão.

FAZ BEM A PRAIA?

Do ponto de vista psicológico está comprovado que sim. Ainda que a ânsia de liberdade e de repouso não seja totalmente satisfeita, é-o em parte e o dia de praia consegue ser quebrar-rotina. As demoras e as barafundas que possam parecer uma frustração, não o são efectivamente, pois o veraneante sabe já que elas são partes fatalmente incluídas no seu domingo de praia. O passatempo «praia» constitui, pode dizer-se, um catalizador quase tão poderoso como o futebol, na vida das populações que estão perto deles.

Do ponto de vista da saúde, aquilo que se possa dizer dos benefícios da praia, para lhe não dar carácter científico, é quase um somatório de lugares comuns: o Sol, o movimento, a natação, o ar relativamente purificado



Os vendedores ambulantes têm nas praias um ótimo local de venda, sobretudo de chapéus e bonés de todas as qualidades, cores e feitios. A muralha é a grande montanha.

pelas brisas marítimas, o iodo fazem da praia um agradável e activo revitalizante. A propósito de iodo, há muitas pessoas que não gostam das praias com rochas, e algas, mas essas praias são as mais ricas em iodo, já que esta substância é produzida pelas algas.

Mais do que os benefícios da praia, que toda a gente melhor ou pior conhece, importa falar dos seus eventuais malefícios e desfazer certos preconceitos.

Primeiro, qualquer pessoa, de qualquer idade, que tenha qualquer doença (com especial referência aos cardíacos) não deve ir à praia sem consultar o seu médico, pois os benefícios podem tornar-se malefícios, se o organismo não estiver em condições de se defender dos possíveis excessos. À excepção do adulto jovem, todas as outras pessoas devem consultar o médico, mesmo que não tenham doenças diagnosticadas até então. As crianças que por princípio e em todas as circunstâncias devem estar vacinadas, se

Ainda que a ânsia de repouso não seja totalmente satisfeita, o dia à beira-mar consegue o objectivo — quebrar a rotina bemosa da semana inteira de trabalho.



por qualquer atraso não estiverem ainda até à altura de irem à praia, devem sê-lo rapidamente, pois a praia, pela areia e pela água, e também pela proximidade das pessoas, é um ótimo veículo de propagação das doenças.

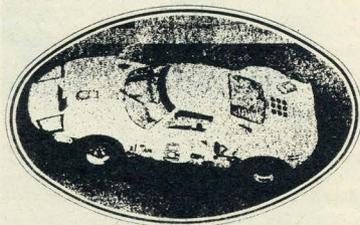
A exposição ao sol deve fazer-se gradualmente, começando por 10 a 15 minutos e não excedendo uma hora. A exposição excessiva pode ter como consequência a queimadura de 1.º grau, que vulgarmente se sofre na praia, em que a pele fica vermelha, arde e acaba por cair; a de 2.º grau, em que aparecem bolhas e pode provocar uma infecção; a de 3.º grau, muitíssimo mais grave mas felizmente muito mais rara, pois é um estado só atingível se de facto o indivíduo passar muitas horas seguidas ao sol, imóvel, e que só é admissível se adormecer ou desmaiar. De qualquer modo, estas queimaduras apenas se dão ao nível da pele e dos tecidos subcutâneos, nunca ao nível dos órgãos, como às vezes se pensa.

Com a exposição ao sol dá-se também o fenómeno da desidratação, isto é, uma perda de água e sais excessiva para o organismo humano, através da transpiração. A desidratação é perigosa porque a pessoa não se dá conta que excedeu o tempo de exposição que o seu organismo lhe permite. Sente-se a transpirar muito, ligeiramente entorpecida, a boca seca, mas não tem consciência do seu estado. Avalia-se o perigo da desidratação, sabendo-se que num dia de praia se pode perder em média três a quatro litros de água; que o corpo humano tem cerca de cinco litros de sangue e que, se separássemos o elemento líquido desses cinco litros de sangue, do sólido, o primeiro constituía cerca de 4,5 litros. Para evitar e recompensar essa perda de água e sais minerais, deve-se, primeiro, não exceder a hora de exposição, geralmente suportável por qualquer organismo saudável; depois ingerir muitos líquidos, de preferência águas minerais por conterem sais (normalmente tende-se para comer gelados e beber refrigerantes, a «Rajá» vendeu 900 mil gelados num fim-de-semana de Julho e uma fábrica de refrigerantes duplicou, só nesse sábado, a sua produção); deve-se também alternar o banho de sol com o banho de mar. Um preconceito se tem formado quanto à diferença de temperatura do corpo humano e a sua entrada na água fria. O que se passa é o seguinte: a exposição ao sol dilata os vasos sanguíneos, provocando maior afluxo de sangue ao território muscular, afluxo que aumenta consideravelmente, se, uma vez dentro de água, a pessoa fizer grandes movimentos natatórios, o que poderá provocar uma retirada de sangue do território cerebral, provocando o desmaio e consequente morte por afogamento. O mesmo exercício natatório violento pode provocar a morte por afogamento no banho durante a digestão. É outro preconceito que geralmente se tem. Costuma dizer-se que a pessoa morreu de congestão. Isso não é verdade, segundo opinião duma médica de Lisboa com quem contactámos. A morte por congestão durante o banho é pura coincidência. Se uma pessoa saudável se for refrescar dentro de água, e fizer uns movimentos ligeiros em qualquer altura de digestão, não lhe acontecerá mal algum; mas, se durante a digestão se meter na água e fizer grandes esforços natatórios, dá-se à camada muscular uma chamada de sangue, simultaneamente à chamada de sangue que a digestão faz ao território digestivo, daí resultando uma «baixa» de sangue do cérebro, desmaio que pode conduzir à morte.

Temos, pois, de concluir que se nos soubermos precaver contra os excessos das dádivas generosas da praia, ela é um salutar passatempo.



TUDO O QUE É PRIMEIRA PÁGINA TEM LUGAR EM 'PÁGINA 1'



CIRCUITO INTERNACIONAL DE VILA REAL

TRANSMISSÃO DIRECTA DE
«PÁGINA 1» REALIZADA COM
GRANDE ÊXITO, EM COLABORAÇÃO
COM OS GRAVADORES

SONY

The Sands by Cutex



Este é um Verão para você ser admirada,
e não para ficar, de fora, a olhar.
Para ir à frente da onda. E não na onda.
Para viver na areia
as novas cores luminosas de CUTEX.

Sinta-se resplandecer!

Na sua boca, o brilho cantante de Sahara Sands.

Nos seus dedos bronzeados,
a cor viva violenta de Safari Sands.

Dance, descalça, sentindo as areias de CUTEX
nos seus pés... e nos seus lábios.



The Sands
de CUTEX é uma vaga de cor.
Está onde está a vida.
Está onde está você.

Bikini: Triumph International
Local: Hyannis Port, U.S.A.

MIA FARROW: BELEZA TRANQUILA



Muito amiga dos animais, Mia Farrow dispensa ao seu «bichano» especiais atenções.

Depois de ser classificada ex-aequo com quatro colegas a melhor atriz do ano, pela sua interpretação no filme «Rosemary's Baby», e de ser considerada a melhor atriz do mundo pelo realizador desse filme, Polanski, Mia Farrow foi recentemente apresentada como a mais bela atriz jovem do Mundo.

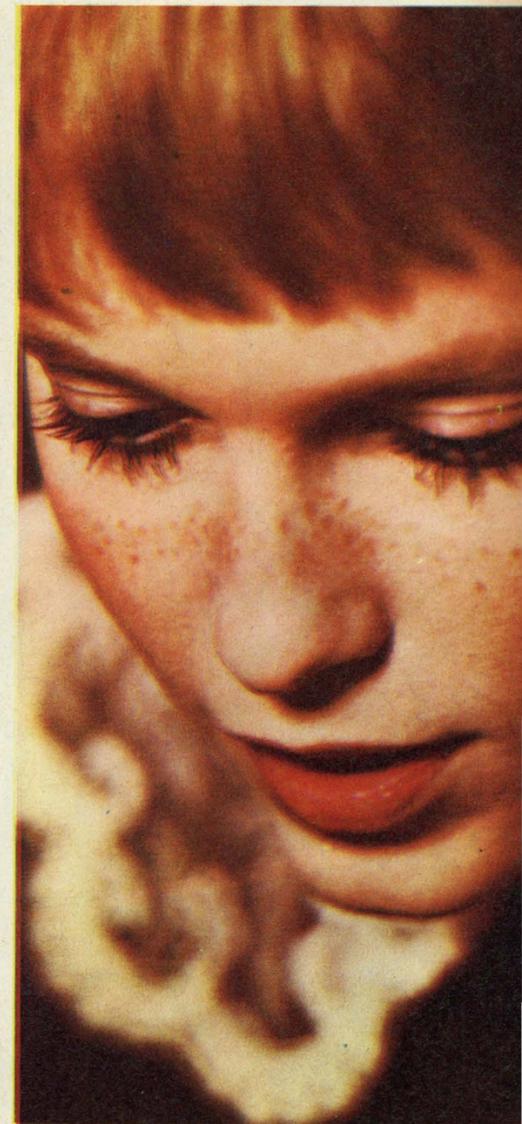
Antes deste êxito súbito e justo, o nome de Mia, bem como o seu rosto jovem e expressivo, eram já conhecidos nos Estados Unidos pela sua interpretação no papel da protagonista da série televisiva «Peyton Place», mas a popularidade só chegou quando Mia se ligou, ainda que por pouco tempo, ao hoje muito famoso cancionista americano Frank Sinatra.

Depois, atravessou períodos de

SEGUE



Apesar do vestuário que tem muito de masculino, Mia Farrow mantém a graça que fez dela uma das mais belas atrizes jovens do Mundo.



Dois expressões (em cima e à esquerda) de Mia Farrow considerada uma das quatro melhores atrizes do ano.



MIA FARROW



Para o realizador Polanski, Mia Farrow é mesmo a melhor do Mundo.

contemplação da religião oriental, do modo de vida dos «hippies», de concentração séria sobre o seu desenvolvimento de actriz. Agora, projecta integrar-se numa companhia de teatro inglesa e há muito pouco tempo comprou uma casa no campo, onde espera viver e conviver com os seus irmãos e irmãs.

Mia Farrow acabou as filmagens duma nova película que se espera, tenha tanto êxito como «Rosemary's Baby». O filme chama-se «John and Mary», sendo o protagonista masculino Dustin Hoffman. O realizador é Peter Yates.

Um rosto tranqüilo, a serenidade um tanto arrapazada de Mia Farrow mereceu lugar de protagonista na mais recente realização de Peter Yates, director de «Ballits».

SEXTA-1

- 19.00** — ABERTURA.
- 19.02** — JUVENTUDE NO MUNDO — Magazine para jovens.
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.50** — VIDA SA EM CORPO SÃO — Pelo Dr. Ramiro da Fonseca.
- 20.05** — CARTAZ TV — Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves.
- 20.35** — TURISMO.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — PROGRAMA LITERARIO.
- 22.05** — NOITE DE CINEMA — «Desportistas à Força».
- 23.30** — MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
- 23.45** — MEDITAÇÃO E FECHO.

SABADO-2

- 19.00** — ABERTURA.
- 19.02** — NOS BASTIDORES DA AVENIDA — Rubrica para jovens.
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.45** — DIALOGOS DE SABADO — Pelo Rev. Padre Dr. Serafim Ferreira e Silva.
- 20.00** — TELEDESORTO — Revista dos principais acontecimentos desportivos da semana.
- 20.30** — AO SERVIÇO DA NAÇÃO — Programa das Forças Armadas.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — TV CLUBE — Com Shagundo Gelarza e o seu conjunto.
- 22.05** — TV 7 — Revista dos principais acontecimentos da semana.
- 22.35** — SERIE DRAMÁTICA — «O Fugitivo».
- 23.35** — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
- 23.50** — FECHO.

DOMINGO-3

1.º Período

- 12.30** — ABERTURA E MISSA DE DOMINGO.
- 13.05** — FECHO.

2.º Período

- 15.00** — EUROVISÃO — Grande Prémio de Automóvel da Alemanha.

7 dias de TV



3.º Período

- 19.00** — ABERTURA E DESENHOS ANIMADOS — Da série «Kimba».
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.45** — BARREIRA DE SOMBRA — Programa de actualidades tauromáquicas.
- 20.05** — TV RURAL — Pelo Eng.ª Sousa Veloso.
- 20.35** — NOTICIA DO ESPECTACULO — Magazine do teatro, cinema, música e bailado.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — TV MUNDO — Ann Margaret Show.
- 22.30** — O CHEFE IRONSIDE — Série policial.
- 23.30** — DOMINGO DESPORTIVO — Reportagens dos principais acontecimentos do dia.
- 23.40** — MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
- 23.55** — MEDITAÇÃO E FECHO.

SEGUNDA-4

- 19.00** — ABERTURA.
- 19.02** — SERIE JUVENIL — «O Bom Gigante».
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.45** — RELATÓRIO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA.
- 20.15** — MOMENTO DESPORTIVO — Entrevistas e comentários aos principais acontecimentos da actualidade desportiva.
- 20.30** — TEMPO INTERNACIONAL.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — IMAGENS DA POESIA EUROPEIA — Pelo Dr. David Mourão-Ferreira.
- 21.55** — ZIP-ZIP — Programa realizado no Teatro Villaret.
- 23.30** — A MARCHA DO MUNDO — Serviço Informativo.
- 23.45** — MEDITAÇÃO E FECHO.

TERÇA-5

- 19.00** — ABERTURA.
- 19.02** — TV EDUCATIVA — Educação Musical — Música em Férias.
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.50** — EXPEDIÇÃO.
- 20.15** — TV SOCIAL — Programa da Junta da Acção Social.
- 20.40** — SE BEM ME LEMBRO — Pelo Prof. Vitorino Nemésio.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — TV CLUBE — Com Valério Silva, Natércia Maria e Lenita Gentil.
- 22.05** — BIG VALLEY — O último comboio para Sacramento».
- 23.05** — CINEMA SEM ESTRELAS.
- 23.35** — MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
- 23.50** — MEDITAÇÃO E FECHO.

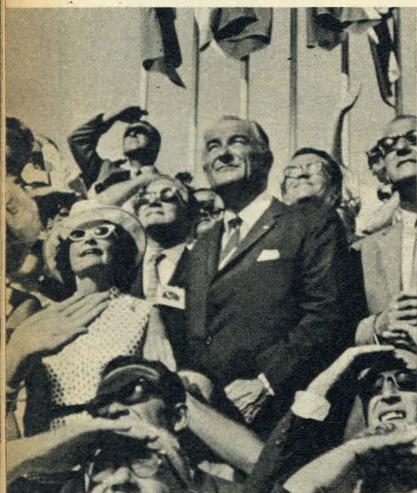
QUARTA-6

- 19.00** — ABERTURA.
- 19.02** — DESENHOS ANIMADOS.
- 19.30** — TELEJORNAL — 1.ª edição.
- 19.45** — QUER SABER?... ENTÃO PERGUNTE! — Por Diamantino Faria.
- 20.15** — PROGRAMA FEMININO.
- 20.30** — PORTUGAL DE HOJE.
- 21.00** — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
- 21.35** — FADOS E GUITARRADAS — Pela fadista Herminia Silva.
- 21.55** — NOITE DE TEATRO — «A Madre Alegria» — Com Henriqueta Maya, Maria do Céu Guerra, Maria José Esteves, Luís Pinao, Barreto Pereira, Fernanda Borsatti, Fernando Gusmão, Elvira Velez, Nicolau Breyner, Maria Schulz, Morais e Castro Teresa Azinhais, Cermen Santos, Ana Paula e Gréce de Castro. Coros infantis pela Associação Protectora da Infância de Santo António.
- 00.10** — A MARCHA DO MUNDO — Serviço Informativo.
- 00.25** — MEDITAÇÃO E FECHO.

TELEFUNKEN

OS PASSOS NO DESERTO

O mundo encontra-se ainda sob a emoção provocada pela vitória tecnológica mais importante da história da Humanidade. Os nomes, os factos, os números amontoam-se nos cérebros, mas o que mais interessa reter são as imagens do histórico momento da chegada do homem à Lua. Em 1969, uma nova era começou para a Humanidade.



Johnson e «Lady» Johnson assistiram de uma tribuna colocada a cinco quilómetros da rampa de lançamentos à partida da «Apolo-11». Em BAIXO: Ao centro Espacial de Houston chegam as primeiras imagens da grande aventura.

Debruçados sobre os receptores de televisão seiscentos milhões de pessoas seguiram, atentamente, os movimentos de Neil Armstrong e Edwin Aldrin em torno do módulo lunar. O «Águia» pousara entre as crateras do Mar da Tranquilidade, às 2 horas e 56 minutos TMG do dia 21 de Junho, hora e data mundiais. A Lua fora alcançada.

Durante cerca de duas horas, a expectativa manteve-se. Os dois astronautas captavam, com uma fabulosa câmara de televisão, as primeiras imagens do solo lunar conquistado, enquanto, no «Colúmbia», Michael Collins permanecia em órbita. Depois, os exploradores do cosmos regressaram ao módulo, descolaram, juntaram-se à cápsula. Na tarde do dia 24, a nave espacial «Apolo 11» mergulhou, finalmente, no Pacífico. Mas a fantástica missão dos astronautas não terminara ainda.

«A conquista da Lua foi apenas um degrau da imensa escalada no espaço», diria Werner Von Braun.

Dois homens caminharam durante quase duas horas num planeta inóspito, sem oxigénio, sem vento, sem humidade, bombardeado por meteoritos e exposto sem qualquer protecção aos mortíferos raios cósmicos e às radiações solares. Após 102 horas, 45 minutos e 42 segundos de voo, os astronautas, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, desceram no mar da Tranquilidade, a 7.200 km da zona prevista. O erro foi determinado pelo facto do módulo se encontrar numa posição incorrecta quando iniciou a descida. Após terem informado o «contrôle» terrestre de que o módulo se encontrava em boas condições, Armstrong e Aldrin repousaram, durante alguns momentos, e tomaram a sua primeira refeição na Lua: «bacon», fruta, cubos de açúcar e sumo de fruta. Entretanto, em órbita, Collins, um pouco mais tarde, jantava bife com batatas, pudim, biscoitos, chocolates e sumo de fruta. Após a frugal refeição colocaram as mochilas para a caminhada no solo lunar, trabalho muito difícil de executar — um astronauta norte-americano afirmou, uma vez, que a tarefa de envagar as mochilas, a bordo do módulo lunar, é tão difícil como duas jovens arranjarem-se para um baile de cerimónia dentro de uma cabina telefónica.

Eram 3 e 39 (em Lisboa) quando começaram a abrir a escotilha e 3 e 56 quando Neil Armstrong colocou o pé esquerdo na Lua. O satélite do planeta Terra ia começar a ser desvendado. O sol encontrava-se por detrás do LEM, permitindo que os lunautas

se entregassem às actividades sem reflexos nos olhos.

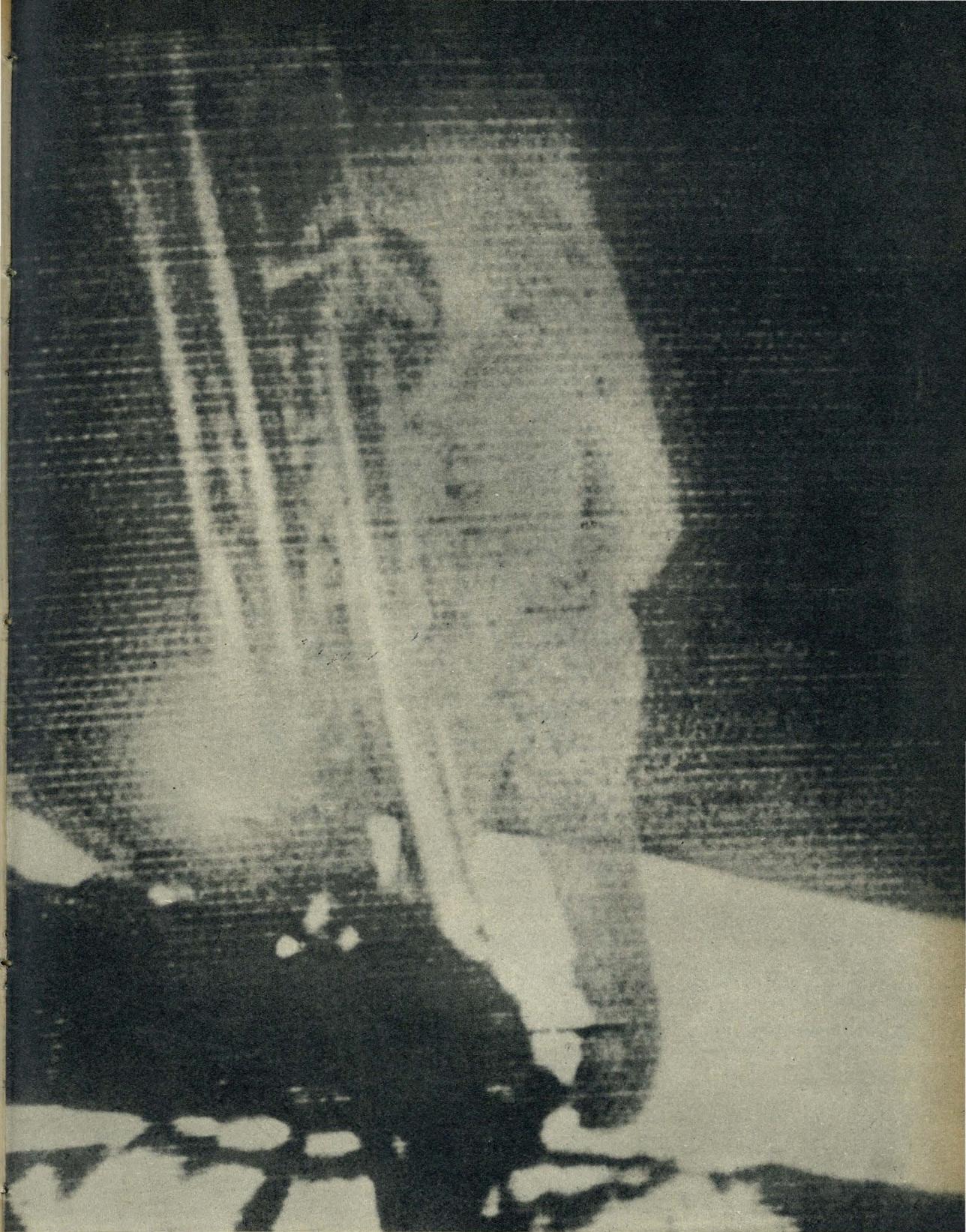
Ao dar o primeiro passo proferiu o astronauta uma frase, certamente muito estudada, que entrará em todos os compêndios da História: «O passo que dei foi muito pequeno, para um homem, mas foi um gigantesco salto para a Humanidade».

Era visível a euforia dos lunautas, traduzida em movimentos apressados, em saltos de canguru. De Terra mandaram-nos acalmar. «Ver alguém correr naquela altura não parece nada bem» — afirmou um técnico — «Os futuros lunautas poderão ser aconselhados a trabalhar mais devagar». Embora Armstrong e Aldrin tenham aparentemente gasto poucas energias, estavam com certeza bastante fatigados quando reentraram no módulo.

Em dado momento os dois lunautas, Unidos num gesto patriótico, cravaram no solo a bandeira dos E.U.A. Recordar-se que tinham sido frequentes as propostas no sentido de ser implantada a bandeira das Nações Unidas, o que estaria bem mais de acordo com as palavras pronunciadas na ocasião, com a mensagem deixada na superfície lunar: «Aqui, homens do planeta Terra, pisaram, pela primeira vez, o solo da Lua. Julho, ano de 1969, da era cristã. Viemos em paz e em nome da Humanidade».

Ao fim de 1 hora e 54 minutos de permanência na crosta lunar, Aldrin recolheu ao módulo, e Armstrong seguiu-o, pouco depois.

SEGUE



Para a história este será o momento ímpar, aquele que nunca mais se repetirá: o primeiro pé do homem na Lua. Neil Armstrong desce a escada do módulo e vai pousar o pé esquerdo no solo lunar.

LUA CAPÍTULO PRIMEIRO

A MORTE DO ROMANTISMO

Já sobre a Lua, Armstrong falou para Terra e informou que o solo era firme e apresentava uma textura arenosa, uma espécie de pó fino e que a luz era muito clara. Os passos dos astronautas deixaram pegadas, embora só com profundidade de poucos milímetros. Enquanto Armstrong se movia, Aldrin filmava-o. Armstrong procedeu, seguidamente, ao começo da operação de recolha de pedras do solo lunar. Entretanto ia anotando informações para a Terra. Informou que o solo lunar é de natureza genuinamente vulcânica e que eram mais fáceis os movimentos do que no simulador de gravidade lunar. Nalguns pontos o terreno parecia-lhe mole, mas quando pretendia escavá-lo achava-o duro. «Parece que estamos num deserto dos Estados Unidos» — exclamava.

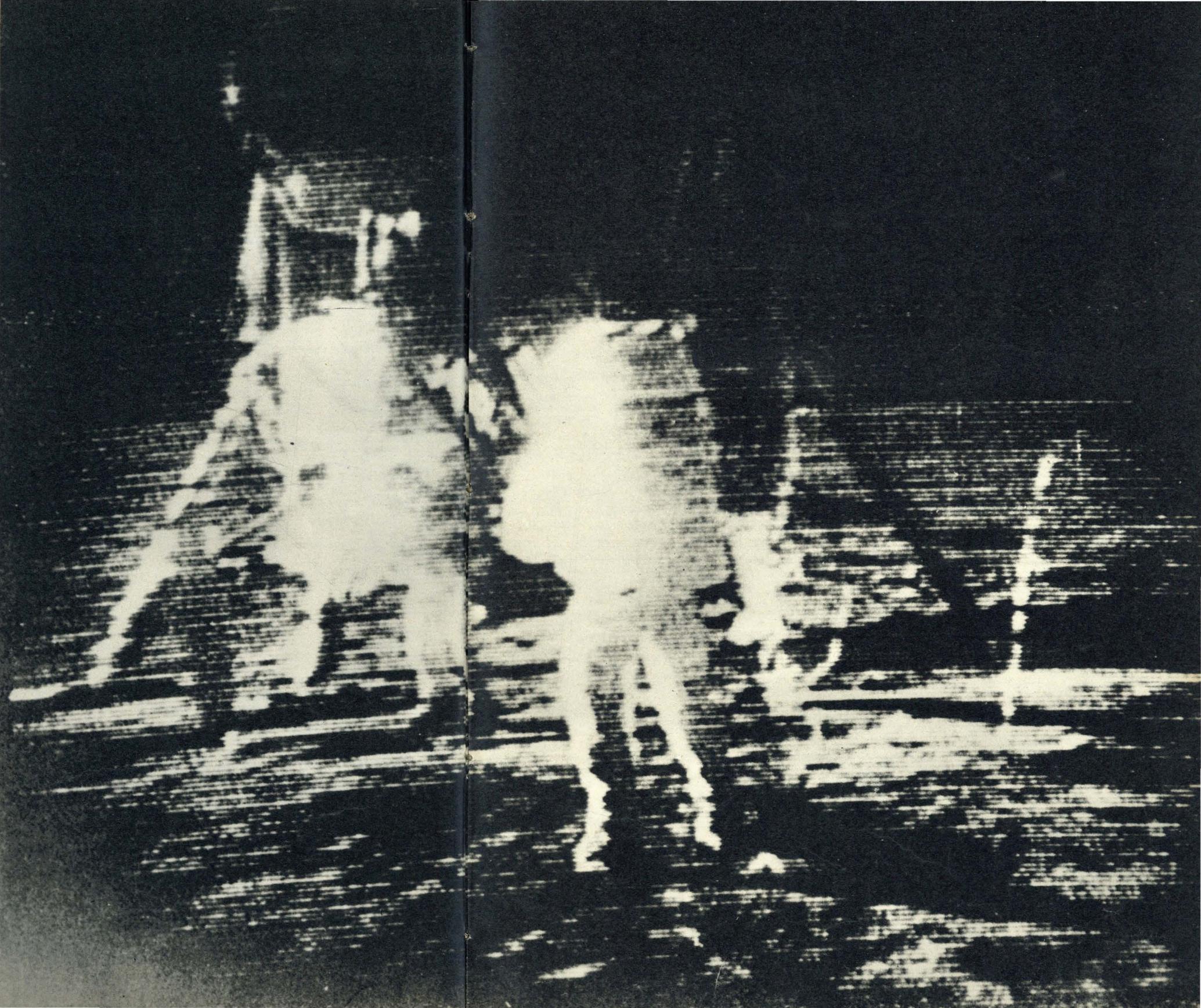
Aparentemente tudo correria bem, à parte pequenas anormalidades verificadas. Veio, porém, a ser posteriormente anunciado que a primeira alunagem do Homem ia redundando em malogro no último momento, devida a uma imperceptível mudança de velocidade antes da descida final. O módulo lunar pousou no mar da Tranquilidade com menos de dois por cento dos propulsores nos depósitos de combustível da descida.

Os astronautas colocaram na superfície lunar um reflector de raios Laser, muito complexo, e um sismógrafo muito sensível, que registava as vibrações dos passos dos astronautas na superfície selenita e até os seus movimentos na nave.

No dia seguinte, 22, o módulo separou-se da nave «Apolo», onde se encontravam, então, reunidos os três astronautas. Às 5 e 56 a «Apolo» liberta-se da atracção lunar e acelera em direcção à Terra. No dia 4, os foguetes propulsores libertam a cabina propriamente dita do seu compartimento. No mesmo dia, 195 horas, 10 minutos e 21 segundos após a largada de Cabo Kennedy, isto é, às 17 horas, 50 minutos e 21 segundos, os três «mosqueteiros» do Espaço regressavam à Terra.

SEGUE

Imagem difusa, vinda da Lua, a 400 mil quilómetros da Terra: pela primeira vez, dois seres humanos (Aldrin e Armstrong) caminharam sobre o planeta que durante séculos alimentou o romantismo da Humanidade. Foi uma página da História que se voltou: para ilustrar esse momento, as imagens não precisariam de ser mais nítidas.



LUA CAPÍTULO PRIMEIRO

DESCIDA NO PACÍFICO: O COMEÇO DA QUARENTENA

Não existem bases seguras para se afirmar seja o que for acerca do verdadeiro lugar que o feito espacial norte-americano ocupa no quadro da política internacional. Até que ponto este primeiro desembarque dos E.U.A. no Mar da Tranquilidade serve aquele país, a partir de que altura serve a Humanidade? Não foi, evidentemente, por motivos meramente científicos que os norte-americanos se meteram numa «aventura tão perigosa como custosa», no dizer de muitos americanos. O prestígio americano foi, certamente, um dos móveis. O

outro teria sido a segurança dos Estados-Unidos.

Antes de se adiantar algo mais acerca do papel dos E.U.A. nesta empresa é necessário, porém, avaliar a posição da União Soviética no conjunto do problema. Até há relativamente pouco tempo era opinião corrente que a U.R.S.S. se encontrava mais adiantada no caminho para a conquista da Lua. Que factos terão originado a súbita quebra?

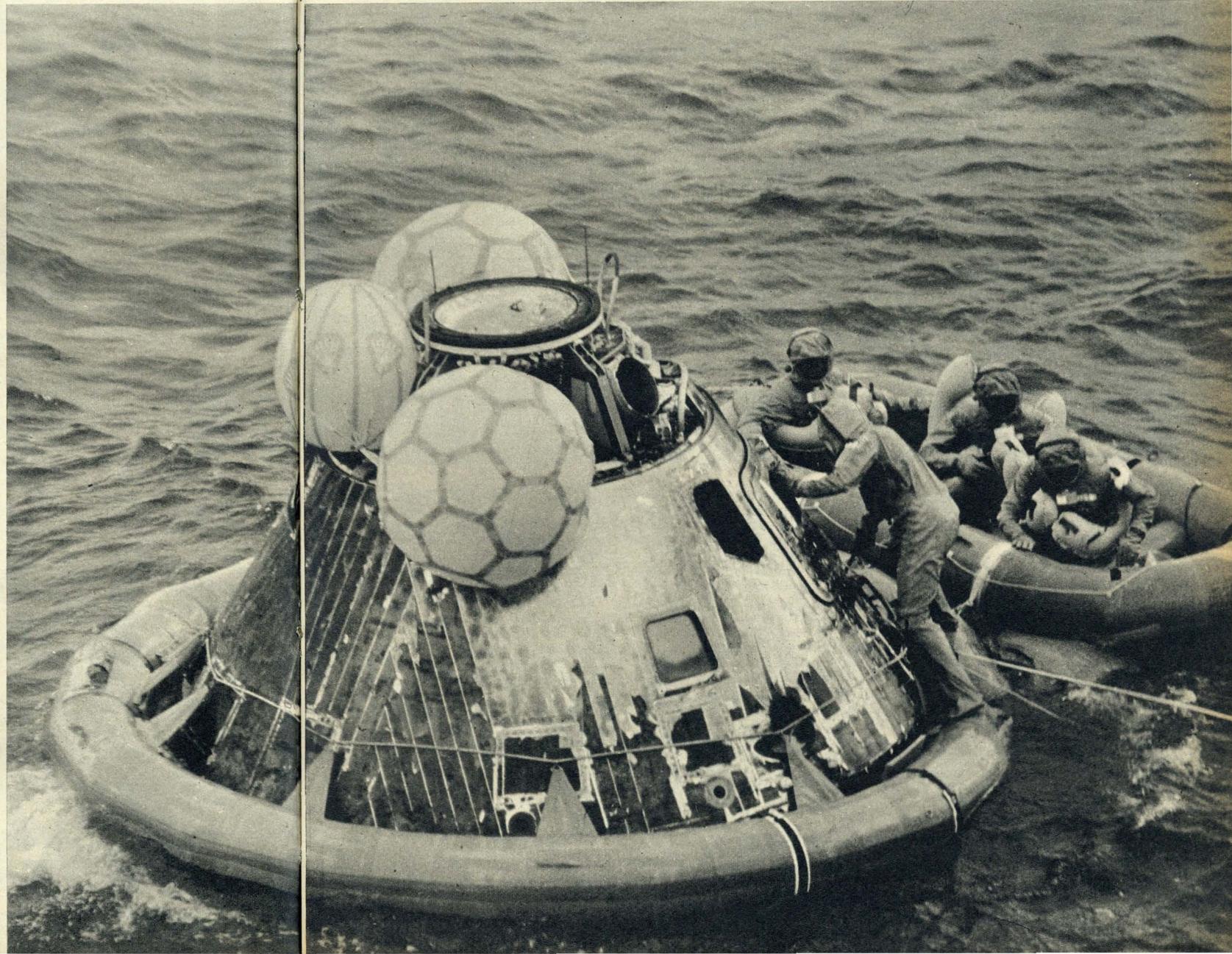
SEGUE



O presidente Nixon quis observar atentamente a manobra da recolha, mas não conseguiu divisar mais do que uma linha de fogo, ao longe. Sòmente mais tarde, saudaria os três homens.



A cápsula da «Apolo 11» jazeu por momentos sobre as águas do Pacífico, mas logo um helicóptero se aproximou, a recolher os astronautas. Homens-rãs auxiliaram os lunautas a regressar ao seu verdadeiro elemento, que é a Terra, onde os aguardava uma rigorosa quarentena antes da glória.



LUA CAPÍTULO PRIMEIRO

QUEM TEM MEDO DOS MICRO-ORGANISMOS?

Os astronautas saem do helicóptero que os recolheu no Pacífico, às 5 e 21 do dia 24 de Julho.



«Em princípio, é pouco provável que exista qualquer espécie de vida micro-orgânica na Lua. Nada, pelo menos, que possa sobreviver em temperaturas que variam entre os 110 graus positivos e os 150 negativos da superfície lunar. Segundo os nossos cálculos as probabilidades de encontrarmos uma forma qualquer de vida são de uma em cem biliões: Mas não nos é permitido negligenciar coisa alguma. Porque se existisse um único germe tóxico e perigoso e o trouxéssemos para a Terra as consequências podiam ser catastróficas!» — diz o dr. Persa Bely, director do «Laboratório lunar», de Houston.

Na verdade, todas as resistências biológicas do homem, os antibióticos e o completo arsenal da Medicina contemporânea seriam inúteis para combater qualquer epidemia provocada por um germe vindo do Espaço, de características desconhecidas e, portanto, decerto resistente à medicação disponível.

Por isso, no regresso da sua fantástica viagem, os astronautas não receberam, como habitualmente, abraços e apertos de mão, nem se aproximaram das pessoas que os aguardavam, no porta-aviões «Hor-

net». O próprio presidente Nixon limitou-se a acenar-lhes, de longe. Tudo se passou como se Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins estivessem, efectivamente, contaminados. Sendo sujeitos a um primeiro exame médico, verificou-se que se encontravam em excelentes condições físicas.

«Reservamos um período mínimo de 21 dias para descobrir se os astronautas apresentam sintomas de infecção. Mas este período poderá prolongar-se», disse o dr. Charles Berry, médico-chefe da N.A.S.A.

Mal chegaram ao navio, os três tripulantes da «Apolo 11» foram conduzidos para o «MQF» (Mobile Quarantine Facilities). Trata-se de uma «caravana» especial, de alumínio, forrada de couro macio, onde permanecerão isolados, em companhia de um médico, o dr. William Carpenter, e do engenheiro John Hirasaki. Todos os cuidados são poucos. Ao longo da quarentena, suceder-se-ão os exames clínicos. Mas, no «MQF» que do porta-aviões foi transferido, num quadrirreactor «Starlifter C-141» do Aeroporto de Hickam (Hawaii) para o laboratório de recepção lunar de Houston, não faltam comodidades.

O «MQF» custou 500 000 dólares. Com 10 metros de comprimento por 2,70 de lar-

gura, está montado sobre uma base provida de oito rodas e pode ser levantado ou baixado pelo condutor, durante as deslocções em estrada. O veículo tem capacidade para albergar seis pessoas. Dividido em três secções (saleta de repouso e quarto, cozinha e casa de banho), é estanque e a sua pressurização interior situa-se a um nível inferior à do ambiente externo para evitar a saída dos eventuais germes trazidos pelos astronautas. Na sala, há seis cadeiras equipadas com cintos de segurança, e uma grande mesa; um painel de «controle» ocupa a parede do fundo e serve para regular a temperatura, a humidade, a pressurização e, bem assim, permitir as comunicações com o exterior.

Os alimentos entram no «MQF» através de uma abertura submersível destinada a descontaminar as embalagens. São, depois, preparados na cozinha, onde funciona um pequeno fogão eléctrico de micro-ondas.

Ao longo da sua quarentena, os astronautas e os companheiros podem jogar às cartas, ao xadrez e às damas, ver televisão e ouvir música gravada. Ao mesmo tempo, com o auxílio do eng. Hirasaki, estudam os pedaços de material lunar que os técnicos decidiram deixar no veículo.



Saídos do helicóptero, os três astronautas recolheram a uma cápsula especial, preparando-se para semanas, necessária para combater o perigo de trazerem consigo micro-organismos da Lua. Foi aí que o presidente Nixon os felicitou.

EU ACABEI A BANDEIRA QUE FOI COLOCADA NA LUA

Uma portuguesa (de Vagos)
colaborou
na grande proeza

Com os olhos fixos no pequeno «écran» ela assistiu, com particular emoção, ao grande acontecimento. Aquela bandeira que os cosmonautas deixaram no solo lunar tinha um pedacinho de si mesma, do seu trabalho, do seu carinho, das suas mãos portuguesas.

«Quando chegares a Portugal verás colocar o teu trabalho na Lua», disse a minha chefe, quando eu estava prestes a vir de férias.

Maria Isilda Ribeiro é uma pessoa simples e extremamente simpática. Tem apenas 23 anos. Foi ela que deu



Esta bandeira portuguesa foi confeccionada por Maria Ribeiro nos E. U. A. Apenas a pintura do escudo não é trabalho seu.



Maria Isilda Ribeiro tem 23 anos, é de Sosa, Vagos, e sente-se orgulhosa de ter colaborado na «Operação-Lua». Foi ela que bordou e fez os acabamentos da bandeira que os cosmonautas americanos deixaram, na data histórica de 21 de Julho de 1969, em solo lunar. À DIREITA: Este é o casal Ribeiro, (Maria Isilda e Armando) ainda sem filhos. Estão satisfeitiíssimos com a vida nos Estados Unidos.

os últimos retoques na bandeira americana que ficou a assinalar a primeira presença do homem na Lua.

«Trabalhei cinco minutos na bandeira. Fiz a bordadura e os acabamentos. Reparei que era diferente das outras que me passaram pelas mãos, mas não fiz qualquer pergunta. O meu trabalho é de responsabilidade, dado que a fábrica exige a maior perfeição nos acabamentos. Não estou lá para fazer perguntas. Quando, porém, ter-

minei a bandeira, o meu chefe teve a amabilidade de comentar: «É a primeira pessoa que faz uma bandeira para colocar na Lua».

A voz de Maria Ribeiro sente-se beliscada pela emoção.

«A bandeira é em fibra de vidro e mede três pés por cinco (99 por 165 centímetros).

Falar em pés em vez de centímetros revela a influência americana. Há dois anos que trabalha na fábrica de ban-

deiras Annin & C^o, em New Jersey. Isto é, há quase tanto tempo quanto vive nos Estados Unidos.

«Fui para lá viver em 1966, quando casei».

O marido de Maria Ribeiro vive nos Estados Unidos há uma dezena de anos. Trabalha numa empresa de electricidade e estuda nas horas livres. Em breve terminará um curso de engenharia. Conheceu a mulher durante as férias que veio passar a Portugal em 1964. Dois anos depois voltava à terra da noiva, em Sosa, Vagos, a poucos quilómetros de Aveiro, para casar e a levar para a América do Norte.

«Eu tenho a instrução primária e o curso de agente rural. O inglês só o aprendi quando fui para os Estados Unidos com meu marido».

Está muito satisfeita com a sua vida americana.

«Tudo por lá é muito diferente daqui, mas dou-me bem. Na fábrica trabalhei oito e, por vezes, dez horas por dia, mas não tenho problemas. Em 1 de Setembro próximo regresso a casa e ao trabalho, depois de ter gozado as minhas primeiras férias em Portugal».

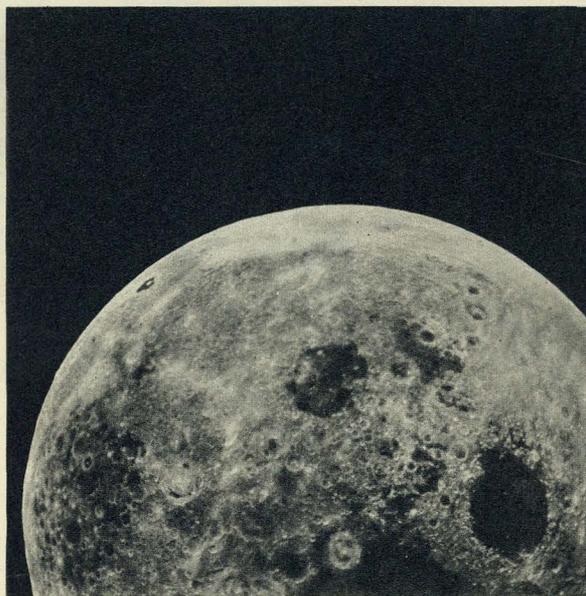


TEXTO PINTO GARCIA
FOTOS JOSÉ RUIZ

SINGER * FRIDEN

presentes

no Projecto
Apolo



presentes em dois planetas

SINGER 50 dos seus múltiplos
produtos foram aplicados no projecto Apolo 11.

FRIDEN 170 máquinas Friden desde a calculadora
ao mini-computador trabalham no projecto Apolo.

SINGER
FRIDEN DIVISION

EDWARD KENNEDY: SUSPENSA A PENA MAS NÃO A CARREIRA



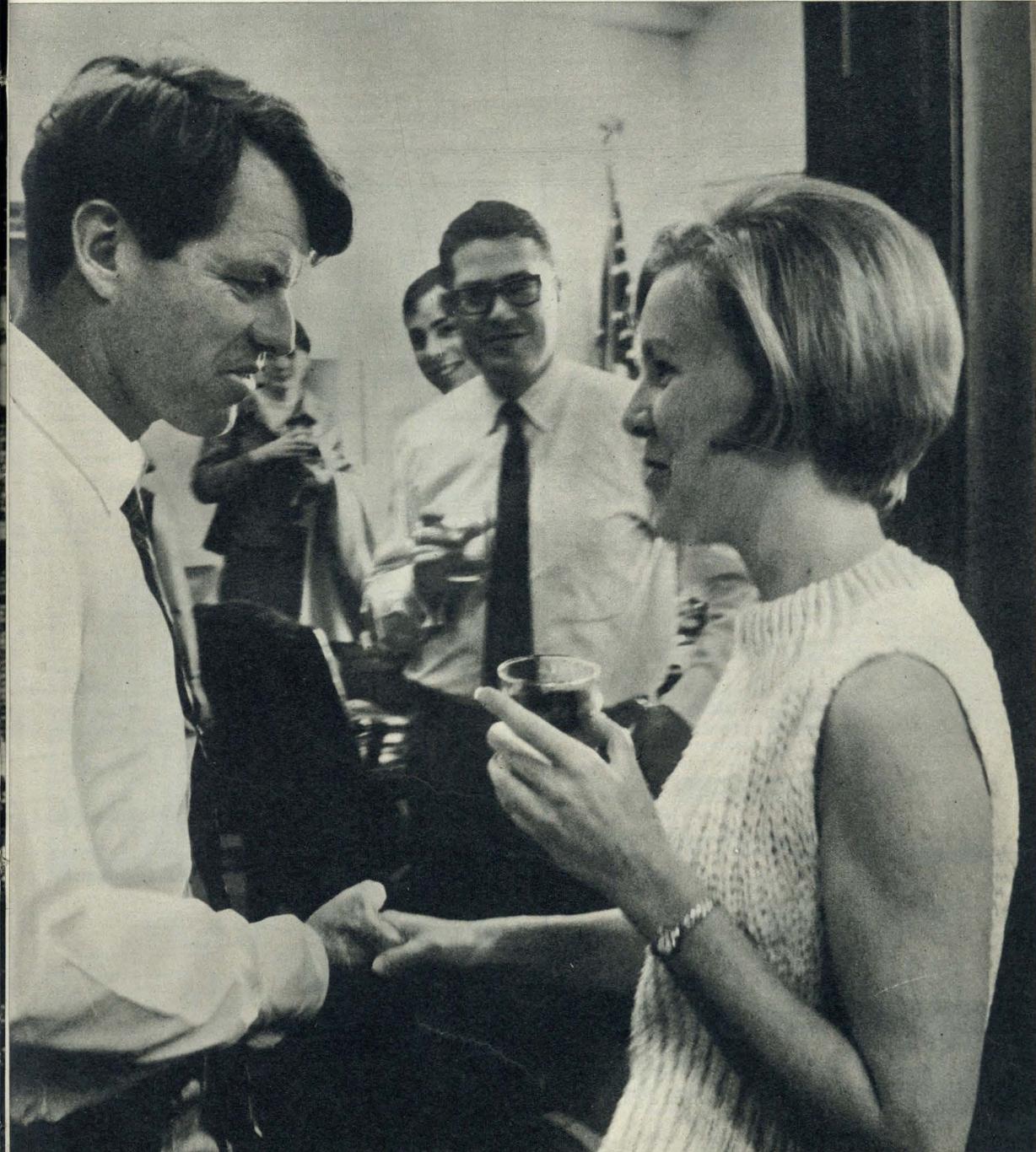
Mary Jo tinha 28 anos e era há já bastante tempo uma fiel colaboradora dos Kennedy.



Edward Kennedy — será possível continuar a corrida à Casa Branca?

A história é demasiado conhecida. No regresso de um jantar, quando conduzia a casa a sua secretária Mary Jo Kopechne, Edward Kennedy enganou-se na estrada e, devido à escuridão, o automóvel em que seguiam caiu ao rio. Ted Kennedy conseguiu sair do carro, enquanto a jovem Jo morria afogada. No entanto, Ted só avisou a polícia oito horas após o acidente, o que fez levantar logo várias questões: Ted Kennedy estava embriagado? De onde vinha e o que fazia àquela hora, acompanhado por Mary Jo? Entretanto o tribunal, após confissão, condenou Kennedy a dois meses de prisão com a pena suspensa.

Este incidente ameaçava arruinar a carreira política do senador Edward Kennedy que fez angustiante apelo aos habitantes de Massachusetts pedindo-lhes para lhe darem a sua opinião. Observadores políticos admitem que a carreira do senador está salva.



Considerada o tipo de secretária modelo, Mary Jo trabalhou com Bob Kennedy, em 1967, no escritório do senador em Washington, na época em que o clã dos Kennedy era um dos mais importantes de toda a América.

incrível, O CHEIRO a refogado da vizinha do lado!...



Bem, da vizinha propriamente dita, não, coitada...
Mais exactamente, da casa da vizinha do lado:
Um cheiro insuportável, que se insinua através das
frinças das portas, passeia pelos corredores, paira na
sala de visitas e chega até à casa de jantar.
Eu bem lhe tenho dito dezenas de vezes:
— Ó Senhora Dona Mariquinhas faça como eu!
Comprei uma barra de RACASAN, coloquei-a
na cozinha, conforme as instruções escritas na
embalagem e todos os cheiros desapareceram como por
encanto. E depois, o ar fica fresco e leve, cheirando
a pinheiros (Pine), a alfazema (Lavender) ou a flores
silvestres (Bouquet). É mesmo um cheiro
a lavadinho! ...

Tem toda a razão, minha senhora!

racasan

elimina os cheiros e purifica o ar!

pine	OFERTA RACASAN	bouquet
valor 2x7,50 = 15,00	agora só 12\$50	AIR FRESHENER

OFERTA ESPECIAL: POUPE 2\$50

Representante exclusivo: **F. LIMA & C^ª SUCR., LDA.**
À VENDA NAS MEHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS



CARLOS PORTUGAL:
VIVA QUEM CANTA

Carlos Portugal gravou para a Alvorada novo 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: Viva quem canta, Andorinha beira, Ó Ti'Ana, Bolas Maria.



EMÍLIA REIS:
ESCRAVA DO AMOR

Emília Reis gravou para a etiqueta Estúdio um 45 r.p.m. que inclui: Onde estás, Fado Magano, Fadista de cravo ao peito, Escrava do amor. AcompANHamentos do Conjunto F. Carvalhinho.



CRUZ MONTEIRO:
É TÃO BOM SER
PEQUENINO

Cruz Monteiro gravou para a Alvorada um 45 r.p.m. que inclui: Aos graúdos, Resumo da minha vida, É tão bom ser pequenino, O meu jadinho. Os acompanhamentos são do conjunto Jorge Fontes.

DISCOS

3 DISCOS — 3 ETIQUETAS



LOS CANARIOS:
«SOUL MUSIC»

«Los Canarios» são presentemente um dos melhores conjuntos espanhóis. De inspiração norte-americana, o grupo permaneceu largos meses no Novo Continente onde tomou contacto com o tipo de canção a que chamamos «Soul». Na Alemanha, Bélgica e Holanda, tiveram um sucesso espectacular, o mesmo acontecendo, meses depois, na Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia.

O novo disco dos Canários traz um regresso incondicional à «Soul music». Depois de Child, música profundamente humana, «Pain» classifica-se como um «Soulful» sincopado e cheio de força.

Alcançou sem dificuldade os primeiros lugares nas listas das duas principais revistas de Espanha. Vem assinado como de costume por E. Banister. A direcção musical continua a ser de J. Boucbety.

«Pain» é o single de Verão para os Canários. O lado B do «single» é uma das primeiras composições do grupo, e deverá ser editada em Portugal num LP.

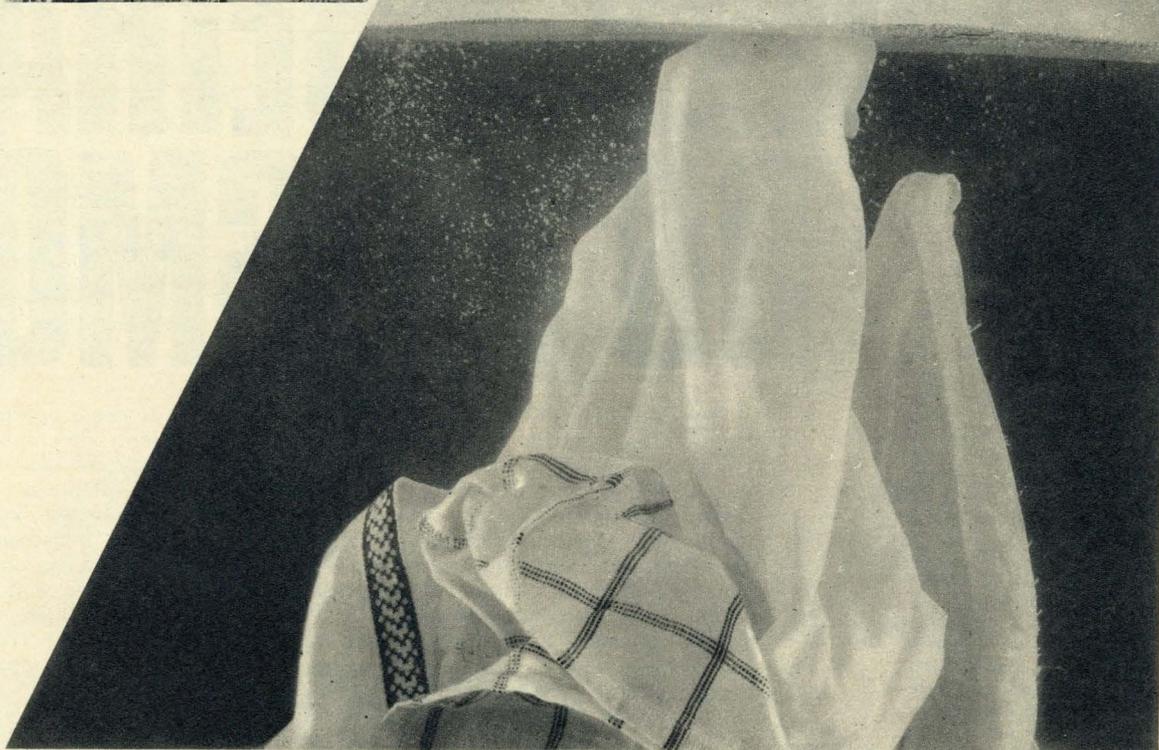


ZÉ FREIRE
FADO DE ANDAM
NA GUERRA

O fado — escreveu a propósito Armando Marques Ferreira — encontra na voz de Zé Freire uma expressão diferente. Um fado que pertence aos nossos dias, mas tem raízes tradicionais. Um fado que sabe bem ouvir a qualquer hora. Neste 45 r.p.m. da etiqueta Estúdio, Zé Freire inclui: Oh! minha mãe, Fado da Bica-Linhares Barbosa; Quando o fadista é de raça, de C. Ramos-Dr. Luís Mello Torres; Fado de andar na guerra, Fado menor do Porto-Correia Tavares; Dona do meu pensamento, João Maria dos Anjos-Correia Tavares. Acompanhamentos do conjunto de guitarras de Raul Nery.



com **Bio-tex**
não perde tempo
com a roupa



O maior problema da semana resolvido na sua ausência

Resolvido em três horas, tempo de inteira liberdade para si. Basta deixar o Bio-Tex sozinho (3 horas com água quente, 8 horas com água fria) a lavar a roupa toda da semana. Ponha uma chávena de Bio-Tex no tanque ou meia chávena na máquina. Ponha a roupa toda. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, sangue, etc. Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar a roupa por água limpa. Assim ela dura muito mais.

Bio-tex
torna a lavagem quase desnecessária

Na compra de qualquer embalagem de



Vale
2\$00

Troque-o no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor Comerciante:
este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita



TOMATE: RIQUEZA À BEIRA DO ABISMO

Costumavam as nossas avós, durante o Verão, quando o tomate era mais barato, fazer uma calda que engarrafavam e consumiam durante todo o ano. Conservava-se graças à adição de um produto químico adquirido na farmácia. «Durante o tempo do tomate, não há más cozinheiras», dizia-se. Havia portanto que prolongar a estação pelo ano fora...

O aproveitamento caseiro do tomate deve ter servido de inspiração aos industriais que levantaram as suas fábricas e centraram a sua actividade no concentrado desse fruto. Em Portugal, porém, a quase totalidade da produção das 32 fábricas de concentrado de tomate hoje em laboração é exportada. A maioria das mulheres portuguesas não utiliza os produtos enlatados, dado o seu baixo poder de compra, a sua vida tradicionalmente caseira e falta de mentalização para aceitar e consumir produtos que não sejam frescos.

O meio abastado ou o intermediário adquire maior número de conservas, mas, no que respeita ao tomate, canaliza o seu consumo quase só para o tomate «pelado». O concentrado e seus derivados não foram ainda bem aceites nem mesmo nas camadas mais abastadas da população.

A partir de Julho, o tomate vende-se na praça, nas «mulheres da hortaliça», nos lugares ou nos supermercados por preços que variam entre 4 a 5\$00 o quilo e, a partir

A indústria de conserva do tomate e a exportação deste produto representam cerca de um milhão de contos de divisas anualmente em Portugal. Mas esta actividade atravessa, presentemente, uma profunda crise de raízes fortes e profundas que se estendem por todos os campos de tão rico sector. Durante cerca de dois meses, uma equipa de reportagem da *Flama* falou com lavradores e industriais, proprietários e entidades responsáveis, deslocou-se aos campos onde tanta riqueza brota da terra generosa, percorreu gabinetes e consultou documentos, assistiu a debates e escutou toda a sorte de depoimentos de modo a poder traçar um quadro do problema, que esboçaremos em duas grandes reportagens a primeira das quais apresentamos hoje.

de Agosto ou Setembro, a 2\$50 e 3\$00. Em comparação, os enlatados de tomate vendem-se a 5 e 9\$00 (pelado), 11 e 12\$00 (frasco de polpa) e a 3\$50, 4\$50 e 7\$50 o concentrado em latas respectivamente com 115, 170 e 190 gramas. Os preços terão a sua influência, portanto, na riqueza do mercado. Mas convém lembrar, também, que a mulher de outros países tem um nível de vida superior ao nosso, um regime alimentar diferente e ainda um sistema de vida mais liberto, mais fora de casa. Com menos tempo para utilizar os produtos frescos, recorre aos enlatados com muito mais frequência.

Embora não existam estudos especializados, há toda a razão para acreditar que a procura de produtos do tomate está a aumentar em todo o Mundo, mas não pode prever-se em que

extensão esse aumento continuará a verificar-se. Contudo, estão a ganhar cada vez mais popularidade muitíssimos produtos alimentares em que o tomate entra como elemento da composição. O «ketchup», por exemplo, que durante muitos anos foi de uso quase exclusivo por parte dos Norte-Americanos, está agora a ser cada vez mais frequentemente utilizado por muitíssimas pessoas dos países mais desenvolvidos e pelos grupos mais abastados dos países subdesenvolvidos, não só na Europa como até no Oriente. A famosa «pizza», que da Itália saiu para a América, está hoje um pouco por toda a parte do Mundo. As estatísticas mostram, também, que aumenta o consumo de sopas de pacote, molhos e condimentos nos supermercados e a maioria destes produtos contam o tomate na sua composição.

PARA ONDE VAI O TOMATE PORTUGUÊS?

Portugal é um dos maiores exportadores de concentrado de tomate (como «matéria-prima» e não como produto acabado que não possui significado comercial), o segundo a seguir à Itália. Produz cerca de 160 mil toneladas de concentrado (1968) que exporta para quatro mercados bem definidos: Inglaterra, Estados Unidos da América do Norte, Canadá e Alemanha, num total de 100 mil toneladas. Mais de 15 000 toneladas seguem para as províncias ultramarinas, Bélgica, Holanda, Itália, Dinamarca, Noruega, Suécia, Suíça, Japão e ainda em menos quantidade para França, Áustria, Finlândia, Irlanda, Islândia, Nigéria, Antilhas Holandesas, Territórios Britânicos na América Central, Trindade e Toba-



EM CIMA — «Não pude continuar a estudar. Há muita falta de pessoal e os meus pais precisavam de mim» — disse o jovem que vemos junto do pai a adubar a terra. Quando o tomate começa a ter rama, abrem-se regos, aduba-se e voltam a tapar-se. À ESQUERDA — O tomate maduro está pronto para a apanha. A cor vermelha é essencial para a sua boa qualidade.

go, Surinam, Filipinas, Israel, Líbano e Malásia.

O mercado interno consome menos de um por cento desta quantidade, ficando em «stock» o excedente das 160 mil toneladas produzidas, portanto cerca de 40 mil.

A indústria da transformação do tomate representa, para a economia nacional, um milhão de contos. O volume de investimento está calculado entre um milhão e meio a dois mi-

lhões de contos, numa média de 30 mil contos por cada unidade fabril.

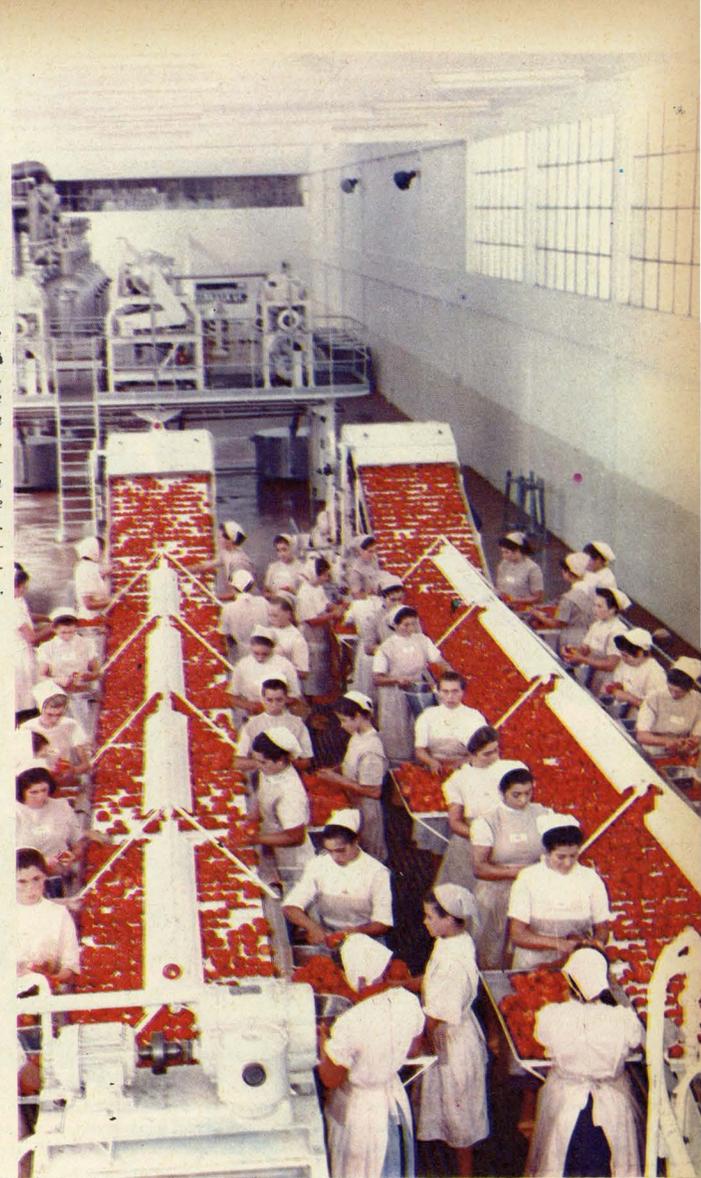
A maioria destas empresas fabrica apenas o concentrado. Só uma minoria produz, também, outros produtos alimentares horto-frutícolas. Distribuído pelo conjunto das fábricas do País, trabalha um número aproximado de cinco mil pessoas — 150, em média, em cada empresa — durante todo o ano (sendo cerca de 50 por cento mulheres). Na época de campanha, de meados de Julho a Outubro, a indústria ocupa cerca de 10 000 pessoas (mulheres na maioria) e número muito superior nos campos.

CONJUNTURA DE CRISE

A indústria cresceu desmesuradamente nos sectores industrial e agrícola, tem um excesso de produção, relativamente às possibilidades de colocação e depende apenas da exportação. Se as boas campanhas coinci-



EM CIMA, À ESQUERDA — Depois de ser descarregado espera à entrada das fábricas, em grades de cerca de 25 quilos cada, a altura de começar uma quase infundável série de longas operações. À DIREITA — Provou-se que as mulheres são mais aptas e têm mais sensibilidade para determinados trabalhos delicados, como a operação de selecção que se vê à direita. EM BAIXO, À ESQUERDA — Primeira lavagem do tomate, antes de entrar na fábrica. À DIREITA — Uma fase da transformação industrial.



COMPETIÇÃO: FACTOR CRESCENTE DE CRISE

dem em diversos países exportadores ou importadores e os mercados habituais forem inundados por quantidades superiores à sua capacidade de absorção, não será possível a Portugal colocar a sua mercadoria, por mais aliciantes que sejam as suas ofertas.

Esta conjuntura de crise é resumida pelos especialistas nos seguintes pontos:

- Excesso de produção relativamente às possibilidades de colocação nos mercados internos

- Competição crescente na aquisição da matéria-prima

- Polarização da exportação nacional, hoje feita através de mais de trinta empresas produtoras além de dezenas de

firmas que comercializam o mercado externo

- Fraca polivalência das linhas de fabrico, de que resulta incidência dos gastos gerais quase exclusivamente sobre um só produto e fragilidade das empresas perante a eventualidade de uma crise que afecte esse mesmo produto

- Demasiada pulverização de firmas de que resultam, por um lado, competições nefastas, e por outro, fraqueza no diálogo comercial a estabelecer com as grandes firmas de produtos alimentares que adquirem os fabricos nacionais, que impede largas campanhas de publicidade a favor de uma marca

- Eventual baixa do nível



qualitativo que impôs a produção nacional, pela competição estabelecida na aquisição da matéria-prima e por uma insuficiente mentalização por parte de alguns novos industriais

- Dificuldades crescentes no comércio internacional, pelo desenvolvimento da indústria em novos países e pelas ajudas que alguns dos antigos exportadores recebem dos respectivos países para contrabalançar as vantagens de baixo custo de mão-de-obra que têm jogado a nosso favor, maiores ainda quando as barreiras alfandegárias da E.F.T.A. — organização de que fazemos parte (e que pretende competir com o Mercado Comum) — vierem a ser eliminadas

- Aumento do cultivo e



EM CIMA — É preciso começar a «curar» os tomateiros, quase de início, com insecticidas. Na maioria dos casos, os rurais não os utilizam devidamente, nem respeitam prazos. Em Espanha, todos os pesticidas venenosos — para o ser humano — foram proibidos. Porque não seguir o exemplo? EM BAIXO — É necessário uma certa técnica para retirar as ervas que nascem junto dos tomateiros. As mulheres além de ganharem menos do que os homens, (isso pesa na balança que lhes dá preferência) são muito mais pacientes neste tipo de trabalho.



PARA AMANHAR A TERRA SÃO PREFERIDAS AS MULHERES

exportação do tomate noutros países com condições naturais e de desenvolvimento equiparadas ao nosso país, como a Grécia, Turquia, Marrocos, Hungria, México e até a Espanha.

ISTO DE TRABALHAR NO CAMPO...

Entre os carreiros abertos para a rega do tomateiro, uma dezena de mulheres de enxada em punho retira as ervas (fortalecidas pelos adubos) que prejudicam o crescimento do tomate. É quase meio-dia. O Sol está a pino e as mulheres «guardadas» pelo capataz cavam levemente para não quebrar as raízes. Depois, retiram, à mão, as ervas que resistem à enxada. Dobradas, pro-

TOMATE, PAGAR CONTRA VONTADE

tegradas por calças compridas enfiadas debaixo das saias e por puidos casacos de malha que isolam (?) o calor. Param, apenas, para beber água de um recipiente de cortiça. De vez em quando, uma ou outra afasta-se. É preciso mexer os feijões e a hortaliça que coze ao lume de um fogão improvisado e que constituem a ementa do almoço.

«Tenho quatro filhos e deixo-os sózinhos na barraca onde moramos. O patrão não gosta que andem atrás de nós — dinos uma mulher ainda nova, de rosto enrugado, precocemente envelhecida —. Ao meio-dia, quando largo, tenho que ir a casa, a correr, fazer-lhes o almoço. O meu marido trabalha na bomba da gasolina. Se eu soubesse ler, ia para a fábrica. Isto de trabalhar no campo não dá. Cansa muito e ganha-se pouco. Trabalhamos oito horas e recebemos 40\$00. Estudar, eu? Tomara ter tempo para cuidar dos filhos. Chego à noite tão cansada... e ainda tenho que lhes fazer a comida e tratar das coisas. O que quero é deitar-me. No inverno? Estou em casa. O tomate só começa a dar-nos trabalho em Março e acaba lá para Outubro. Olhe, vivemos como podemos!»

J. C. S. é uma das muitas mulheres que na época do tomate ganha a sua vida, no campo, contribuindo para garantir a qualidade daquele fruto. No entanto, na altura têm de contratar mais pessoal, mulheres que podem ganhar entre 50\$00 a 60\$00 e os homens entre 80\$00 e 90\$00 e vinho. Tal diária pode elevar-se, para os homens, até 120\$00 ou 130\$00.

Estes preços são praticados numa zona perto de Azeitão. Porém, perto de Benavente um lavrador que tem contratados 50 a 90 trabalhadores, de ambos os sexos, paga às mulheres entre 50\$00 e 55\$00 por dia e aos homens entre 70\$00 a 80\$00 diários. Continuando uma tradição da região, os rurais ganham a dobrar à se-

gunda e ao sábado. Além disso, preferem trabalhar de sol a sol (das 7.30 às 20.30) do que pelo período normal de oito horas. Pela primeira modalidade, os homens descansam de quinze em quinze minutos, «para uma fumaça», têm direito a uma hora para almoço e duas para jantar.

Como há necessidade de maior número de mulheres do que homens e se aquelas têm filhos e marido, este só dá a sua autorização se o resto da família for também contratada...

Como a dificuldade em obter pessoal é enorme, verificam-se migrações de ranchos alentejanos para as zonas de cultivo do tomate, o que causa certas perturbações e problemas em regiões de características e costumes diferentes. Desconhecendo os costumes da terra, aceitam trabalho por períodos de oito horas.

ONDE CRESCER?

Todo este movimento de trabalhadores se concentra nas zonas apropriadas de cultura de tomate, sendo a zona ribatejana a que adquiriu maiores tradições. Os terrenos desta região são os mais indicados para a cultura.

No entanto, esta tem-se estendido aos mais diversos terrenos, como em certos pontos do Alentejo, actualmente irrigados, e onde ainda há pouco apenas os sobreiros ou azinheiras originavam algum rendimento.

A área cultivada para a indústria do tomate tem, assim, aumentado de ano para ano.

Area ocupada p. cult. tom. industrial	
(hectares)	
1940	100
1957	1 100
1958	1 968
1959	1 435
1960	2 179
1961	3 176
1962	4 835
1963	5 300
1964	7 500
1965	9 900
1966	15 890
1967	19 700
1968	23 538
1969	25 000

TERRENOS, ALUGAM-SE

Existe uma ânsia, descontrolada, de alugar terrenos para este tipo de cultivo.

Aproveitando-se de tal entusiasmo, os proprietários **exploram** o preço de alugar das suas terras, que pode ir de

6500\$00 a 9000\$00 por hectare, recusando-se a alugá-las se a cultura for outra. «Somos livres em arrendar as nossas terras pelo preço que nos apetece» — afirmou-nos um deles.

«Os proprietários estão na base da crise agrícola. O actual sistema de arrendamento é prejudicial — esclarece uma entidade oficial —. Há uma lei que regula o arrendamento mas que não tem sido observada. O proprietário do terreno é um capitalista que se aproveita da situação. Impõe-se uma renda justa», — a qual, segundo outra fonte, seria de dois mil escudos por hectare.

«Se o lavrador pagasse uma renda justa poderia ter na venda a remuneração do seu trabalho — afirma um responsável pelo sector industrial —. Assim, os fabricantes estão entre os produtores que não têm interesse na cultura e o consumidor que pretende baratear cada vez mais o preço da compra. Como responsável desta situação, está a renda da terra.»

agricultores não têm grandes disponibilidades económicas, a renda do terreno é muito cara, o aluguer complica-se. Como as fábricas, porém, precisam de garantir o tomate para a sua laboração, alugam grandes áreas de terreno aos proprietários, e subalugam-nas, seguidamente, em regime de parceria, a pequenas famílias.

As empresas chegam a abonar o dinheiro para o pagamento das rendas, e, depois de receberem o tomate, fazem «controlo de contas» com o lavrador.

Surgem, assim, situações desagradáveis, só possíveis dado o subdesenvolvimento das classes rurais.

Os analfabetos ao fazerem contratos com os industriais, aceitam com frequência condições que vêm depois a ser-lhes desfavoráveis. E há empresas em muito más condições financeiras que se atrasam no pagamento aos agricultores...

«Ainda não me pagaram o tomate do ano passado — queixa-se um seareiro. No ano cor-



O carregamento das camionetas que transportam o tomate é feito por meios mecânicos.

O arrendamento dos terrenos processa-se de vários modos. Se o agricultor tem umas certas possibilidades económicas, aluga-o directamente ao dono. Como o risco da cultura é grande, o lavrador não pode garantir a renda e, então, o proprietário exige, inicialmente, 50 por cento do dinheiro.

Outros «fogem», com a família, das regiões tradicionais de cultivo do tomate e em busca de rendas mais baratas embora, por vezes, os terrenos sejam de fraca produtividade. Deste modo, encontram-se, por exemplo, em Azeitão, famílias de Coruche, que entregam o seu produto a uma fábrica a cerca de 50 quilómetros! Pensam, para o ano, ir para a zona de Sessimbra «onde descobriram uns terrenos que lhes parecem bons».

Mas, na maioria dos casos, os

rente, a fábrica fez-me um empréstimo com juro estabelecido «lá por eles», mais alto do que o dos bancos, que dificilmente nos emprestam, pois não podemos dar garantias».

Queixa-se outro lavrador de outra região: «As fábricas pagam mal e de má vontade. Ainda há pouco tempo me pagaram o tomate do ano passado».

TUDO AUMENTOU MENOS O PREÇO DE COMPRA

O agricultor, ao decidir plantar tomate nas terras alugadas, celebra um contrato com o fabricante, de modo a garantir, mutuamente, a venda e compra do tomate. A empresa fornece as plantas ao preço de cerca de 50\$00 por milheiro (criadas em volta das fábricas, em viveiros, e com sementes seleccionadas), os adubos e

SEGUE

(nem sempre) insecticidas e pesticidas.

O tomate, à entrada da fábrica, é classificado em primeira e segunda categoria, com preço de venda de \$50 e \$40, respectivamente. Após feitas as contas, é necessária uma produção bastante elevada, para auferir algum lucro.

«Se não fizer entre 45 a 50 toneladas tenho prejuízo — diz-nos um lavrador que tem alugados oito hectares de terreno.

«Quando tudo corre bem, gasto 20 contos por hectare — explica-nos um agricultor que alugou 50 hectares. Se render 50 toneladas não ganhamos, mas também não perdemos».

A produção unitária do tomateiro duplicou e, nalguns casos, quase triplicou, durante os últimos anos! Passou-se das 20 toneladas por hectare para cerca de 50 e 60 toneladas. O aprimoramento da qualidade foi impulsionado pela Junta Nacional das Frutas, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, com a colaboração de alguns técnicos, a partir de 1946, através de selecção de sementes, novas técnicas de cultivo, variedades mais produtivas e de mais fácil adaptação às condições locais.

Alguns agricultores não se sentem atingidos por estes benefícios. «Tudo aumentou: pessoal, máquinas, transportes, adubos, pesticidas e terreno. Só o preço do quilo do tomate é que não. Mantém-se há muitos anos e nas fábricas não garantem nenhuma subida», continuam a queixar-se.

Os industriais, por sua vez, lamentam-se das baixas sucessivas de preços a que estão sujeitos, provocadas pela concorrência e pelas manobras especulativas no mercado de exportação.

A qualidade do nosso concentrado de tomate é considerada das melhores do mundo e depende de vários factores — clima propício, cor vermelha, maturação, polpa firme e isenta de bolores e, como importante factor a aliar a estes, a quantidade de mão-de-obra utilizada.

Nos países desenvolvidos, a falta de braços levou à aceleração e aperfeiçoamento dos processos mecânicos de cultivo, como, por exemplo, na Califórnia, o maior produtor do mundo. A apanha mecânica, no entanto, conduz a uma diminuição de qualidades. As máquinas apanham o tomate maduro e verde (e arrancam as plantas). Embora este seja, em grande parte, eliminado, resta sempre uma certa quantidade com partes verdes.

O preço da mão-de-obra em Portugal, pelo contrário é muito baixo, e a falta de pessoal não é ainda alarmante, dada a grande quantidade de mulheres utilizadas. Na altura da apanha, as mulheres retiram das plantas apenas o tomate maduro, fazendo colheitas sucessivas à medida que o legume amadurece. É necessário aguardar que o número de frutos maduros, por planta, seja em número suficiente para tornar mais económica a recolha.

Na primeira vez, quando o tomate maduro é ainda escasso, o rendimento de uma mulher não ultrapassa os 300 quilos por dia, enquanto que, em plena maturação, chega a 600 e 800 quilos por um dia de oito horas de trabalho. Reduzindo a frequência das apanhas, perde-se algum tomate por excesso de maturação, mas, apesar de tudo, esta perda é compensada pela economia de mão-de-obra e ainda pelos menores estragos causados nas plantas. «A produção de um tomatal varia com inúmeros factores. No entanto, se fossem aplicadas certas técnicas, seria possível colher entre 60 e 80 toneladas por hectare» — cita um técnico. «Ninguém nos ensina nada. A cultura do tomate ainda é recente. Olhe, cada um safase como pode — queixam-se os rurais. No entanto, a média é (muito) inferior a 40 toneladas por hectare».

HISTÓRIA EM DUAS PALAVRAS

A produção e a industrialização do tomate no nosso país podem considerar-se antigas, sobretudo no Ribatejo. Já antes da última guerra mundial se produziram ali cerca de 800 toneladas de concentrado de tomate, embora de baixo nível qualitativo.

A primeira fábrica de concentrado foi instalada em 1938, na Chamusca. Era muito rudimentar, tanto mais que, na altura, havia sérias dificuldades de aquisição do material necessário à indústria. A fase, iniciada em 1953 com a instalação da primeira unidade com máquinas em aço inoxidável (eram de cobre as anteriores), marca uma etapa decisiva.

Até então, pode considerar-se que a indústria viveu, entre nós, uma fase de adaptação. Ao mesmo tempo, a área cultivada de tomate aumentava significativamente, abandonando as hortas e invadido os campos da Lezíria Ribatejana.

Foi sobretudo entre 1956 e 1957, que se expandiu verda-

TOMATE: AMEAÇA DO MERCADO COMUM

deiramente a cultura e a indústria do tomate em Portugal.

Com o aumento de procura no mercado externo, a sua exigência de qualidade, a concorrência começou a ser uma realidade, o que levou os industriais a melhorarem o equipamento, a aperfeiçoar a selecção do tomate e as condições de higiene da laboração.

PRODUÇÃO DO CONCENTRADO DE TOMATE

Anos	Produção (ton.)
1952	1 998
1953	1 718
1954	2 201
1955	4 256
1956	3 260
1957	4 992
1958	9 600
1959	7 800
1960	9 800
1961	13 300
1962	27 000
1963	32 900
1964	48 900
1965	73 800
1966	91 543
1967	142 146
1968	162 000

Iniciou-se, deste modo, uma exportação que nos levou a entrar em concorrência com a Itália.

PEQUENO DICCIONÁRIO

● **Concentrado de tomate** — Produto pastoso que se obtém a partir do sumo do tomate por meio de vácuo e em óptimas condições higiénicas.

● **Massa ou calda de tomate** — Produto (já ultrapassado) obtido por fermentação do sumo de tomate a que se adiciona sal para conservação. Produzido em condições higiénicas deficientes e com longa exposição ao ar. Não aconselhável.

● **Polpa de tomate** — Sumo de tomate ligeiramente concentrado.

● **Sumo de tomate** — Sumo extraído do tomate, mais diluído do que o concentrado, e extraído por máquinas próprias.

O concentrado de tomate está em quarto lugar nas exportações nacionais. Em 1968, porém, verificou-se uma alteração significativa, vista as conservas de sardinha, que estavam à frente das exportações portuguesas, não terem ultrapassado as 60 335 toneladas, número bastante inferior ao atingido pelo concentrado de tomate. Antes desta alteração a ordem era a seguinte: 1 — Conservas de sardinha; 2 — Vinhos (excepto vinho do Porto); 3 — Cortiça; 4 — Derivados do tomate; 5 — Vinho do Porto e 6 — Resinosos.



CONCENTRADO DE TOMATE

Anos	EXPORTAÇÃO	
	Quantidades (ton.)	Valores (milh. esc.)
1958	3 770	25 709
1959	7 052	41 831
1960	11 000	66 565
1961	14 648	86 624
1962	11 682	74 378
1963	33 408	211 069
1964	32 124	210 333
1965	62 359	426 181
1966	69 809	511 827
1967	104 613	814 923
1968	115 876	cerca de um milhão contos

A produção agrícola do tomate aumenta, a produção industrial sobe — calcula-se que este ano atinja 180 mil toneladas — e a colocação nos

mercados externos torna-se cada vez mais difícil.

PROMETIDA A INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL

Na Itália o custo de mão-de-obra é superior ao nosso e, portanto, o custo da produção é mais elevado. No entanto, aquele país está protegido pelo Mercado Comum — de que faz parte — o que lhe dá uma supremacia no mercado internacional.

Portugal e os países do bloco socialista, embora por razões opostas, têm produção e mão-de-obra de baixo custo e podem colocar produtos, a preços inferiores, nos mercados estrangeiros. Como compensação, o Governo italiano decidiu auxiliar os seus exportadores com subsídios.

A concorrência agravou-se com o aparecimento no mercado de outros países com condições naturais idênticas às nossas (bons terrenos e clima, e baixos salários) como a Grécia, Turquia, Marrocos e até a Espanha, cujos governos subsidiavam a exportação.

«Portugal apenas beneficia do mais baixo custo das matérias-primas e da mão-de-obra. Tal vantagem traduz, contudo, um estado de desenvolvimento económico inferior ao da Itália, e se alguém terá razão para se lastimar seremos nós, pois que esta vantagem restrita tem por contrapartida numerosos inconvenientes» — escreveu o presidente da Junta Nacional das Frutas num boletim deste organismo.

A grande concorrência interna que começou já a observar-

se ano passado traduziu-se num aviltamento da oferta, do que poderá resultar um colapso total da orgânica do sector industrial.

No caso de vir a atingir as 180 mil toneladas previstas para este ano a nossa produção deverá ficar sem colocação assegurada, em condições normais de procura, de necessidade, da parte dos mercados externos, quando os Estados Unidos nosso principal comprador tem ainda 180 000 toneladas em «stock». Neste caso a colocação só se poderá verificar em condições anormais ou forçadas. Será um princípio do descalabro, pois que no meio da tempestade todos tentarão lutar pela sua sobrevivência — ou escoamento da produção — estando os mercados compradores mais retraídos do que nunca.

Na luta, cairão certamente os mais fracos em estrutura industrial ou comercial, em possibilidades financeiras. O abalo irá afectar grandemente o prestígio da exportação portuguesa, dada a projecção internacional conquistada pelo sector.

Como se tudo isto não bastasse, avulta ainda a concorrência ameaçadora dos transalpinos, beneficiando da sua integração no Mercado Comum. Nem o nosso País nem a E.F.T.A. têm condições económicas para lhe fazer frente, consideram alguns economistas.

Deverão ser necessárias medidas governamentais especiais, com vista à reestruturação de custos agrícolas e de industrialização.

«A indústria do concentrado de tomate experimenta certas dificuldades em se fazer ouvir. Como em todas as que crescem muito, e rapidamente, há problemas importantes. Como era necessário solucioná-los, pensou-se na necessidade de estruturar um organismo representativo. Passaram-se, no entanto, dois anos sem que o Ministério respectivo desse andamento aos estatutos entregues e, quando o Grémio apareceu, foi já numa altura perturbadíssima. Poderiam ter sido resolvidos inúmeros problemas se o Grémio tivesse existido anteriormente. Acredita-se no entanto, que o Grémio seja a maneira adequada para tentar garantir que os interesses dos industriais sejam defendidos por uma eventual medida do Governo.»

Para solucionar tantos problemas o Grémio entregou uma exposição ao Secretário do Estado do Comércio e «espera-se que, com brevidade, o Governo interfira na organização comercial do sector.»



Entre estas duas fotos, medeia a primeira parte duma crise que — segundo parece — o Governo procurará resolver. Produtores e industriais entrecrocaram-se em penoso conflito, antes que para o estrangeiro saia um produto de qualidade comprovada em moderno e bem apetrechados laboratórios.

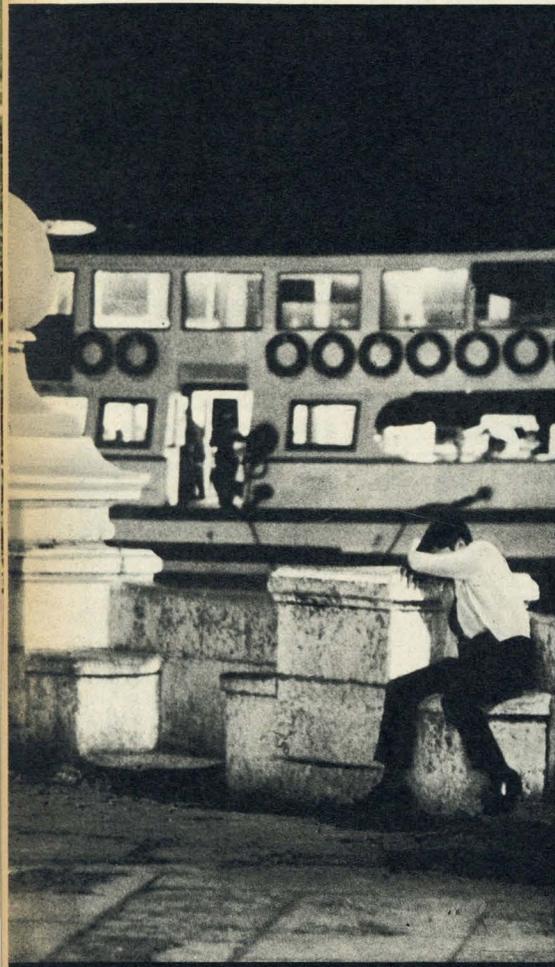
● **Tomate pelado** — Tomate ao qual se retirou a pele, quase sempre por processo manual e enlatado com o próprio sumo.

● **Tomate em pó** — Obtem-se por desidratação do concentrado de tomate e utiliza-se como matéria-prima.

● **Tomate em flocos** — Obtem-se pelo mesmo processo do tomate em pó, apenas por máquinas diferentes.

● **Derivados do concentrado de tomate** — Molhos e «ketchup» (produtos condimentados), tomate frito, sopas (à base de pé de tomate ou de concentrado que é desidratado na confecção da sopa), feijão guisado com tomate, massa guisada com tomate, etc.

LISBOA: O DESPERTAR DA CIDADE



O rapaz continua a dormir mas para os homens do cacilheiro o dia já começou. Para eles a cor do despertar não é o branco da madrugada, mas o tom escuro da noite.

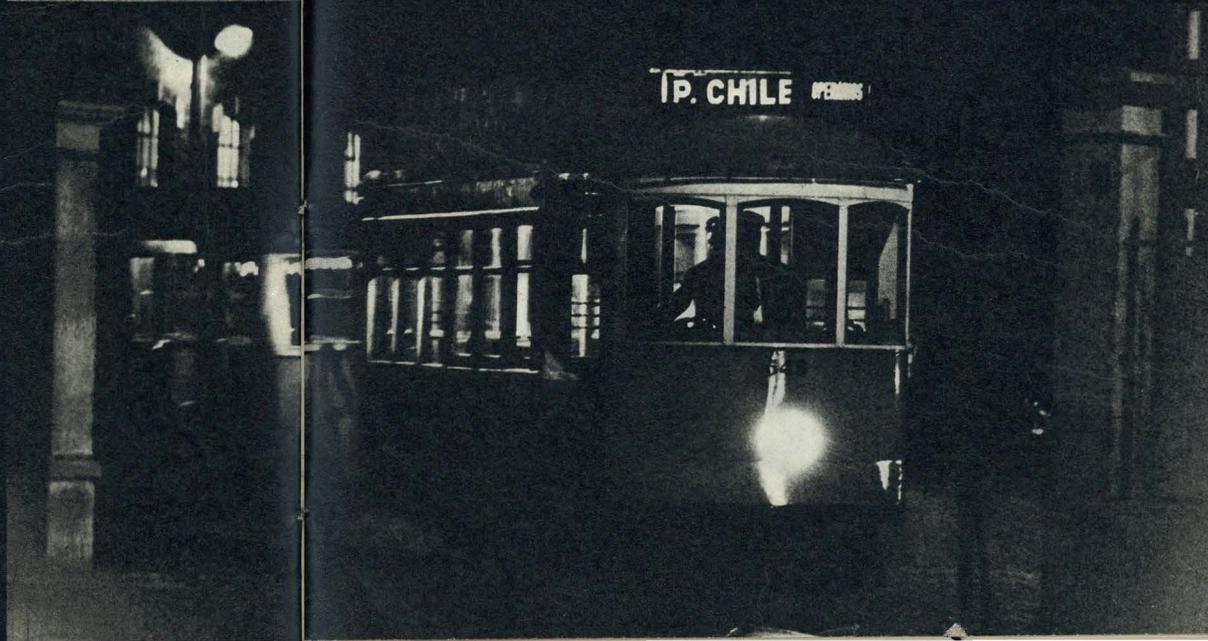
Na cidade, para muitas pessoas, o dia começa às oito ou às nove. Para alguns, sabemos bem quais, o meio-dia é a hora do primeiro bocejo. Mas a cidade, essa desperta mais cedo. Para que a maior parte tenha a cidade a funcionar é necessário que uns quantos trabalhem quando ainda falta muito para o sol raiar. Em todas as urbes do Mundo. Quando entro no táxi e dou as boas-noites, o motorista emenda e diz: «Bom dia». O dia começou. É o sinal evidente, a saudação dum seu obreiro. Em cima dos telhados, os reclamos luminosos extinguem-se. Os semáforos fazem pisca-pisca nervosamente, só em amarelo. Um homem de lancheira vai para o emprego no meio das faixas de rodagem da Avenida da República. Jardineiros regam as placas ajardinadas. Junto ao terminal dos eléctricos, algumas pessoas dormitam, esperando a saídas dos carros. O primeiro de todos surge às 2,45, para a zona operária do Poço do Bispo. As quatro, um dirige-se a Benfica, outro a Carnide. Homens modestamente vestidos fazem o percurso a pé, para pouparem os quinze tostões do transporte. Centenas de pessoas utilizam o sistema, por toda a cidade. Na avenida de Roma, uma cervejaria mantém abertas toda a noite as suas portas. Há táxis parados perto, com os motores a trabalhar, enquanto os motoristas vão engolir um café ao balcão. Na noite estival, apesar da hora tardia, a esplanada permanece quase cheia, com grupos animados, em mangas de camisa, conversando.

São cinco horas. Dá-se uma explosão fantástica no ambiente. Os carros tornam-se mais frequentes. Os transportes públicos enchem-se.

O céu começa a ganhar cores. Cores macedadas, como que olheiras de uma noite mal passada. Num barco acostado ao cais, um marinheiro em camisola interior lava a cara. Os tons aclaram-se e o céu e o mar tomam a mesma cor, ficam iguais, indistintos.

Um súbito clarão ilumina a cidade. São seis horas. O noticiário do Rádio Clube transmite a primeira notícia: uma greve dos Correios em Inglaterra. Nas janelas, há mais luzes acesas, confundindo-se com a luminosidade natural. São as pessoas que acordam. E há quem acorde num banco de jardim. Chega o ardina com o primeiro jornal, húmido de tinta. As pessoas compram-no e examinam-no. As andorinhas volteiam em redor do calcário da estação do Rossio. E, às 6,10, ouve-se o apito do primeiro comboio de Sintra. Uma onda de gente modesta invade o largo D. João da Câmara.

A Ribeira movimenta-se, mas falta ainda muito para a lota começar. Um casal de velhos



O acordar dos dormitórios. Pouco depois do sol nascer, dos «ferry-boats» saem compactas filas de habitantes suburbanos. Vêm preparar a cidade para os outros. Para eles o rio não é motivo turístico, mas a via que os conduz ao duro trabalho de todos os dias..

Os transportes públicos são o sangue da cidade. As cinco da manhã, ainda noite, é já intenso o movimento de «eléctricos». A indicação do letreiro — operários, pretende apenas significar que quem comprar um bilhete de ida tem direito a regresso.

QUANDO LISBOA ACORDA

desembarca caranguejos e um cão brinca com um dos crustáceos. Os gestos das pessoas são indecisos.

O *Cacau da Ribeira* é um dos sítios obrigatórios do fim de noite dos que perdem noites, sobretudo gente jovem. E é este fino ir ao *Cacau da Ribeira*, que é também o local onde as varinas e os homens do cais vão tomar o «mata-bicho». Nas prateleiras, as garrafas de bagaço alinhadas têm agora menos consumo do que no Inverno. Engulo o cacau escaldante e como sôfregamente o pão que os dedos sujos do empregado me estendem. Uma varina gorda, com camisa de rede e a «lingerie» a espreitar, transporta oito caixas de madeira à cabeça. Nela, os gestos são decididos. Levantar cedo não lhe custa. Já os avós e os tetravós se levantavam àquela hora. Nem consegue estar na cama até muito tarde... Vem um arrastão, aguardado por uma vineta de pessoas. Atraca ao porão de ferro enferrujado e carcomido. Das bandas da Rocha, ouve-se a sirene de um navio.

Os dormitórios despertam. Dos cacilheiros desembarcaram filas de pessoas. Não há ainda polícias sinalheiros.

Mas há um chefe de Polícia que vai investigar por *motu proprio* o arraial à beira-mar implantado. As camionetas da província ficaram de véspera no parque de estacionamento da Ribeira das Naus. Os viajantes dormiram no interior dos veículos. Mas alguns, como está um calor invulgar, deitaram-se fora, em cima de mantas. Entre o parque e a lama que assoreia as margens há uns tristes chorões plantados. Quatro crianças dormem numa tenda improvisada. Vem o chefe de esquadra e diz: «tirem daí os miúdos. E o marido que venha comigo, porque tem de pagar os estragos».

«Mas isto está tão feiinho, tão estragado...»

Indiferentes ao despertar amargo das crianças, os rádios portáteis e um «pik-up» dão ao local um ar de arraial.

Entretanto, para as bandas de Santa Apolónia renova-se o ritual diário da estiva. Centenas de homens de fatos de cotim azul estão em muda espera, atemorizados com a possibilidade de não serem contratados para a faina do dia. Então um intermediário passa com a salvação nas mãos, os braços estendem-se-lhes por detrás de uma vedação, e há súplicas nos olhos e gritos nos lábios. E quando a manhã vai mais alta e eles sabem que ali já não arranjam trabalho, soltam o grito desesperado:

— Para a Rocha.

Correm para os autocarros e vão em busca de melhor sorte. Manhã a manhã, aquele é o jogo das suas existências.

Junto ao Terreiro do Paço, o primeiro engarrafamento. A cidade despertara já.



À beira do rio fizeram um arraial. Os barcos são as improvisadas camas. E, para barbeiro, qualquer vizinho serve. É preciso voltar bonito, se possível com um ar cidadão, à santa terrinha.



O jornal é a voz da cidade. É bom senti-lo húmido entre os dedos, logo às seis da manhã. Por lá passam o mundo, o quotidiano, os anúncios também. Anúncios, quadradinhos de esperança — quase sempre de desilusão. Para o homem poder ter o mundo e a cidade por dez tostões, jornalistas e tipógrafos trabalharam várias horas nada fáceis. Jornal: o primeiro pregão da madrugada.

O ritual diário da estiva. Homens a renderem braços, capatazes a comporem os braços dos homens. O polícia atento a vigiar tudo e a não permitir a mais pequena anormalidade. Para os estivadores o despertar é cheio de emoções. Nas primeiras horas da manhã fica traçada a sorte de todo o dia. A sorte do dia, a sorte do estivador, a sorte da mulher, a sorte dos filhos.

A galeria e o ortodoxo

Há anos, «K-Hito», um dos mais lúcidos críticos tauromáquicos da actualidade e dos poucos (apesar de ter dobrado já os 70) para quem o amanhã começou ontem, publicou no «Di-game» um artigo intitulado «O elogio da galeria», onde demonstrava, numa limpidez de estilo e de raciocínio, que o chamado toureiro de galeria, com todo o seu cortejo de «inas» era tão importante e necessário para o toureiro como o toureiro ortodoxo. Sempre defendi tal teoria e daí o considerar-me justificado com a opinião de um mestre. O toureiro interpreto-o como manifestação de arte, arte *sui generis*, condicionada ao toiro e a duas espécies de emoção — a artística e a sanguínea. A beleza maior do toureiro está, exactamente,

para mim, na improvisação, no assalto às regras quando se cria outra regra que anula ou desvia aquela que estava como imutável. O que hoje o toureiro A fez pode amanhã o B não poder fazer. Foi a circunstância do momento, a inspiração, eu sei lá o quê, que tornou possível esse apontamento único. E como único vale mais. Transformar o toureiro num conjunto de regras, ir para uma praça na predisposição de ver, em sequência, aquilo que vem nos tratados, é uma soleníssima estopada. Depois há a ter em conta os lances básicos e os acessórios. Tourear, implica técnica e arte. Mas a técnica apenas pode ser pisada com um rasgo de génio. Até Belmonte havia uma técnica. Depois houve

a técnica belmontina. O natural e o de peito são passes essenciais do toureiro apeado, como o tourear de frente, a cavalo, com remate ao estribo, é o supra-sumo da chamada arte de Marialva. Pode, contudo, inferir-se daí que os diestros apenas toureiam por naturais ou que os cavaleiros somente utilizam o lance de frente? Não. Não, de maneira nenhuma. O toiro é que impõe a lide, pelas suas características. E mesmo que o «espada» apenas possa fazer uma faena de alinhamento ou o cavaleiro apenas possa cravar à meia volta está certo. Deram a lide adequada.

José Lupi converteu-se à «minha teoria» e não sei se teria tido alguma influência uma conversa que tive com ele há anos na sua casa da Barroca. São dele estas palavras: «Os adornos são necessários para alegrar e completar as faenas; o exagerado classicismo aborrece». E mais adiante: «E nisso a crítica tem parte de culpa, porque está ex-

gindo um classicismo que pode ser prejudicial».

Reportando-nos somente ao toureiro equestre, que interesse haverá em um cavaleiro teimar estultamente em tourear de frente um manso sem arrancada? Só para aborrecer. Que mal haverá, depois de um cavaleiro ter toureado, aproveitando as características do adversário, fazer a pirueta, cravar um par de bandarilhas (a uma ou duas mãos), um ferro de palmo ou um «violino»? Que mal haverá, não me dirão, um cavaleiro sugerir à montada, no momento do cite, a «jambette» (como que a chamar o toiro), ou fazer o cavalo apoiar-se nas patas traseiras quando está a fazer o brinde?

Tudo o que se faça com o toiro tem mérito. Mais ou menos, mas tem mérito. Dar variedade à faena, sequência, ritmo e pôr o público em perfeito diálogo com o que se está a passar no «ruedo», eis o essencial.

SARAIVA MENDES

espiral

**PORQUE
TENHO
TANTO
CABELO
E VOCÊ
NÃO TEM?...**



Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz.

Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco?

É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada.

Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurna na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrrés...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



PERSONAL

A venda na sua farmácia habitual

Representantes:  Aymami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

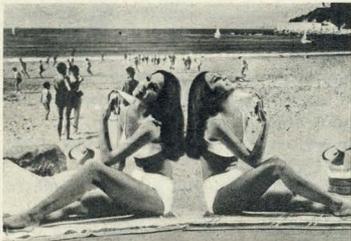
Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzeadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.



Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzamento artificial (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de graduações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzeadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquira um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhor, sim, as condições de receptividade aos raios bronzeadores do sol e obtenha pig-

mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?

Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.º SUCR., LIMITADA
Avenida Fontes Pereira de Melo, 174.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

Uma história: TOM JONES



A mãe de Tom Jones. À DIREITA — Marti, filho de Tom, com o avô paterno

**ENTREVISTA
EXCLUSIVA
COM
O POPULAR
CANTOR
GALÊS**

Em Julho de 1964, Thomas Jones Woodward, um jovem galês de voz potente, bom aspecto e um sorriso aberto, chegou a Londres.

No espaço de nove meses um dos seus discos ocupava o primeiro lugar nas listas dos mais ouvidos da música «pop». Três anos mais tarde, Tom Jones passou à categoria de vedeta internacional, ganhando 56 000 contos por ano.

Muitos outros, no campo do negócio do espectáculo, caminharam rapidamente para o sucesso. Mas poucos conseguiram alcançá-lo tão depressa. Não se tratava apenas de ter talento. Era necessário ter personalidade e trabalhar muito. Os pais e os amigos ajudaram-no.

«Uma das coisas que já passaram há muito, mas que ainda recorro, é a cena que se passou com um empregado de salsicharia. Parece que estou a vê-lo, com os olhos quase saltando das órbitas porque me tinha apoderado de uma fiada de salsichas e estava a comer uma delas. Apesar disso, foi um dos meus primeiros «fans». Lembro-me que um dia fui à sua loja cantar para um grupo de trabalhadores».

«Vá lá, dêem alguma coisa ao rapaz», disse o armazenista.

«Não, não, não quero que lhe dêem nada», protestou a minha mãe.

«Mas o talento para alguma coisa serve», replicou ele. Foi assim que recebi os meus primeiros honorários como cantor. Cantando, chamava para mim a atenção dos outros.

Gostava de ser pateado, mas, como se deve calcular, gostava mais de receber dinheiro para comprar guloseimas. Minha mãe dizia que comecei a cantar antes de começar a andar. Costumava gracejar sobre o assunto, até que, um dia, quando estava a cantar uma canção que tinha aprendido a ouvir rádio, interrompeu o seu trabalho para me ouvir.

«Canta isso outro vez», disse a mãe.

«A canção chamava-se «Mairry Doats and Dory Doats». Voltei a cantá-la e ela disse: «Sabes? tens uma boa voz». Tinha então cinco anos, e

depois disto nada conseguia deter-me. Os meus companheiros de escola devem ter dito às mães que eu era um «cantor», porque as senhoras começaram a convidar-me para «cantar» no «Clube das Senhoras». Por essa altura houve um casamento onde estavam quase todas as pessoas da família. Pendurei-me na saia da minha mãe.

«Mãe», disse baixinho, «pergunta-lhes se posso cantar».

Um senhor de idade ouviu. «Deixem cantar o rapazinho...»

Todos concordaram e eu subi logo para uma cadeira disposto a despejar todo o meu repertório.

A partir daqui a minha família começou a incitar-me a continuar.

De todos os parentes o que mais me apoiou foi o meu tio George, irmão mais velho de meu pai.

O tio George tinha uma bela voz que o tornara conhecido não apenas em Pontypridd, Clamorganishire, onde vivia, mas também em todos os arredores.

Aos sábados à noite havia, normalmente, um «sing-song», uma espécie de espectáculo em família. Os meus pais convidavam os familiares para a nossa casa em «Laura Street» para tomarem uma última bebida, quando regressavam do Clube de Trabalhadores. O tio George sentava-se sobre os joelhos e dizia: «Canta».

Embora me sentisse pouco à vontade, acabava por cantar.

«Não cantes para mim. Olha para as pessoas enquanto cantas. Deixa-os ver aquilo que cantas».

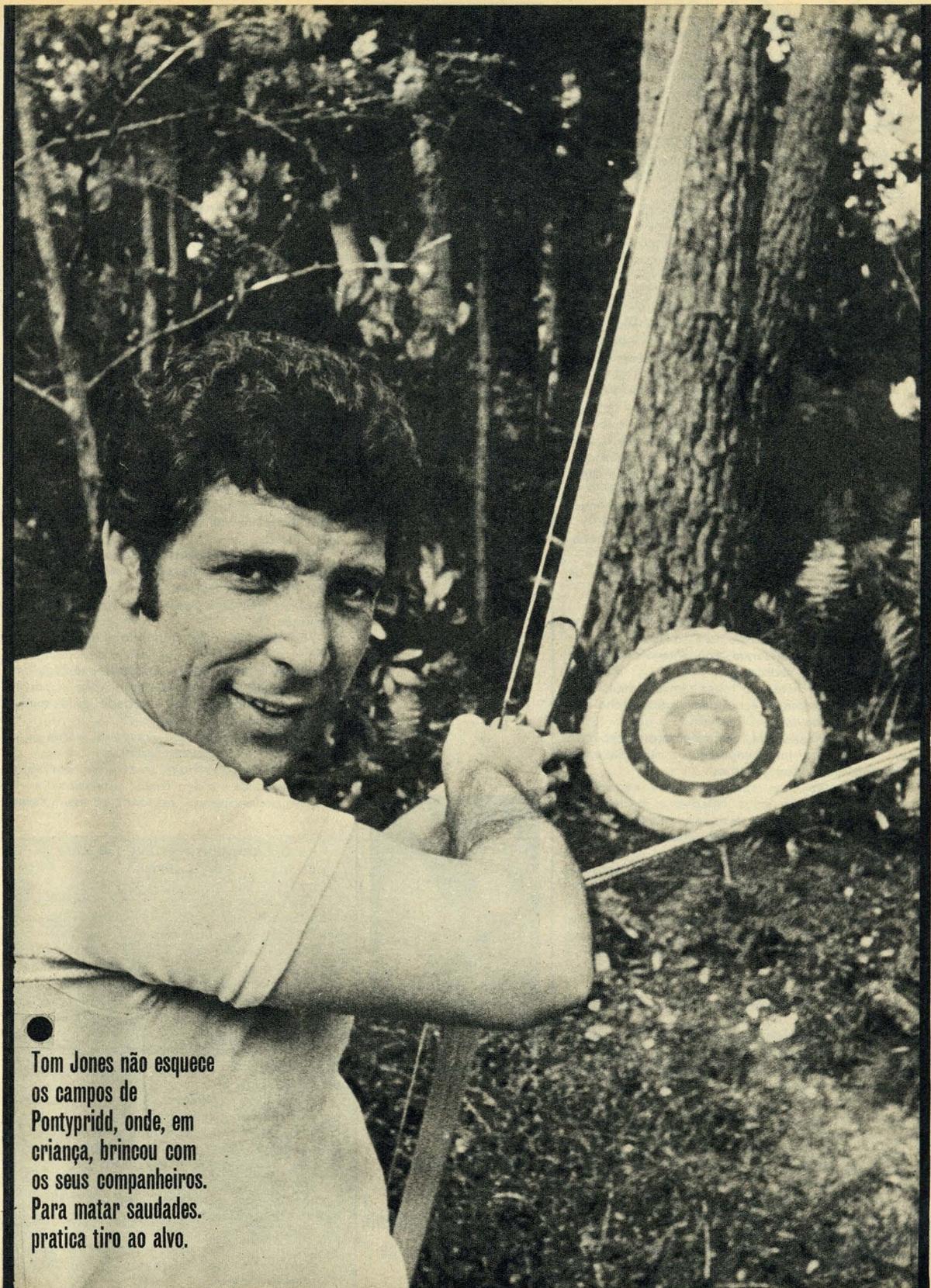
Isso ajudava a dissipar qualquer resto de vergonha que ainda subsistisse.

Pontypridd é uma pequena cidade mineira da Gales do Sul — apenas uma rua principal onde se situam as lojas de comércio. Os rapazes da escola costumavam ir brincar para o campo.

A casa era a alegria e o orgulho da minha mãe. Sempre bem disposta, costumava rir muito, excepto nos dias da lavagem.

O meu pai, como a maioria dos homens adul-

por
**DENNIS
HOLMAN**



●
Tom Jones não esquece os campos de Pontypridd, onde, em criança, brincou com os seus companheiros. Para matar saudades, pratica tiro ao alvo.

TOM JONES

tos da nossa comunidade, trabalhava nas minas.

Para mim ele tinha dois aspectos diferentes — o mineiro que chegava a casa todo sujo, e o homem activo de bigode aparado dos fins-de-semana.

Era um homem, como a maioria dos homens da sua época, que preferia a companhia dos seus amigos e que se sentia embaraçado ao sentar-se com a família numa praia.

Nunca o vi comer num restaurante ou entrar numa loja — era eu que comprava os seus cigarros. Tinha muito orgulho nele, quando, ao caminhar por uma rua, um dos seus amigos me fazia parar e dizia: «Então, tu é que és o filho do Tom Woodward? É um bom homem... Deus queira que, quando cresceres, sejas como ele.»

Detestava o trabalho da escola. Era mau aluno de inglês e isso dificultava-me tudo o resto. Contudo, foi na escola que tive oportunidade de me aperçoer como cantor.

Ensinavam-me a música tradicional do País de Gales. Desafinava muito. Tanto quanto consigo lembrar-me, era incapaz de cantar o que me ensinavam. A minha tendência era improvisar.

Um dia, durante um dos ensaios em que cantávamos «The Lord's Prayer», o professor de canto olhou para mim com uma certa curiosidade.

Quando acabámos resmungou qualquer coisa que me pareceu ser «incrível» e saiu da sala.

Alguns minutos mais tarde voltou, acompanhado do director.

«Tommy Woodward», disse o professor de música.

«Pronto, senhor professor».

«Faz favor sobe para ali e volta a cantar «The Lord's Prayer», mas desta vez sozinho».

Fiz o que me disseram, enquanto o director da escola coçava a cabeça.

«Notável», disse. «O rapaz tem um estilo próprio, parecido com os espirituais negros. Acho que tod a escola devia ouvi-los».

Para surpresa geral, os professores receberam um aviso para interromperem as suas lições e trazerem os alunos ao átrio.

Tive então que repetir a minha «actuação» perante todos os meus colegas e professores.

Embora os gauleses sejam amantes da tradição, são espíritos suficientemente abertos para aceitarem novas formas de expressão.

A minha educação foi uma educação absolutamente igual à que era ministrada a qualquer filho de um mineiro.

E sinto-me contente por assim ter sido, pois, caso contrário, nunca seria permitido a um rapaz de 10 anos (era essa a minha idade na altura) cantar espirituais negros numa escola pública».

PRIMEIRO «CACHET»: UMA LIBRA

Aos 15 anos Tom saiu da escola. Nessa altura não pensava em vir a tornar-se cantor profissional. Na realidade, não tinha outras ambições para além de vir a ser mineiro como o pai.

Outros ramos industriais começaram, porém, a desenvolver-se em Pontypridd, e Tom naturalmente escolheu um outro que lhe permitisse não prejudicar a voz. Arranjou um lugar como aprendiz numa fábrica onde recebia cerca de 80 escudos por semana.

«O mais importante era que assim dispunha de mais tempo livre e podia aprender a tocar guitarra. Quando fiz 16 anos obtive autorização para cantar no «Clube dos Trabalhadores». O presidente, sabendo que as pessoas gostavam de me ouvir, disse ao meu pai:



● **O ano passado, no espectáculo do Royal Variety, estava à vontade até que vi Bob Hope e Harry Scombe a roer as unhas. Imediatamente comecei a sentir uma impressão no estômago**



● **A irmã de Tom, com a sua filha, Betty. Linda parece ter-se adaptado perfeitamente à posição de irmã de uma celebridade**

«Porque não trazes cá o Tonny, no sábado à noite, para nós o ouvirmos? Mas não queremos que venha cantar para nós sem levar nada».

Cantei seis canções «pop» perante uma audiência de homens, mulheres e crianças, que tinham pago para me ouvir. Gostei desta experiência.

As pessoas diziam que estava a seguir os passos do meu tio George. Como se isto não fosse ainda suficiente para tornar a noite memorável, o presidente ofereceu-me uma libra.

Estupefacto por ver tanto dinheiro, apenas por ter cantado, quis recusar.

«Todo o trabalhador deve receber o correspondente ao seu trabalho», acrescentou.

Nessa noite, ao regressar a casa tinha já decidido vir a ser cantor profissional. Excitado com a ideia, disse para minha mãe: «Espera e verás. Um dia serei conhecido em todo o Mundo».

«Sei que o conseguirás», — respondeu-me — «nada te detêrã se mantiveres a vida orientada em direcção ao teu objectivo.»

Passado pouco tempo perdi de vista aquele meu objectivo, porque outro se sobrepôs: estava apaixonado por Linda, a minha companheira de infância, que vivia perto de minha casa.

Não tínhamos andado na mesma escola porque ela era católica e frequentava uma pequena escola orientada por freiras, enquanto eu ia à Escola Primária de Treforest.

Brincámos juntos, e após a escola primária matriculámo-nos na Escola Secundária Moderna de Treforest.

Tínhamos a mesma idade: 16 anos. Cortejava-a desde que saíramos da escola. Agora queríamos casar. Falei nisso ao meu pai.

«Mas afinal para que é que tu queres casar?», perguntou.

Olhei para ele, mal podendo acreditar no que ouvia.

Sempre o tinha admirado. Sentia-me orgulhoso pelo facto de ele amar a minha mãe e por ter criado um ambiente de felicidade para mim e para minha irmã.

«Mas tu és casado!» — respondi. «Que há de errado no facto de querer casar?»

«Tens muito que fazer antes disso. Por algum motivo decidiste ser um cantor profissional.»

«Isso pode esperar», respondi. «E assim casei.»

O CASAMENTO ESTEVE NA BASE DA CARREIRA

Tom Jones casou com Linda Trenchard, em 1956. Embora ambos tivessem apenas 16 anos, os pais de um e de outro não se opuseram ao casamento e os noivos foram viver para casa de Linda.

O pai de Linda morreu pouco tempo antes e, assim, havia espaço suficiente em casa.

Dennis Holman perguntou a Tom como conseguia ele viver ganhando apenas cerca de 80 escudos por semana.

«Deixei o meu emprego na fábrica e arranjei outro como operador de máquinas passando a ganhar melhor».

Tive alguns problemas com a minha admissão para este lugar, porque tinha menos de 21 anos e os meus colegas não viram com bons olhos a minha entrada para um lugar tão bem pago como o deles.

Um grupo chegou mesmo a procurar o gerente. «Se o rapaz consegue fazer o trabalho; merece o dinheiro que ganha», foi a resposta que obtiveram.

Era um trabalho duro, e desde que comecei a fazer horas extraordinárias para ganhar mais praticamente deixei de cantar.

A minha ideia era arranjar uma casa para mim e para Linda — um negócio demasiado caro para dois jovens, que nada possuíam de seu.

Olhando para trás, posso dizer que o êxito da minha carreira se deve ao facto de ter casado tão cedo. Se tivesse continuado solteiro, ter-me-ia contentado com a posição de celebridade local, como acontecera com o meu tio George.

No entanto, meu pai dizia que a posição do tio George era já uma boa posição. Se ele entrasse num «pub» da cidade, num sábado à noite, poderiam pedir-lhe que cantasse. E era certo que ele e os que fossem com ele não teriam que preocupar-se com o preço das bebidas.

Talvez também tivesse conseguido alcançar o mesmo grau de popularidade, mas, como homem novo e casado, pretendia mais.

Decidi, então, ocupar todo o meu tempo livre praticando com a guitarra. Consegui alcançar bastantes elogios por actuações em clubes, o que veio estimular a minha ambição.

Mas a verdade é que não tinha muito jeito para tocar guitarra e isso prejudicava, em certa medida, a minha projecção como cantor. Pelo menos tornava mais difícil a abertura de certas portas que, embora elementares, eram importantes.

Compreendi que necessitava de um completo acompanhamento musical para conseguir também completa projecção, e, por isso, em 1959, juntei-me a um grupo chamado «The Senators» — que presentemente se chama «The Squires». Este foi o meu primeiro passo decisivo no caminho para o profissionalismo.

Vivíamos todos em Pontypridd, e tínhamos trabalho regular. De outro modo não teríamos conseguido nada, porque o dinheiro que ganhávamos pelas nossas actuações mal chegava para custear as despesas das deslocações e para o tabaco. Mas gostávamos de trabalhar juntos. E tínhamos a esperança de alcançar o sucesso. O agrupamento musical permitia-me cantar canções que nunca seria capaz de acompanhar com a guitarra.

De começo as nossas actuações circunscreviam-se a clubes de dança. Os clubes de trabalhadores, na sua maioria, não apreciavam o género de música barulhenta que nós executávamos.

«Foi depois de um espectáculo no clube naval de Tonypandy, a dez quilómetros de Pontypridd. Um amigo apresentou-me um jovem galês de nome Gordon Mills, que cantava para um grupo chamado «The Viscounts».

Contudo, estavam preparados para me receber, por mim próprio, e, gradualmente, à medida que me tornava mais conhecido, conseguia persuadi-los a aceitarem também o grupo.

Tivemos grande trabalho para aperfeiçoar o nosso estilo de actuação, mas o esforço foi compensado. Depois de algum tempo, as pessoas começaram a aparecer em maior quantidade para nos ouvirem. Aos sábados à noite havia longas bichas esperando a abertura das portas do clube onde íamos actuar.

Depressa começaram a aparecer contratos em tal quantidade que se tornou impossível conservar os empregos, passando então a actuar quatro a cinco noites por semana. Como isto não era ainda compensador, tivemos de aceitar trabalhos eventuais para durante o dia.

Uma noite, o meu primo Alan Woodward veio ver-me depois de um espectáculo.

«Tom, estás com um péssimo aspecto», disse. «Mas nunca conseguirás sucesso tocando para o público de cidades pequenas. Vai para Londres antes que seja tarde demais».

Concordei. Iria para Londres tentar a minha sorte, e permaneceria lá até conseguir uma boa posição. Mas tinha que considerar o problema da minha mulher e do meu filho.

Além disso, eu era apenas um dos membros do grupo e o número de interessados vinha aumentar as dificuldades.

De tempos a tempos íamos a Londres e tentávamos que os directores das editoras de discos nos ouvissem. Poucas vezes conseguimos passar além da porta de entrada.»

Assim, Tom Jones e «The Senators» continuaram durante cinco anos a actuar na Gales do Sul.

Mas, por alturas do fim do ano de 1963, numa das suas visitas a Londres, Tom encontrou um homem importante no mundo do disco — Jimmy Savile. Depois de o ouvir, Jimmy arranjou-lhe um contrato para gravar um disco para a etiqueta «Decca».

Tom voltou para o País de Gales, esperando o acolhimento que poderia ter o seu disco. Foi então que teve lugar um acontecimento que modificou por completo a sua vida.

«Foi depois de um espectáculo no clube naval de Tonypandy, a sete milhas de Pontypridd. Um amigo apresentou-me um jovem galês de nome Gordon Mills, que cantava para um grupo chamado «The Viscounts».

Actualmente conheço Gordon como compositor musical.

Era um conjunto que tocava música mais calma, do género «I'll Never Get Over You» de Johnny Kidd e do conjunto «The Pirates» e «I'm The Lorely One» de Cliff Richard.

Gordon estava deveras excitado. «Tens que ir a Londres.»

Respondi: «Já ouvi isso antes e, quando lá cheguei, ninguém quis saber de mim.»

Voltou-se para o meu pai, que estava ao pé de nós e acrescentou: «Este rapaz tem tudo o que é necessário, tenho confiança nele.»

Gordon disse ainda que estava disposto a desistir de cantar para me oferecer uma oportunidade profissional.

Nunca ninguém chagara tão longe. Gordon era um rapaz de vontade energética. Tinha conhecimentos em Londres, e sabia como se conduz o negócio do espectáculo. Era agora ou nunca. Por isso, aceitei: «Está bem. Quando começaremos?»

Mudámos para Londres, sempre orientados por Gordon e começamos por um contrato com a «Decca», segundo o qual gravaríamos um disco de «rock and roll» intitulado «Chill and Fever».

Uma cena informal, frente à porta da casa onde Tom Jones passou a sua infância — o pai, a mãe e a irmã



TOM JONES

Mas a corrente da moda estava voltada para grupos como os «Beatles» ou os «Rolling Stones».

Poucas pessoas das que compravam discos de música «pop» adquiriram discos cantados por um único cantor. «Chill and Fever» vendeu apenas o suficiente para eu conseguir manter o meu contrato.

Assim começaram as complicações. Como o disco não tivera sucesso, tornava-se necessário trabalhar duramente, e o nosso dinheiro estava a acabar.

Tínhamos conseguido manter-nos relativamente bem enquanto actuávamos no País de Gales, por isso sugeri que voltássemos lá por algum tempo.

Gordon não queria ouvir falar nisso. «Agora não pode ser. Isso seria fatal», dizia.

Tinha razão, certamente, e ninguém podia argumentar contra isso porque ele não apenas providenciara para que tivéssemos alojamento em Londres — um andar mobilado em Notting Hill Gate, em West London — como também pagava a cada um de nós uma libra por dia para as nossas despesas.

Continuámos nesta situação mais de nove meses, enquanto o dinheiro que tinha ganho com a canção se acabava e a conta no banco desaparecia.

Entretanto, no País de Gales, Linda teve que arranjar um emprego numa fábrica para se manter a ela e ao nosso filho, Mark.

Não teria sido tão difícil para nós este período das nossas vidas, se pudesse ir a casa nos fins-de-semana, mas isso era completamente impraticável. Disse-lhe que ficaria em Londres durante nove meses e, se até ao fim, nada acontecesse, voltaria para casa.

SANDIE SHAW ABRIU A PORTA DO ÊXITO

Tom ainda treme ao recordar estes meses de luta desesperada. Além de perder dinheiro estava também a perder o moral.

Todos os dias telefonava a Gordon, cuja resposta era: «Lamento, Tom, ainda não há nada.»

Certo dia, porém, Gordon disse: «Acabo de escrever uma canção intitulada «It's Not Unusual». Importa-te de a gravar para mim?»

Tom gostou da canção, mas soube que estava destinada a outro artista:

«Quem?» perguntou.

«Prometi-a a Sandie Shaw», replicou Gordon.

«Compreendi a posição de Gordon, mas isso diminuía o meu desapontamento. Também não serviu de nada quando, pelo Natal, levei a gravação para casa e toda a gente pensou que este iria ser o meu êxito.

Voltei a Londres bastante deprimido. Sentia-me afundado. Então, uma tarde, o telefone tocou. Era Gordon a dizer que Sandie Shaw desistira de «It's Not Unusual» e que, portanto, a canção era minha.

Houve grande excitação em Pontypridd, no dia em que o armazenista de quem falei no início da conversa, foi ter com Linda e lhe disse que o meu disco estava na lista dos melhores, com o número 27.

No dia seguinte alcançara o número 23, depois passou para os «Top Ten» e, no dia 1 de Março de 1965, era o número um.

Nessa noite, os meus pais celebraram o acontecimento com uma festa e, pela primeira vez, beberam champanhe.»



«Acidentalmente, a minha voz nunca sofreu baixos quando era rapaz. Foi sempre forte. Não sei qual é a minha nota mais alta»



Tom Jones gosta de desportos ao ar livre. Além do tiro ao alvo, também pratica o hipismo.

Para Tom, em Londres, o mais importante era que não seria obrigado a regressar ao País de Gales como um falhado.

«Fomos contratados para uma «tournée» com Cilla Black. Semana após semana, à medida que íamos percorrendo o país, o disco continuava a manter-se no topo das listas.

Isto era muito bom, para mim, mas parecia não ter efeito sobre as audiências.

Então, no dia em que nos estreámos numa cidade, fomos a um «pub», que ficava perto do teatro, durante um intervalo entre dois espectáculos. Enquanto estávamos lá, uma multidão começou a amontoar-se cá fora. Cilla era a estrela do nosso «show» e, naturalmente, pensámos que eles tinham vindo vê-la.

Lembro-me que reparei ser já tarde e resolvi voltar ao teatro para o segundo espectáculo. Saí.

A única coisa de que me recorro é de ter visto a multidão precipitando-se sobre mim, puxando-me pelo fato.

Vestia um fato preto que me tinha custado cerca de 700 escudos. Arrancaram-me as mangas, depois os botões, depois o próprio casaco. Afortunadamente, o meu grupo veio em meu auxílio e alguém se lembrou de telefonar para a polícia que se apressou a intervir.

Só a polícia conseguiu arrancar-me das garras da multidão. Fui atirado na direcção do teatro, enquanto um dos meus perseguidores gritava.

Mas um outro amontoado de gente estava à minha espera à porta do teatro. Felizmente não me reconheceram e consegui chegar até à porta. Tentei abri-la mas estava fechada à chave.

Bati furiosamente, enquanto a multidão que estivera à porta do «pub» começava a chegar gritando. Finalmente, abriram-me a porta e entrei no edifício.

Compreendi então, com um misto de alegria e de receio, de que tinha alcançado o que queria. A partir daqui o mundo seria completamente diferente.

O meu disco «It's Not Unusual» continuava a ser «Número Um» em todos os «hit-parade» durante três semanas. Contratos para actuações começaram a chegar de todos os pontos do país.

É regra na estratégia do negócio do espectáculo não deixar cair o entusiasmo do sucesso. Nós tentámos isto por todos os meios ao nosso alcance.

A vida tornou-se uma sucessão de palcos, portas de teatros, multidões das quais tinha que fugir, repórteres, fotógrafos, «flashes», refeições engolidas à pressa, viagens em louca correria por todo o país.

Arranjámos um novo carro, onde várias vezes dormimos os oito, na berma da estrada e no meio da bagagem.

Gravei mais dois discos que foram êxito — «What's New Pussycat?» e «With These Hands». Ambos foram «hits».

Fiz depois uma digressão pela América, que durou três meses, cantando especialmente para público jovem. «Up and up» (para cima) era o caminho.

Quando voltámos para Inglaterra, contudo, compreendemos que eu não era suficientemente conhecido na nossa terra, para poder correr o risco de «abandonar» os meus «fãs» conquistados havia pouco tempo, fazendo ausências tão prolongadas.

Os dois discos seguintes foram um falhanço e desapareci das listas dos melhores. Naturalmente, fiquei preocupado. Quando tudo corria mal pensava que nunca falharia.

Mas o receio aumentava. Olhando para trás, agora, sinto-me feliz por isto ter acontecido. Compreendi que não era seguro estar dependente,

exclusivamente das camadas mais jovens cujo interesse aparentemente só podia manter-se à custa de «hit parade».

Tinha que procurar outro caminho. Colin Berlin, o meu agente, achou a solução quando me arranjou um contrato para uma digressão pelos clubes nocturnos do Norte.

Até então, as minhas actuações tinham sempre durado apenas 35 minutos, durante os quais a multidão gritava.

Agora tinha que aparecer numa pequena plataforma, por entre mesas cheias de gente, apresentando-me a mim próprio e ao meu grupo, perante um público sofisticado.

Lembro-me de ter dito a Gordon Mills, o meu director, que não me achava preparado para o fazer.

No entanto, desde a noite em que nos estreámos no «La Dolce Vita» de Newcastle, repetindo o espectáculo num outro clube em Stockton, a «tournée» excedeu tudo quanto previra. Excedeu mesmo todos os recordes obtidos em clubes nocturnos.

Significava que não tinha necessidade de constar das listas dos melhores para ter o meu público.

Isto deu-me um sentimento de confiança.

Decidi seguir numa outra direcção, e encontrei o tipo preciso de balada que pretendia num álbum de Jerry Lee Lewis, o meu artista favorito.

Chamava-se «Green Green Grass of Home» e ofuscou todos os meus «hits» anteriores.

Depois, foi a vez de «Detroit City», «Funny Familiar Forgotten Feelings», «I'll Never Fall in Love Again», «I'm Coming Home» e «Delilah», todos eles «Top Ten».

FOI A TV QUE O FEZ MILIONÁRIO

Tom é agora um nome nacional e Gordon Mills achou que tinha chegado a altura de uma nova campanha de promoção na América. Contudo, e em primeiro lugar, Tom tinha que aparecer em público em Londres num encontro de artistas do «music-hall» num «cabaret». Dennis Holman perguntou a Tom se se sentia nervoso.

«Não exactamente nervoso, mas assustado. Na noite da minha estreia quase toda a gente que se interessava pela «po music» estava ali — para ver se a minha actuação num «cabaret» correspondia aos recordes obtidos.

A actuação prolongou-se por 50 minutos, que eu pensava seria demasiado, mas os aplausos, que ainda hoje ecoam nos meus ouvidos, disseram-me que tinha conquistado as suas atenções.

Las Vegas, Nova Iorque, Miami e a Costa Oeste da América. O sucesso desta «tournée» teve como resultado a gravação de uma série de programas coloridos para a televisão.

Estes programas seriam gravados nos estúdios da ATV em Borehan Wood, e fariam de Tom um milionário. Dennis Holman perguntou-lhe se alguma vez se tinha sentido preocupado pelo facto de possuir uma voz que, pelo seu valor, devia ser tratada quase com os mesmos cuidados que uma obra-prima de Rembrandt.

«Há dois anos tive que cortar as amígdalas — estavam infectadas e causavam-me preocupações. Antes de voltar para casa depois da operação perguntei ao especialista se poderia fumar e beber.

«Se quer continuar a cantar, acabaram-se as bebidas e os cigarros», disse «mas pode beber algum vinho ou cerveja e fumar cachimbo ou charuto».

Optei pelos charutos e pelo champanhe. Pode parecer demasiado opulento, mas o champanhe ajuda-me a arranjar optimismo antes de subir para o palco.

Há oito anos, comecei a ter lições com uma professora de canto, no País de Gales, pensando que se queria tornar-me cantor profissional deveria aprender o «ofício». Aconselhou-me a não tentar treinar a minha voz.

«Você canta naturalmente, o que está bem para a «pop music», porque a «pop music» é um tipo de expressão informal. O treino tirar-lhe-ia a espontaneidade. Sob o ponto de vista musical, algumas das suas notas não estão bem, mas, mesmo assim, elas fazem parte do seu estilo».

Agradou-lhe o modo como eu tinha começado, projectando a minha voz em lugar de armazenar notas na cabeça, o que é o maior erro de muitos cantores inexperientes.

Contudo, necessitava aprender a controlar a respiração, e ela ajudou-me.

Embora não leia música tenho bom ouvido e boa memória. Tudo o que necessito é de alguém que toque, uma vez, a nova melodia, depois leio a letra e posso começar a cantá-la.

Acidentalmente, a minha voz nunca sofreu baixas quando era rapaz. Foi sempre uma voz forte. Não sei qual é a minha nota mais alta. Normalmente, canto descontraído, embora às vezes me enerve.

No ano passado, no espectáculo do Royal Variety, estava à vontade até que vi Bob Hope e Harry Scombe afixando as unhas. Imediatamente comecei a sentir uma impressão no estômago.

Além de cantar, na televisão tenho que ser

«Deixei o meu emprego na fábrica e arranjei outro como operador de máquinas passando a ganhar melhor. . . Era um trabalho duro, e desde que comecei a fazer horas extraordinárias para aumentar o salário, praticamente deixei de cantar.»



apresentado e apresentar, entrevistar e representar ao lado de grandes vedetas internacionais — a maioria das quais muito experientes.

Estou naturalmente preocupado, mas Gordon Mills treinou-me este papel.

Receio os perigos do sucesso rápido, mas depois de tudo aquilo que passei, sei para onde vou. O meu sucesso deve-se, em grande parte, à direcção artística de Gordon Mills.

Um dos contras do sucesso é o facto de a vida se poder tornar artificial, a menos que se lute firmemente pelas coisas que consideramos fundamentais.

Sempre mantive laços com a minha família e com a de minha mulher, Linda. Quando fixei residência em Londres comprei também uma casa para a sua mãe e outra para os meus pais, para que eles pudessem viver perto de nós. Passamos juntos muitos fins-de-semana. Ao pé deles posso ser eu próprio.

Para as pessoas de Pontypridd sou mais conhecido como filho de Tom Woodward do que como Tom Jones, o cantor.

OS PAIS DE TOM JONES, FALAM DO FILHO

Estamos sentados na sala de estar da casa do Sr. e da Sr.^a Tom Woodward em Shepperton, Middlesex, que lhes foi oferecida pelo filho.

É uma sala em forma de U. De um dos lados

TOM JONES

há um semi-círculo formado por cadeiras de braços, alinhadas em frente de um aparelho de televisão. Do outro lado fica a sala de jantar.

Falamos sobre Tom e sobre os efeitos que o sucesso produziu nele.

A Sr.^a Woodward diz que «ele nunca mudou. É o mesmo Tom de sempre. Sempre a cantar», enquanto o pai de Tom lamenta: «É uma pena que o meu irmão George tenha morrido. Ele gostaria de ver o Tom agora».

«Algumas vezes, quando oiço Tom cantar uma balada parece-me ouvir o meu irmão George. George adorava baladas. Era presidente da comissão recreativa do clube de trabalhadores. Costumava dizer: «Esperem até o Tom crescer e começar a cantar para nós.»

«Mas eu dizia-lhe que não queria vê-lo a cantar ali», interrompeu a Sr.^a Woodward.

«Lembro-me que Guy Mitchell era um dos seus favoritos», continuou o sr. Woodward. «Tom e George eram capazes de passar horas ouvindo os discos dele e cantando-os depois em conjunto».

George tinha certamente uma grande influência sobre Tom, sugeri. O sr. Woodward concordou, e sua mulher acrescentou:

«Tom seguiu os seus passos em vários aspectos. Como George, era impossível impedi-lo de cantar».

«Vi Tom chegar a casa, depois de uma noite perdida no Norte, morto de cansaço, e deitar-se durante duas horas. Depois levantava-se, tomava banho, e recomeçava a cantar ainda no banho. Quando vivíamos em Pontypridd os vizinhos podiam ouvi-lo pela janela da casa de banho».

Segundo o sr. Woodward, Tom sempre foi um rapaz absolutamente igual a qualquer outro. Normal.

Mas a sr.^a Woodward não está completamente de acordo: «Era um rapazinho encantador. E isso fazia-me, por vezes, recear que alguém quisesse tirá-lo».

Mas um dia, na realidade, a sr.^a Woodward perdeu Tom, quando estavam a passar férias em Barry Island. Tom tinha dois anos. Depois de o ter procurado durante mais de hora e meia, encontrou-o finalmente na cidade.

«Agarrei-o pela mão e voltava quando uma mulher que passou por nós disse: Olha, é o Tommy Woodward que mora no 44 de Laura Street, de Pontypridd».

«Como é que sabe isso?» perguntei-lhe espantada.

«Bem», disse ela, «encontrei-o perdido, e ele disse-me o nome e a morada, mas não quis ficar comigo».

Perguntei à sr.^a Woodward quais as qualidades características da personalidade de Tom.

«Determinação», respondeu a mãe de Tom. Certa vez disse-me: «Há-de chegar o dia em que me afirmarei». Tinha, nessa altura, cerca de 15 anos mas eu sabia que isso estava na sua mente havia muito mais tempo».

O que realmente provou a sua determinação foi o tempo que Tom e os membros do seu grupo passaram em Londres antes de alcançarem o sucesso. Um tempo durante o qual pouco mais puderam fazer além de esperar.

«Apenas uma vez ele vacilou», disse a sr. Woodward, e não foi por estar a pensar nele próprio. Tinha vindo a casa pelo Natal e ficou preocupado ao ver todo o trabalho que sua mulher tinha para manter a casa. Então, falou em desistir e recomeçar a trabalhar.

«Aconselhei-o a esperar mais um pouco, pois tudo se resolveria como ele queria».



«Compreendi a posição de Gordon, mas isso não diminuía o meu descontentamento»

Passado pouco tempo perdi de vista aquele meu objectivo, porque outro se sobrepôs; estava apaixonado por Linda, a minha companheira de infância

Tom regressou para Londres, depois do Natal. Quando voltou a casa trazia consigo a gravação de «It's Not Unusual», mas ainda não sabia qual seria o resultado.

«Se eles aceitarem a gravação, isso será o começo» — dizia a mãe.

Passado algum tempo, Tom telefonou de Londres, dizendo que a «Decca» tinha resolvido que seria ele a gravar o disco.

«O disco conseguiu uma boa classificação no «Top Ten», disse o pai de Tom. «Quando veio anunciado nos jornais que Tom alcançara o primeiro lugar, recebemos felicitações de todos os vizinhos».

«Nessa noite fizemos uma grande festa e, pela primeira vez, bebemos champagne».

Tom costumava dizer ao pai: «Assim que começa a ganhar bem, vais deixar de trabalhar».

O sr. Woodward lembra: «Há cerca de três anos, eu e minha mulher fomos visitar Tom e Linda a Londres. Nesse dia, Tom disse-nos que, para nós, o trabalho tinha acabado».

«Perguntei-lhe se não achava mais prudente eu continuar a trabalhar durante mais algum tempo até ver como corriam as coisas, mas ele disse que não».

UM OBJECTIVO DESTRUÍDO

Tocaram à porta. Era Chris Ellis que conhecera Tom havia sete anos.

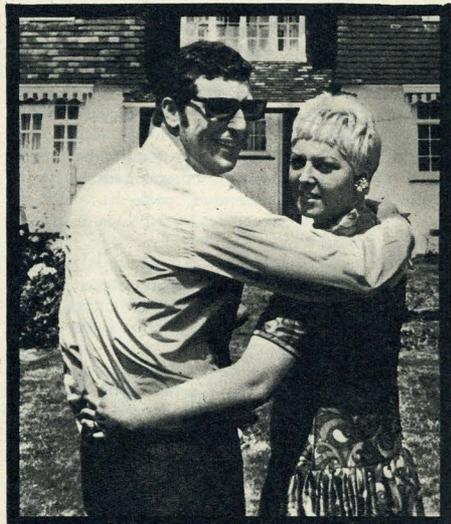
Ellis juntou-se ao grupo, quando este se formara e pretendeu conduzi-lo para um objectivo que depois foi destruído. O grupo fora apenas um passatempo para Ellis, não o acompanhando quando este se deslocou para Londres. Mas depois de «It's Not Unusual» Tom perguntou-lhe se não queria tornar-se o director do grupo.

Entrando na nossa conversa, Ellis recorda: «Tom esteve sem carro durante algum tempo».

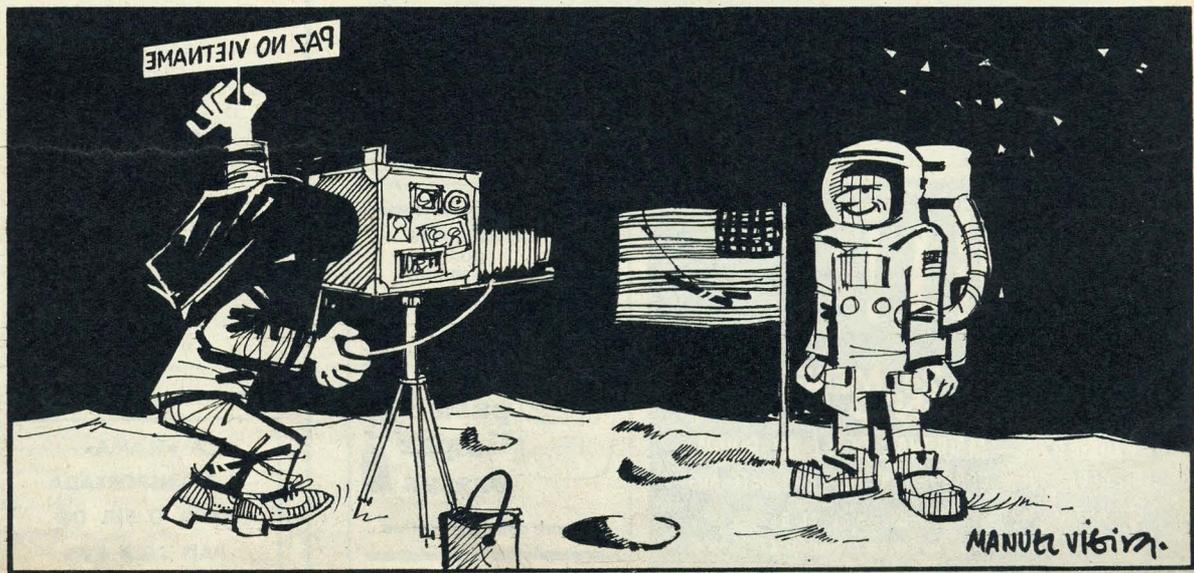
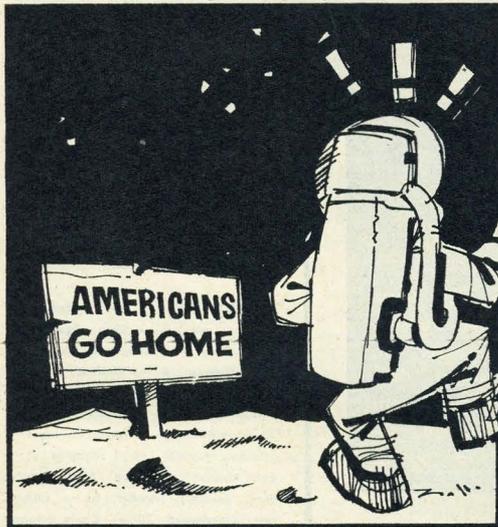
«Depois comprou um «Jaguar». Fui com ele quando o conduziu pela primeira vez. Numa curva, Tom chocou com outro carro. A partir daí foi aperfeiçoando a sua técnica de condução, mas normalmente prefere que seja eu a conduzir. Agora tem um «Rolls-Royce» e senta-se no banco da retaguarda para não ser assaltado pela multidão quando o trânsito fecha».

Depois da saída de Chris Ellis, disse para a sr.^a Woodward que ela se devia sentir contente por saber que Tom estava entregue em boas mãos.

«Sim», respondeu. «Isso é muito importante».



© Lua que estás
tão perto
redonda como uma abóbora





SUPER PANELA DE PRESSÃO

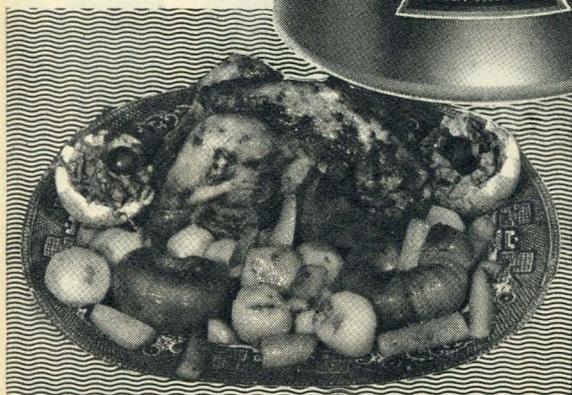
Hispano Suíza

modelo
marmitex

sempre
a tempo e...
mais
saborosos...



sonarte



Utilize os seus compartimentos auxiliares. Poderá ter ao mesmo tempo dois pratos diferentes sem que tomem o sabor um do outro.

Representantes:

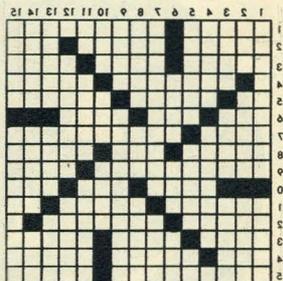
RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

RUA PASCOAL DE MELO, 127 — LISBOA — TEL. 53 64 43

RÁDIO ATLÂNTICA

Rua de Santa Catarina, 615 - 1.º — PORTO

**PALAVRAS
CRUZADAS**



PROBLEMA N.º 975

HORIZONTAIS: 1 — Ligue-me; desabrochas. 2 — Cilindros; opulenta; reze. 3 — Homem que foi beatificado; nome de mulher (pl.); remédio. 4 — Banir; por data em. 5 — S.q. do «rádio»; feiticeiros; lauda; 6 — Passado; imensidão; faz novelas; 7 — Forma popular de José; Totalidade (pl.). 8 — Mentira; santo; perfume. 9 — Interesseiro; suplicam. 10 — Circulos; realizei; decâmetro quadrado. 11 — Título de nobreza (pl.); saques vogais iguais. 12 — Árvore ornamental; voltar a cejar. 13 — Existência; abundante; esmola. 14 — Nome de mulher; absorver; ceifar. 15 — Lamentara-se; pedira.

VERTICAIS: 1 — Plantam árvores em; cova. 2 — Dote; liga-se; oliveira. 3 — Prender-se com elos; escavar; flutuam. 4 — Rodem; agremiação literária existente em Portugal, no século XVIII. 5 — Separam; área; s.q. do «bromo». 6 — Nome de homem; pronomes pessoais (pl.); monarca. 7 — Estrondosas; ribanceira. 8 — Azáfamas; oceano; enredar. 9 — Esburacar; deteriorara. 10 — Chefe etíope; lotaria (abrev.); metal precioso. 11 — Pertences; árvore da Índia; ciumento. 12 — Pástaro canero; ter experiência. 13 — Refúgio; arre. suplica. 14 — Desacertas; suplicara; pátria. 15 — Msse; propagadora.

Solução do problema número 974:

Abicar — admirada — ganapa — lei — arar — alapa — sis — apito — selar — recatadas — t — acem — aramado — re — icon — mes — os — imateriais — am — aera — gis — coas — ar — desagrudou — im — por — roam — sr — nacarar — aipo — p — anatómico — vapor — líos — mar — Odete — anal — pós — ásarcs — Milanese — gescso.

AGORA!

**CRÉDITO A 24 MESES
SEM PAGAMENTO INICIAL**

**FRIGORÍFICOS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — CONSULTE-NOS**

ASTROTECNICA Rua dos Anjos, 71 - B

Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58 - B

**OS MELHORES
OURIVES
DE TODO O MUNDO
RECOMENDAM**

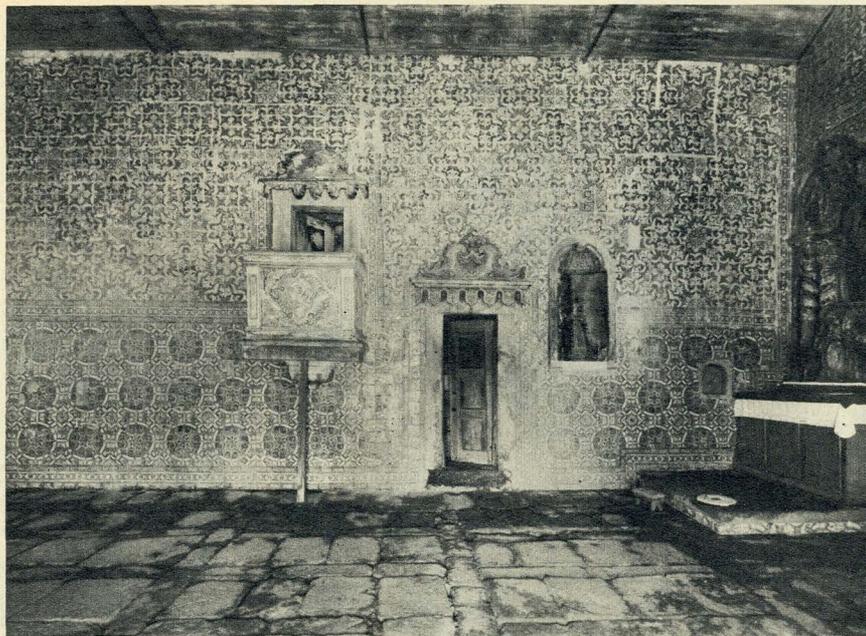


Hagerty
anti-oxidante
para pratos

Hagerty
**para
limpar
pratas**

procure nas ourivesarias

**A «FLAMA»
É TRANSPORTADA
PARA O SUL DO
PAÍS PELA EVA**



SALVA DA RUÍNA A CAPELA DA SENHORA DA OLIVA

blicidade e Relações Públicas, arquitecto Fernando Vieira Campos, também da Fábrica OLIVA, o gerente de Máquinas OLIVA Comercial, Lda., Joaquim Garcia Gonçalves, e o chefe da zona de Viseu, Alberto da Gama Xavier Pereira.

Falaram, durante a sessão solene que se realizou, o sr. eng. Manuel Soares Correia, como representante da população do Tojal, e, referindo-se elogiosamente à iniciativa tomada pela OLIVA e dando conta do júbilo que todos sentiam pelo início das obras, o presidente da Câmara de Sátão e o pároco dessa vila. O senhor D. Domingos de Pinho Brandão, seguidamente, rezou missa, tendo, à homilia, produzido brilhante oração em que chamou a atenção para o alto significado daquela cerimónia e realçou o exemplo, único no País, dado pela OLIVA, ao promover a reintegração de tão preciosa peça da arquitectura religiosa portuguesa.

As individualidades citadas foi oferecido almoço, em Viseu. Pela Fábrica OLIVA falou o sr. eng. Gil da Silva, pela Família Oliva o sr. dr. José de Brito Gutterres, e, em nome da equipa que efectuou os estudos relativos ao restauro da capela, o sr. Eng. Santos Simões. Encerrou a série de discursos o senhor Bispo de Viseu, que, com grande brilho e em frases de fino recorte, disse de quanto era exemplar a iniciativa da OLIVA.

Directores dos jornais de Viseu e Sátão e correspondentes dos jornais diários assistiram a todas as cerimónias e, dado o interesse de que o acontecimento se revestia, foram tomadas imagens do evento por equipa da Radiotelevisão Portuguesa, chefiada pelo rev. sr. dr. Videira Pires.



Vai-se proceder ao restauro da Capela de Nossa Senhora da Oliva, no Tojal, concelho de Sátão, patrocinado e subvencionado pela Fábrica OLIVA, de S. João da Madeira, o que constitui a primeira manifestação de mecenato artístico no nosso País.

Os diversos aspectos da reintegração da deslumbrante capela seicentista foram cuidadosamente estudados pelos senhores D. Domingos de Pinho Brandão, eng. Santos Simões, dr. Flório de Vasconcelos, professor pintor Amândio Silva e arc. Eduardo Coimbra Brito, autor

do projecto de restauro, os quais trabalharam nesse estudo alguns anos. Depois de removidas várias dificuldades, deu-se oficialmente início às obras, no passado dia 14, com acto festivo e solene a que a população do Tojal se associou jubilosamente.

Além de diversas outras entidades estiveram na Capela de Nossa Senhora da Oliva os senhores Governador Civil de Viseu, eng. Manuel Augusto Engrácia Carrilho; Bispo de Viseu, D. José Pedro da Silva; Bispo de Filca e Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho

Brandão; Presidente da Câmara Municipal de Sátão, dr. António de Figueiredo da Costa Faro; Director das Estradas de Viseu, eng. Luís de Pinho Correia de Sá; Pároco de S. João da Madeira, Padre Moura de Aguiar; e representantes da Família do Fundador da Capela, D. Feliciano de Oliva e Sousa.

A recebê-las estavam o Pároco de Sátão, padre Albano Martins de Sousa, o administrador-delegado da Fábrica OLIVA, eng. Gil da Silva, o director da mesma empresa, Fernando de Novais, dr. Renato Figueiredo, chefe da Divisão de Pu-



No ano da chegada à Lua, a Espanha decidiu voltar à monarquia. O Generalíssimo Franco, que há anos preparava para a sucessão o Príncipe das Astúrias, Don Juan Carlos, apesar da pretensão ao trono por parte do Conde de Barcelona, convocou as Cortes a semana passada e obteve a aprovação da lei que abre o caminho para uma personalidade tão conhecida dos portugueses. Um pai lutou e perdeu. Agora, resta a «nuestros hermanos» aprender a gritar «arriba Carlos».

Deixem-me em paz. Sou um espanhol como os outros». Don Juan de Bourbon, o conde de Barcelona, filho de Afonso XIII, assim respondeu aos jornalistas de todo o Mundo que o procuravam na Vila Giralda, em Cascais, onde há um quarto de século vive em exílio com o olhar posto no trono de Espanha. A escassos seiscentos quilómetros de distância, em Madrid, o seu próprio filho, Don Juan Carlos, preparava-se para aceitar das mãos do generalíssimo Franco a coroa que seu pai ambicionava.

Sem que os turistas e veraneantes da cosmopolita Costa do Sol o suspeitassem, a Vila Giralda, residência dos Bourbons,

A ESPANHA: ARRIBA CARLOS



tucional, com liberdades formais e pluralistas, ou seja, com partidos políticos e uma oposição organizada, o que desde logo desagradou ao estratega vitorioso da sangrenta guerra civil, sobretudo na década de quarenta, quando as simpatias de Madrid se voltavam para o Eixo.

No exílio desde 1941, devido à incompatibilidade ideológica e de feitos com o Generalíssimo, o Conde de Barcelona nas suas frequentes e claras declarações emanadas do Estoril, sublinhou a posição firme de pretender um regime monárquico baseado na legalidade.

REUNIÕES TEMPESTUOSAS

Eram tempestuosas algumas das reuniões na Giralda. Alguns elementos do conselho privado de 84 membros e do «gabinete sombra» chefiado pelo conde de Motrico, político brilhante que tem representado o governo de Franco em diversas capitais europeias, tiveram dificuldade em chegar a acordo sobre o que aconselhar àquele a quem haviam jurado fidelidade.



O príncipe Don Juan Carlos e o Generalíssimo Franco presidindo a um desfile militar em Madrid. À ESQUERDA: Juan Carlos, moldado por Franco num sentido diferente da educação que o pai lhe teria ministrado.

O futuro Rei de Espanha com Fernando Maria Castiella, Ministro dos Assuntos Exteriores, Dom Camilo Alonso Vega, Ministro do Interior, e o Generalíssimo Franco.

era teatro de encontros sucessivos. Em torno do pretendente, os monárquicos espanhóis reflectiam sobre a melhor atitude a tomar face às indicações, cada vez mais seguras, de que Franco iria nomear o sucessor.

Era o drama pungente dum político que pressentia a chegada da derrota, o desgosto desconforme dum pai que, sem desejar «dividir os espanhóis», experimentava a dolorosa oposição do próprio filho.

Embalado pela vaga mansa da baía de Cascais, o iate «Giralda» estava pronto e aparelhado para largar. «Don Juan de Bourbon — comentavam os seus íntimos — é um homem de personalidade forte. Não cederá. Estamos prestes a ouvir a sua pala-

vra. Depois, pegará na modesta cesta de verga onde costuma guardar os mantimentos, e embarcará no iate branco. Estamos certos de que não ficará em terra, à espera das notícias de Madrid...».

DAS MÃOS DE AFONSO XIII

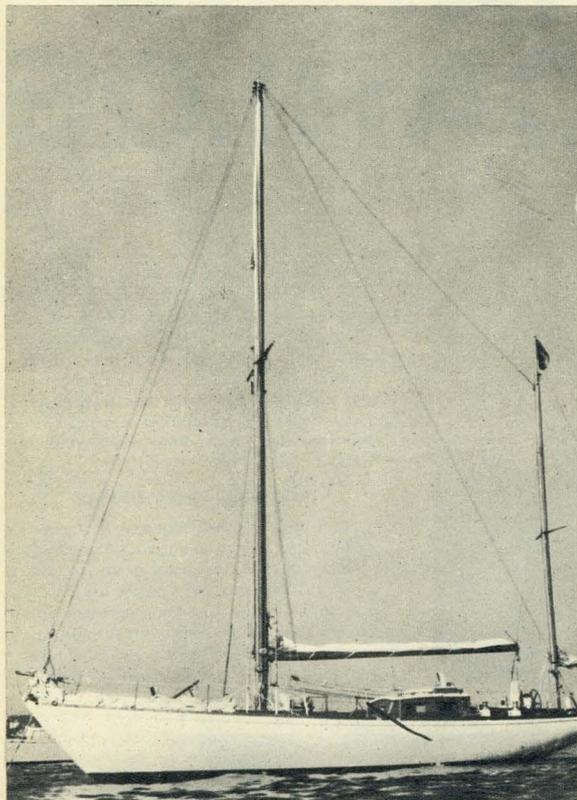
Em 1941, Afonso XIII morreu no exílio romano, não sem que antes tivesse aceitado a transferência dos direitos sucessórios do seu primogénito, que sofria de incapacidade, para Don Juan, Conde de Barcelona.

O novo chefe da Casa Real espanhola desde jovem mostrou a sua inclinação para um tipo de monarquia «britânica», consti-

Mas, finalmente, o secretário particular do Conde de Barcelona distribuiu um comunicado que rapidamente se espalhou por todo o Mundo e que apenas os espanhóis não leram, graças (segundo as agências noticiosas) às pressões exercidas junto dos directores dos jornais espanhóis pelo ministro da Informação, Fraga Iribarne.

Era um papelinho branco, dentro dum envelope vulgar, mas que será encadernado como verdadeira página de história da Espanha. Nesse documento repassado de tristeza, o Conde de Barcelona, em palavras dignas, reveladoras de um carácter, reafirmava uma posição.

A ESPANHA: O FIM DA PRETENSÃO



À ESQUERDA: Durante dois dias, cruciais no destino político do seu País, o Conde de Barcelona andou ao largo no seu iate «Giralda». EM BAIXO: A partida para a curta viagem, tendo como fundo a vila de Cascais.

«QUERO-LHE COMO A UM FILHO»

Convocadas pelo Generalíssimo Franco, as Cortes para 22 de Julho, a fim de se pronunciarem sobre a sucessão, Juan Carlos entrava no «sprint» final para o trono. «Quero-lhe como a um filho», tem dito, por diversas vezes, o Caudilho. E também o quis como sucessor e o querer de Franco tem em si condimentos de força para levar avante uma ideia. Juan Carlos começou já a polarizar o apoio de muitos monárquicos que ainda a semana passada pareciam indefectivelmente ligados a seu pai.

O futuro rei passou o dia 22 no seu palácio da Zarzuela, não muito longe do Prado, de Franco, com o pensamento dividido entre as Cortes, que não tardarão a fazê-lo rei, e aquele iate branco que tantas vezes ajudou a tripular.

Mas quem é afinal este príncipe que vem juntar o seu nome ao dos tribulados reis da velha Europa?

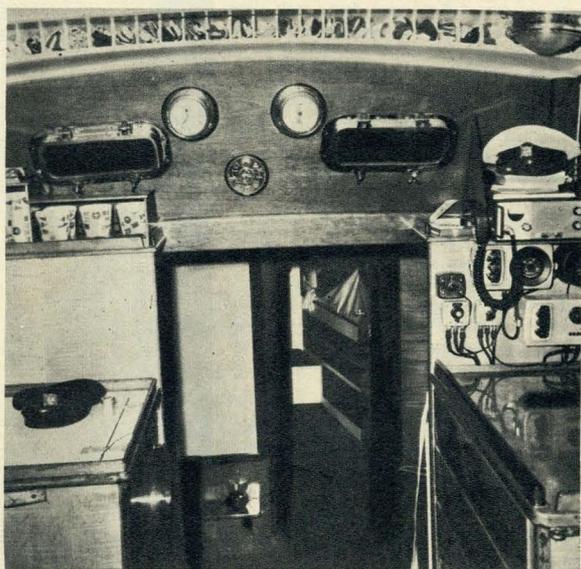
«Juanito», como os íntimos o apelidam, é, aos trinta e dois anos, um homem concentrado, de ombros largos, com 1,88 de



altura, cabelo de um louro escuro, capaz de pilotar velozes e caros automóveis com a mesma perícia com que cruza os céus nos jactos (americanos) da Força Aérea Espanhola. Durante vinte e um anos, foi cuidadosamente educado por Franco, que o moldou para uma concepção de poder inteiramente diferente da que lhe teria transmitido o progenitor. Nasceu em Roma, a 5 de Janeiro de 1938. Baptizou-o o cardeal Pacelli, futuro Papa Pio XII. Foi em Roma que viveu até aos quatro anos, idade com que se mudou, com a família, para Lausana (Suíça). Em Friburgo, num colégio de religiosos, fez os primeiros estudos, que interrompeu aos oito anos, quando a família, seguindo o exemplo de outros monarcas destronados, resolveu fixar residência em Portugal.



A cesta posta no cais pertence a um homem que poderia ser Rei. À ESQUERDA: Interior do iate «Giralda».



Aos dez anos, João Carlos foi para Espanha, a fim de fazer o curso dos liceus. O Conde de Barcelona, quiçá, pensando no futuro da Espanha e da sua Casa Real, entregou assim a educação e formação espiritual do primogénito a Franco, com a consciência plena de que este iria fazer dele o sucessor do trono. Estudou com professores militares e civis, esteve no Colégio del Carmen (para filhos de marinheiros), na Academia Militar de Saragoça, na Escola Naval de Marin e, hoje, é capitão do Exército e da Aviação e tenente da Marinha.

Obviamente, a sua educação não podia incidir apenas sobre temas militares. Em 1960, recebeu lições de Literatura e História. Nas Faculdades de Direito e Filosofia e Letras de Madrid, seguiu, depois, cursos monográficos de Direito, Economia, Ciências Políticas e Filosofia. Visitou e estudou os diversos ministérios civis, onde altos

funcionários o puseram ao corrente dos respectivos problemas. Entretanto, continuava a preferir o clima ameno do Estoril para os períodos de férias, ao lado do pai, das duas irmãs, Maria del Pilar e Margarita, e do irmão, Afonso. E foi precisamente num destes períodos de vilegiatura que ocorreu o acidente que custou a vida do príncipe Afonso, o primogénito, atingido por uma arma de fogo a cuja limpeza se procedia. Foi em princípios do ano de 1960.

Em 1962, pondo termo a inúmeras especulações da Imprensa «cor de rosa» que indigitavam como suas noivas a jovem colombiana Luz Marina e até a esguia Gabriela de Sabóia, filha de outro exilado de Cascais, o ex-rei Humberto de Itália, Juan Carlos uniu os seus destinos à princesa Sofia da Grécia, hoje com 30 anos, irmã de Constantino, deposto pelos coronéis helénicos.

Animam as vastas salas do Palácio da Zarzuela, onde Juan Carlos continuará a aguardar o momento do render da guarda, quando receber das mãos do Caudillo, de 76 anos, as rédeas do poder, três crianças entregues à guarda duma perceptora inglesa; Helena, de cinco anos, Cristina, de quatro, e Filipe, o varão nascido o ano passado.

A MENSAGEM DE FRANCO

As Cortes escutaram com atenção a mensagem de Franco:

«Se a democracia inorgânica dos partidos políticos pode constituir, para outros povos, um sistema, senão de felicidade, ao menos de passado, já se viu por duas vezes na nossa história o que a República representou para a nossa pátria. O mal não residia nos seus homens, mas sim no sistema».

O Generalíssimo referiu-se também ao «consenso geral», manifestado em dois plebiscitos populares, que a nação espanhola prestou à forma monárquica em 1947, e o outro em 1966, com a lei orgânica do Estado.

«Com um intervalo de vinte anos, praticamente duas gerações sucessivas de espanhóis foram consultadas e deram, quase unânimemente, a mesma resposta. Não é possível manifestação mais terminante da vontade popular, nesta ordem de designação de sucessor na chefia do Estado».

(D. Juan Carlos) «pertencendo à dinastia que reinou na Espanha durante séculos, deu claras provas de lealdade aos princípios e instituições do regime, está estreitamente ligado aos exércitos de terra, mar e ar, nos quais forjou o seu carácter, e nos últimos vinte anos tem sido perfeitamente preparado para a alta missão a que podia ser chamado».

«A resolução deste problema sucessório fica desta forma perfeitamente definida e clara, e dará, tanto aos de dentro como aos de fora, uma garantia de continuidade, acabando definitivamente com as especulações internas e externas e com os enredos políticos de determinados grupos, ao ter o príncipe um estatuto que o define como herdeiro, que lhe permitirá consolidar a meu laço a sua formação e aperfeiçoar o conhecimento dos problemas nacionais».

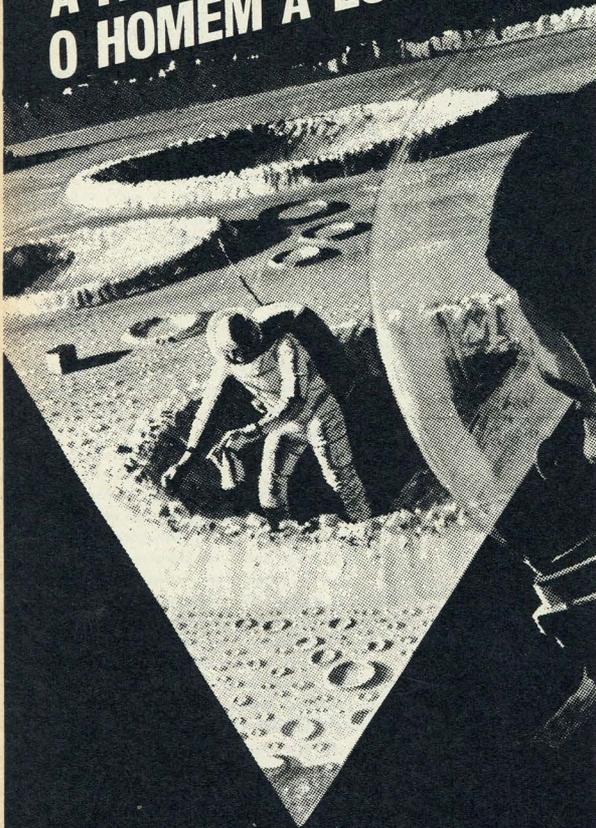
«A designação de Don Juan Carlos «faz-se em tudo, conforme o carácter da nossa tradição, assegura a unidade e a permanência dos princípios do Movimento Nacional, está em tudo conforme com as normas e as previsões das nossas leis e na pessoa confluem os dois ramos que, no seu tempo, determinaram as pugnas sucessórias do século passado» (referência às lutas dinásticas espanholas do século XIX, que custaram ao país, duas guerras civis).

«DESEJO QUE O DIA TARDE»

Funcionando com 519 deputados, as Cortes aprovaram com apenas 19 votos desfavoráveis a Lei que virá dar o trono ao Príncipe das Astúrias e, segundo a qual quando vagar a direcção do Estado, será instaurada a coroa na pessoa do príncipe Don Juan Carlos de Bourbon y Bourbon, que transmitirá, segundo a ordem regular de sucessão. Logo que se dê a vacatura o príncipe será proclamado rei pelas Cortes, cuja mesa esteve no Palácio da Zarzuela, para comunicar o resultado da votação ao agora Príncipe de Espanha. No decurso de uma nova sessão do Parlamento,

SEGUE

SABE
QUE USA DIÀRIAMENTE
A TÉCNICA QUE LEVOU
O HOMEM À LUA?



A resposta está nos pneus Mabor do seu carro

Accionando a cápsula Apolo 11 com o motor SPS, a Aerojet General comprovou, uma vez mais, a sua avançada técnica. E essa mesma técnica está ao serviço nos pneus MABOR que equipam o seu carro. Porque a Aerojet e a MABOR, associadas da General, compartilham dos resultados das suas investigações e progresso científico. Viaje com a segurança de saber o seu carro equipado com pneus concebidos por uma empresa que tomou parte na conquista da Lua. Prefira a técnica MABOR.



Ciência e Técnica ao Serviço da Segurança

A ESPANHA NA HORA DA SUCESSÃO

o futuro rei prestou juramento e pronunciou o seu primeiro discurso na nova qualidade:

● «Formado na Espanha surgida em 18 de Julho, conheci passo a passo as importantes realizações que se conseguiram, sob o mandato magistral do generalíssimo. Este acto, transcendente para mim, representa a minha entrega total ao serviço da pátria. A minha aceitação inclui uma promessa firme formulada perante vós para o dia — que desejo tarde muito tempo — em que tenha de desempenhar as altas funções para que me designais, dedicando todas as minhas forças, não só ao cumprimento do dever, velando porque o princípio do nosso movimento e leis fundamentais do reino sejam observados, mas também para que, dentro dessas normas jurídicas, os espanhóis vivam em paz e consigam em cada dia um progresso crescente, nos domínios social, cultural e económico.

«Rogo-vos, pois, senhor vice-presidente do Governo e senhor presidente das Cortes, que assim o comunicais, respectivamente, a sua excelência o chefe do Estado e às Cortes espanholas.

«Que Deus me ilumine e me ajude no perseverante serviço à nossa amada Espanha, e que em cada dia sejam uma realidade plena os nossos anseios de unidade, de grandeza e de liberdade da pátria».

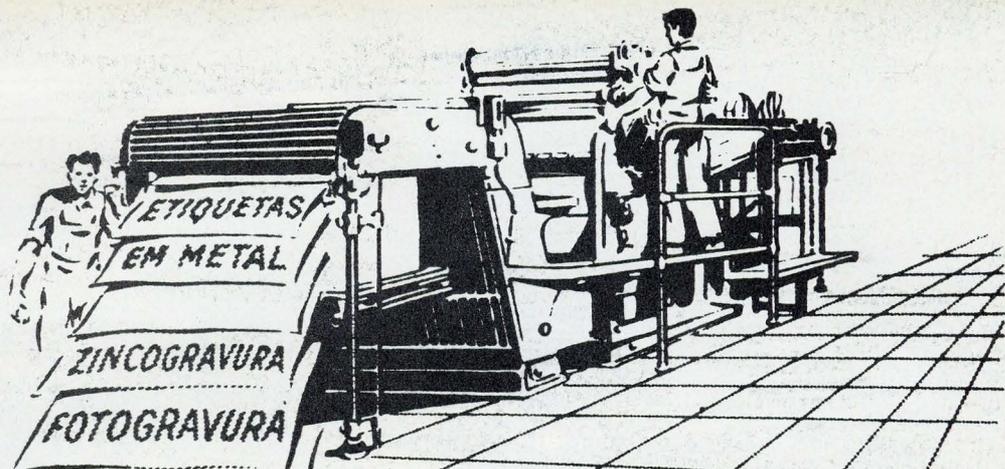
Terminadas as palavras do príncipe D. Juan Carlos, o ministro da Justiça e notário-mor do reino, António Maria de Oriol, leu a acta da cerimónia, em que se inscrevem o acordo das Cortes, o texto da lei e os nomes das personalidades que estavam presentes. A acta foi feita em quatro exemplares, destinados ao próprio príncipe da Espanha, à mesa das Cortes, ao chefe do Estado e ao protocolo da família real, que se conserva no Ministério da Justiça.

Assim renasceu, como há 136 anos, uma rivalidade entre dois ramos da monarquia espanhola. Os Bourbons, descendentes de uma baronia do séc. IX, deram reis à França, à Espanha e à Itália e os seus descendentes estão ligados a muitas das casas reinantes da Europa, mas a decisão de Franco, que muitos falangistas condenam, não deixou também de enfurecer os carlistas, que defendem os direitos de Carlos Hugo de Bourbon Parma, marido da Princesa Irene da Holanda, e expulso o ano passado de Espanha.

A eventual coroação de Juan Carlos restaurará por outro lado os laços (tão fracos neste momento) com a Coroa Britânica, pois a rainha Vitória Eugénia, que há tempos faleceu na Suíça, era por sua vez neta da Rainha Vitória de Inglaterra.



Juan Carlos («Juanito» como os íntimos lhe chamam) é, aos trinta e dois anos, um homem concentrado, com um metro e oitenta e oito de altura, cabelo de um louro escuro, desportista, capaz de pilotar velozes automóveis como potentes jactos da Força Aérea Espanhola.



ETIQUETAS
EM METAL

ZINCOGRAVURA
FOTOGRAVURA

TODOS OS
TRABALHOS EM

FOTOLITO

IMPRESSÃO

OFFSET

**FOTOGRAVURA
NACIONAL, L^{DA}**

RUA DA ROSA - 269 - 277
TEL. 320958

LISBOA

AS CAPAS E PÁGINAS CENTRAIS DESTA REVISTA
FORAM EXECUTADAS NAS NOSSAS OFICINAS



QUALITY LUXURY COMFORT

Em qualquer grande Metrópole, a Elegância calma e segura de um notável carro europeu. OPEL REKORD «L» O automóvel onde o espaço interior se reveste, até nos mais pequenos pormenores, de um quase imperceptível toque aristocrático. O bom gosto de um ambiente distinto e confortável. OPEL REKORD «L». Simplesmente, algo mais que só um carro.

A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

REKORD L



Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país.